

GRATIDÃO



E PAZ

Francisco Cândido Xavier
Hércio Marcos C. Arantes
Espíritos Diversos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

GRATIDÃO E PAZ

**FRANCISCO CANDIDO XAVIER
HÉRCIO MARCOS C. ARANTES
ESPÍRITOS DIVERSOS**

Sumário

Gratidão e Paz, Emmanuel

I - "Minha gravidez era um acontecimento mais na alma que no corpo"

Inês Severo Ruivo (Cubatão, SP) **05**

2 - "Não me acovardaria a ponto de eliminar o meu próprio corpo"

Paulo Eduardo Teixeira da Silva (Pirassununga, SP) **11**

3 - Regresso de uma flor ao jardim da verdadeira vida

Dona Maria da Luz Simões (São Carlos, SP) **17**

4 - Jovem atuante em núcleo assistencial da crosta terrestre

Ricardo Tunas Costa Leite (Niterói, SP) **21**

5 - "Voltei à vida nova de consciência tranqüila"

Silvio Romeno Gonçalves Monteiro (Capibaribe, PE) **34**

6 - "Mãe, não era a moto que eu amava mais"

Kleber Silveira de Souza (Porto Alegre, RS) **37**

7 - "Peço-lhes perdão para os meus opressores"

Antônio Martinez Collis (São Paulo, SP) **41**

8 - "Para dar continuidade à minha evolução, espero voltar para a terra"

Laurinete Aparecida Duarte (Curitiba, PR) **45**

9 - "Peço-lhes não desprezarem a moto que me fez o veículo da viagem final"

Carlos Alberto Gonzalez (São Paulo, SP) **49**

10 - Solucionando problemas familiares

Benedito Vieira dos Santos (São Simão, SP) **54**

11 - Estávamos todos em outra vida

Luiz Paulo Alves Reis (Colina, SP) **57**

12 - O desquite é uma espécie de conta interrompida

Maria Cecília Ferreira (São Paulo, SP) **63**

13 - Venho pedir o seu perdão para minha falta grave

Júlio César C. da Silveira (Criciúma, SC) **69**

14 - Eu também não acreditava na possibilidade de que me vejo favorecido

Álvaro Júlio Belchior da Fonseca (São Paulo, SP) **74**

15 - Um músico cultivando a arte de servir

Oswaldo Jandy Batista (Anápolis, GO) **79**

- 16 - "O Ódio Não Se Enquadra Em Nossos Pensamentos"
Acácio Costa Freitas Neto (Ribeirão Preto, SP) **86**
- 17 - Em aprendizado na crosta terrestre e no mais além
Paulo Sérgio da Costa (Campo Grande, MS) **94**
- 18 - Paz e autenticidade no reencontro
Túlia Maura Diniz Baptista Mendes (Belo Horizonte, MG) **102**
- 19 - Premonições de um desenlace inesperado
Matrona Paly Diegues (São Paulo, SP) **106**
- 20 - Vozes Premonitórias
Antonio João Beira (Monte Aprazível, SP) **110**
- 21 - Provações com vistas ao terceiro milênio
(O grande número de desencarnações na juventude)
Luiz Roberto Estuqui Júnior (São José do Rio Preto, SP) **114**
- 22 - Investimentos no banco da divina providência
Adolfo Aleixo Martins (Belo Horizonte, MG) **123**
- 23 - Problemas do sexo no mais além
Ivo de Barros Correia Menezes (Belo Horizonte, MG) **129**

Leitor amigo.

Entre os corações que regressaram à Vida Espiritual e os que ficaram no Plano Físico se destacou o suplício da saudade, em forma de angústia, no entanto, apareceu entre eles o momento de reencontro, através da notícia escrita, e, conquanto as lágrimas de júbilo e confiança na perenidade da vida, desses corações entrelaçados nasceram à gratidão e a paz que se fazem às tônicas deste livro.

Pelas bênçãos nele entesouradas, aqui estamos nós, rogando a Jesus, o nosso Divino Mestre, nos inspire e ilumine, rendendo graças a Deus.

Emmanuel

Uberaba, 31 de Março de 1988.



Inês Severo Ruivo

I

"Minha gravidez era um acontecimento mais
na alma que no corpo"

Quando viajava de automóvel, com seu marido, pela Rodovia Presidente Castelo Branco, voltando de Penápolis com destino a Cubatão, SP, a senhora Inês foi acidentada gravemente. E, embora transportada, de imediato, para São Paulo, veio a desencarnar no Hospital das Clínicas, no dia 2 de novembro de 1971.

Naquela época ela esperava o primeiro filho, estando grávida de seis meses, e o aborto foi inevitável, fato que, evidentemente, agravou a dor da família.

Cinco anos após esse acontecimento, Inês regressou, em Espírito, em longa e esclarecedora mensagem, pela psicografia de Chico Xavier, recapitulando detalhes do "calvário da separação", "trazendo um grande conforto, paz, tranqüilidade e fé de volta ao lar", no dizer de seus pais.

Um ponto alto e belíssimo da carta é o relato de sua ligação amorosa e espiritual ao Espírito de seu filho, após a desencarnação de ambos, afirmando: "Minha gravidez era um acontecimento mais na alma que no corpo."

Mensagem

Querida Mamãe, meu querido papai, abençoem a filha que volta.

Fui trazida até aqui e ouvi o que falaram sobre suicídio. Esse assunto, Mamãe, é a idéia que me impulsionou a trazer-lhes os meus testemunhos de saudade e reconhecimento.

O Finados de 1971 parece tão longe e a nossa dor parece recente. Ferida de hoje, golpe aberto no coração no instante em que escrevo. Mas não falo nisso sem as orações de esperança.

Quase cinco anos alteraram muitos quadros da vida, menos os nossos. E por isso que falo em sofrimento como sendo sofrimento presente. Creiam, porém, que tenho melhorado e encontrado uma visão diferente da vida.

Mamãe, eu sei o que tem sido esse calvário de separação para nós. Cada dois de novembro é um degrau de lágrimas, que atravessamos juntas. Eu sei que a própria dor do papai ficou mais pesada em seu carinho, mas pode estar certa de que se uma filha pede a Deus recursos para ser grata, estou entre essas que reconhecem nas mães as benfeitoras de cada dia.

Venho pedir à senhora e ao meu pai para que não pensem na morte. É preciso que vivam e que vivam fortes e felizes. Árvores queridas, em cuja ramaria de ternura fizemos tantos ninhos de esperança, a tempestade das provas poderá sacudir-lhes as forças e despojá-los de muitas alegrias, mas continuarão de pé, aceitando a vontade de Deus que nos deu a felicidade de pertencer-lhes.

Haverá, sim, Mãezinha, aguaceiros de pranto e ventanias de adversidades, como tem havido sobre nós, mas Deus nos fará ver de novo o céu azul e outras flores surgirão de nossas preces, para que a nossa felicidade seja sempre esse cântico de amor que nunca esmoreceu em nossa fé.

Perdoem-me se lhes deixei tantos encargos. Não pensava que o fim do corpo estivesse ali, naquela noite em que o nosso carro voltava de Penápolis.

Havia chorado tanto, lembrando a Vovó Elidia, havia pensado tanto em mostrar-lhe as minhas preces de saudade, mal sabendo que naquela

mesma data em que lhe recordávamos a partida dez dias antes, no entanto, não pensava, seria eu a primeira a unir-se-lhe aos passos.

Não pensem que houve culpa do José. Estávamos tranqüilos. Parece-me que a sombra criou o problema, de vez que ele faria tudo para que nada de mal nos acontecesse.

Quando caí, tive a idéia de que perderia a consciência, mas isso não aconteceu. Aqui, meu bisavô José Severo e alguns amigos, dentre eles o Podre Primo, me esclareceram que a minha gravidez era um acontecimento mais na alma que no corpo. Teria perdido a criança para a consideração dos médicos; entretanto, meu filhinho estava em mim, era meu, uma criaturinha de seis meses completos, que eu não poderia abandonar.

Mamãe, tudo parece triste, mas esses fatos mostram a beleza do amor. Enquanto me senti espiritualmente ligada ao Espírito de meu filhinho, não pude perder a lucidez do que se passava.

Sei que um carro ou ambulância me carregou para as Clínicas e chamei por Você, Mamãe, como quem chamasse por Nossa Senhora. Mas não era aguardando um milagre.

Eu sabia que tudo estava terminando, mas nas minhas ilusões de mãe, muito moça, pensei que minha criança estivesse vivendo e queria entregá-la em suas mãos.

Aqui, no entanto, pouco a pouco, tudo entendi. Penso hoje que não será fácil morrer no corpo, como nascer das mães que adoramos. Muitas dizem que foram anestesiados no momento da desencarnação, que nada viram e que apenas acordaram numa Vida melhor.

Creiam, porém, que as mães grávidas e que deixam a existência na Terra nessa condição, não conseguem dormir, até que a Bondade de Deus lhes faça sentir que os filhinhos não nascidos encontraram quem os proteja e os ame.

Tudo passou. Agora é a paz da certeza de que não nos separamos. Custei algum tempo a recuperar-me do tratamento a que me submeteram. Não posso deixar de dizer à senhora e ao papai que recebia assistência que se deve à mulher quando vítima de aborto de grave situação.

Quando melhorei, escutei suas preces e seus pedidos a Deus. Sem poder fazer alguma coisa, rezei também, pedindo a Deus para consolá-los. Peço-lhes para estarem confiantes em Deus.

Meu avô José Severo e minha avó Maria velam por mim. A vovó Elidia, que chegou aqui vitoriosamente, depois das provas atravessadas, é hoje para mim igualmente um valioso apoio. Ela e a irmã Sinhazinha, amiga de Barretos e Guáira, me ampararam igualmente nas horas mais complicadas.

Mãezinha e papai, lembrem Eliana, Paulo César, Inês Rosemeire e pensem como precisamos da saúde para trabalhar por eles todos. E lembro aqui o José Severo, a Angélica, a Marinês, a Priscila, o Edson e tantos outros amores que temos e que Deus nos concedeu para zelar.

Quanto ao José Jaime, peçamos a Deus para protegê-lo. Desejo que ele seja amado também como filho. Ele não teve culpa alguma naquela ocorrência em que as leis de Deus se cumpriram. Ele sempre foi bom, amigo, dedicado e sincero. Está moço, Mamãe, seu filho, o filho que lhe deixei com o nome de genro e que precisa de muita assistência e de muito amor.

Daqui, trabalharei para vê-lo feliz. Posso ainda tão pouco. Às vezes, em nossa casa da Quinze de Novembro, choro ao pensar que desejo auxiliar tanto e posso ainda tão pouco.

Mas nossa fé não esmorece nunca. Aquela confiança que a senhora e meu pai nos deram em casa está comigo. Com essa luz, caminho para a frente e seguirei adiante, certa de que Jesus tomará minhas mãos, pobres, pelos Mensageiros d'Ele, a fim de que meus braços fiquem fortes.

Mãezinha e querido Papai, recebam minha alma reconhecida. Estou feliz, porque sei que de agora em diante, estarão acreditando que não morri. A todos os nossos, as minhas muitas lembranças. A todos, agradeço e peço perdão por haver esquecido nomes de família que não devia esquecer. Todos, porém, sabem que sou grata e que sou a irmã devedora de cada um.

Querido papai, peço-lhe forças novas, mãezinha querida, rogo-lhe coragem e fé, cada vez mais viva em Deus.

Não suponham que escrevi sofrendo. Chorei em alguns trechos de minha carta, porque Deus perdoa a saudade quando as nossas saudades são de alegrias de reencontro na gratidão perante os Céus.

Estou melhorando, e focarei plenamente feliz ao vê-los mais reanimados e mais felizes. Agora termino, com o beijo para os dois. Abençoem-me. Lembrem-me com as preces. Não me creiam ausente. Estamos sempre mais juntos.

Para o senhor, querido papai e para Você, Mãezinha querida, todo o coração com os agradecimentos da filha que estará sempre entre ambos, pedindo a Deus para conservar-nos em seu amor. Abraços, muitos abraços, beijos e muitos beijos da filha reconhecida, sempre mais reconhecida,

Inês.

Notas e Identificações

1 - Carta psicografada em reunião pública do Grupo Espírita da Prece (GEP), Uberaba, MG, na noite de 21/5/1976.

2 - Mamãe, papai - Casal José Severo da Silva Netto e Alcina de Souza Silva, residente à Rua XV de Novembro, 121 - Vila Nova, Cubatão, SP.

3 - Finados de 1971- Data de sua desencarnação.

4 - Vovó Elidia (...) lhe recordávamos a partida dez dias antes - De fato, Dá Elidia, sua avó materna, desencarnara dez dias antes de sua passagem, aos 23/10/1971.

5 - José - José Jaime Ruivo, esposo.

6 - bisavô José Severo - Bisavô paterno, desencarnado.

7 - Padre Primo - Padre já desencarnado, amigo íntimo da família Ruivo.

8 - teria perdido a criança para a consideração dos médicos; entretanto, meu filhinho estava em mim, era meu, uma criaturinha de seis meses, completos, que eu não poderia abandonar. - No Mundo Maior, Inês sentia-se ligada ao Espírito (e corpo espiritual) do filhinho, fato possível pois desde a concepção há união do espírito, que reencarna, ao novo corpo, e, concomitantemente, uma união magnética, mãe-filho, mais ou menos forte, de alma a alma. (Ver O Livro dos Espíritos, Kardec, q. 344 a 360; Missionários da Luz, Espírito André Luiz, F. C. Xavier, FEB, cap. 13; e

Quem São, Espíritos Diversos, F.C. Xavier, Elias Barbosa, IDE, cap. 17 e 18.)

9 - avó Maria - Bisavó materna, desencarnada

10 - Ela e a irmã Sinhazinha, amiga de Barretos e Guaíra - A família não se recorda dessa amiga da vovó Elidia.

11 - Eliana, Paulo, Ipês Rosimeire, José e Edson - Irmãos.

12 - Angélica - Cunhada.

13 - Marinês e Priscila - Sobrinhas, nascidas em 1975/76, ou seja, após a sua desencarnação.

14 - Inês - Inês Severo Ruivo nasceu em Promissão, SP, a 26/10/1946. "Trabalhou no Banco Itaú e Câmara Municipal de Cubatão, onde deixou muitos amigos e muitas saudades pelo seu jeito alegre, otimista, simpático e sempre muito humilde para com todos. Durante sua breve passagem nesta vida, deixou-nos um vazio que até hoje não conseguimos preenchê-lo, pois a saudade é um sentimento profundo, difícil de apagar." (Declaração de seus pais: em carta de 1/7/1988.)



Paulo Eduardo Teixeira da Silva

2

"Não me acovardaria a ponto de eliminar o meu próprio corpo"

Apenas dois meses após seu ingresso na Academia da Força Aérea de Pirassununga, São Paulo, na condição de soldado no Quadro de Infantaria de Guarda, o jovem Paulo Eduardo, de 19 anos, sofreu trágico acidente, com o disparo de sua arma, quando estava no serviço do dia.

Tal disparo, ocorrido na manhã de 26 de setembro de 1978, foi fatal, havendo desenlace imediato.

A dor dos seus pais foi imensa - "o maior golpe de nossa vida", na expressão de seu progenitor -, acentuada com a interpretação de uma autoridade da Academia, na fase inicial das investigações, em face do acontecimento: suicídio.

A suspeita de suicídio nunca convenceu a família, pois, por mais buscasse a causa do possível ato extremado, não se encontravam razões que o justificassem a contento.

Mas, cinco meses após a tragédia, o próprio jovem, em Espírito, veio esclarecer a todos, com expressivos detalhes alinhados em longa carta psicografada em Uberaba, a 03 de março de 1979, afirmando, categórico, no início da mesma:

Mensagem

Querida Mãezinha Mirtes, meu querido pai, peço para que me abençoem.

Sou trazido até aqui por meu avô José Teixeira. Estou constrangido pela inadaptação. O ambiente é de amigos; entretanto, não estou sabendo como escrever. Ainda assim, é preciso tentar.

Desejo comunicar aos pais queridos que eu seria incapaz de atirar contra mim próprio. Aprendi, desde cedo, o respeito às Leis de Deus e semelhante gesto estaria incompatibilizado com a minha formação.

Sempre os vi lutando dignamente para criar-nos com segurança e encaminhar-nos para a vida reta, o exemplo é uma voz que fala em silêncio por dentro do coração.

Não me acovardaria a ponto de eliminar o meu próprio corpo.

Lutas de rapaz, rixas com namoradas, conflitos íntimos ou desajustes passageiros no trato com os meus companheiros não me fariam pensar nisso. Claro que em matéria de juventude, os namorados sempre cultivam alguma pequena queixa para discussão de encontros e bilhetes. Saí de Santa Rosa em paz com todos. Nossa Nana sempre soube conversar comigo na altura da jovem correta e compreensiva.

Ouvi os apontamentos de muita gente que me acreditou suicida, porque nem sempre fui alegre ou extrovertido. Sempre me empenhei a pensar e a passar longos minutos comigo mesmo, confrontando assuntos e situações.

Até o problema de nossa querida amiga Dona Maria veio à tona dos comentários. É verdade que o atropelamento se verificara tempos antes, mas em meu íntimo, ao refletir na ocorrência, concluía, de minha parte, que me cabia viver e viver fazendo todo o bem ao meu alcance para substituir aquela criatura que atravessara os melhores tempos da vida, auxiliando e abençoando a quem dela precisasse. No peito de moço,

lastimava, como é justo, haver sido instrumento para a provação que vitimou nossa querida amiga; isso, no entanto, era comigo um compromisso de viver trabalhando mais.

Não me queixo dos amigos e conhecidos que me supuseram capaz de destruir o corpo que Deus me concedera, mas tranqüilamente respondo que o engano de muitos resultou simplesmente de uma suposição sem conteúdo de realidade.

Tomara os meus encargos no plantão com segurança e comecei a limpar as unhas com a ponta da arma; inadvertidamente, embora apoiasse essa mesma arma na mureta existente no local, meus dedos se movimentaram sem que a minha consciência tomasse sentido exato dessa operação, quase que mecânica para mim, e detonei sem querer o projétil que me alcançou a base do tórax, impondo-me a desencarnação instantânea.

Creiam os pais queridos que não mais controlei qualquer ação de meu veículo físico e, conquanto, por alguns momentos rápidos, intentasse falar sem poder, um sono pesado me selou a vida intracraniana e ignoro se dormi, ou se desapareci de mim próprio por tempo que ainda não sei precisar.

Despenando em organização de socorro, cheguei a pensar que me achasse no Hospital Santo André, em Santa Rosa, talvez conduzido pela família, mas foi o meu avô José Teixeira quem me chamou à realidade, que tive de aceitar a contragosto.

Não só meu avô Teixeira, mas também minha avó-bisavó Ana e outros familiares me auxiliaram com carinho e segurança. Um médico que me disse ser amigo do Dr. Guido Maestrello me tratou com bondade e, muito pouco a pouco, ando reconstituindo as minhas próprias forças.

Rogo à Mãezinha Mirtes continuar com as orações em meu benefício.

Rogo a todos os nossos para que não se aflijam.

Tudo passa com o bálsamo da proteção de Deus.

Se os meus superiores em Pirassununga puderem atender a solicitação dos queridos pais, estudando a posição que descrevo, para suprimirem a sentença de suicídio sobre meu nome, ficarei satisfeito; mas se isso não for possível, rogo para que não se preocupem. Jesus sabe a verdade e a minha

consciência está tranqüila. E vivam fortes e felizes, é o que peço aos pais queridos, aos quais a Divina Providência me confiou.

Recordem o Jorge e os outros corações de filhos abençoados, os meus irmãos que esperam tanto da assistência de casa, e fiquem asserenados em nossa fé em Deus.

Espero melhorar-me para trabalhar e servir, nas tarefas do bem aos outros.

Meu avô acredita que estou caminhando para a restauração total e tenho a esperança de ser útil a todos.

Peço à nossa estimada Ivana para esquecer qualquer inquietação a meu respeito. Desejo vê-la forte e feliz.

Querida Mãezinha e meu querido pai, desculpem-me pelos contratempos involuntários que lhes dei. Confiemos em Deus.

Agradeço ao nosso amigo Dodô pela presença junto de nós.

E agradeço a quantos nos auxiliam aqui, esperando haver esclarecido o que houve naquela manhã de setembro passado.

Agora peço para que me lembrem sempre, não na morte e sim na vida, porque a morte é apenas uma transferência de habitação, sem ser alteração em nós.

Muitas lembranças para os irmãos queridos, ao mesmo tempo que entrego aos queridos pais, aqui presentes, todo o respeitoso amor e todo o coração do filho sempre grato,

Paulo Eduardo.

Paulo Eduardo Teixeira da Silva.

Notas e Identificações

1 - Mãezinha Mirtes, querido pai - Seus pais: Mirthes Casseiro Teixeira da Silva e Waldemar Teixeira da Silva, residentes à Rua Condessa Filomena Matarazzo, 46, na cidade paulista de Santa Rosa de Viterbo.

2 - avô José Teixeira - Avô paterno, desencarnado em Cajuru, SP, a 20/3/1977.

3 - Ivana - Na época, namorada de Paulo Eduardo.

4 - amiga Dona Maria - Amiga da família Teixeira da Silva, desencarnada em 14/6/77, vítima de atropelamento com bicicleta, numa costureira brincadeira de cercar Paulo Eduardo.

5 - avó-bisavó Ana - Bisavó paterna, desencarnada há muitos anos.

6 - Médico amigo do Dr. Guido Maestrello - Conforme informações de velhos moradores da cidade seria o Dr. Constâncio Martins Sampaio, desencarnado há muitos anos.

7 - Dr. Guido Maestrello - Desencarnado há mais de 50 anos, foi Prefeito Municipal de Santa Rosa de Viterbo. Uma das praças da cidade tem o seu nome.

8 - se os meus superiores em Pirassununga puderem atender a solicitação dos queridos pais, para suprimirem a sentença de suicídio sobre o meu nome, ficarei satisfeito; - Após o recebimento desta carta mediúnica, o pai de Paulo Eduardo voltou à Academia da Força Aérea, recebendo a grata informação de que, no parecer foral da investigação do caso, não foi mantida a hipótese inicial de suicídio. Foi-lhe mostrada, então, a documentação e o sr. Waldemar anotou o seguinte texto final da mesma: "(...) falecimento do S2 Q IG 78 0413 453 PAULO EDUARDO TEIXEIRA DA SILVA, ocorrido no dia 26 Set 78, vítima de acidente com arma de fogo. Pirassununga, 16 de outubro de 1978." Observa-se que esta conclusão foi lavrada bem antes da carta mediúnica, datada de 03/3/79, fato que, evidentemente, não havia chegado ao conhecimento do jovem desencarnado, ainda convalescente (Meu avô acredita que estou caminhando para a restauração total) e muito ligado mentalmente aos familiares queridos, atormentados pela suspeita de suicídio, levantada de início.

9 - Jorge e os outros corações de filhos abençoados, os meus irmãos - Jorge é o irmão mais velho.

10 - amigo Dodô - Salvador Barbosa, residente em Santa Rosa de Viterbo, amigo dos pais de Paulo Eduardo, que os acompanhou a Uberaba.

11 - Paulo Eduardo Teixeira da Silva - Nasceu em Santa Rosa de Viterbo, a 11/7/59. Seu pai informou-nos que ele foi um bom filho, sempre obediente e carinhoso. Praticava vários esportes, tendo participado da preliminar da Corrida de S. Silvestre, no ano de 1977, na Capital paulista,

junto com seu irmão Jorge. Quando desencarnou, estava inscrito no curso de sargento especialista em Guaratinguetá, SP.



Érica Letícia Gallo, aos 2 anos e 4 meses, fazendo suas adoráveis pinturas, quando já estava doentinha.

3

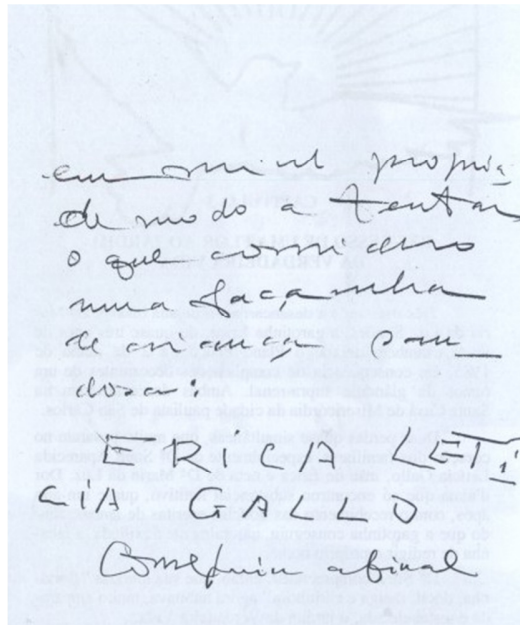
Regresso de uma flor ao jardim da verdadeira vida

Três dias após a desencarnação de sua bisavó, Dá Maria da Luz Simões, a garotinha Érica, de quase três anos de idade, também deixou o Plano Físico, a 2 de junho de 1985, em conseqüência de complicações decorrentes de um tumor da glândula supra-renal. Ambas desencarnaram na Santa Casa de Misericórdia da cidade paulista de São Carlos.

Duas perdas quase simultâneas, que muito pesaram no coração dos familiares, especialmente de Dá Sueli Aparecida Letícia Gallo, mãe de Érica e neta de Dá Maria da Luz. Dor d'alma que só encontrou substancial lenitivo, quase um ano após, com o recebimento das notícias escritas de ambas, sendo que a garotinha conseguiu, naturalmente auxiliada, a façanha de redigir o próprio nome.

Dra. Sueli compreendeu, então, que sua mimosa "florzinha, dócil, meiga e carinhosa" agora habitava, muito amparada e restabelecida, o jardim da Verdadeira Vida...

A carta mediúnic, psicografada em Uberaba, no Grupo Espírita da Prece (GEP), a 19 de abril de 1986, foi endereçada aos tios de Érica, presentes à reunião pública.



Uma das páginas psicografadas da Carta de D-º Maria Simões: "(Vou apoiá-la) em mim própria, de modo a tentar o que considero uma façanha de criança saudosa ERICA LETICIA GALLO Conseguiu afinal (...)")

Mensagem

Queridos filhos Nair e Aurimar,
Deus nos abençoe.

Aqui, algumas palavras do meu coração que lhes partilha a dor de perder, aí no mundo físico, a presença de nossa querida Érica que voltou para nós, ao modo de uma flor que regressasse ao jardim da verdadeira vida, depois da visita que lhes fez, no reencontro terrestre com a família.

Pedimos ao Nelson e à Sueli para que nos compreendam. A pequenina era para eles um ornamento do Céu no lar, mas não poderia permanecer aí, de organismo desajustado qual a vimos, na condição de um anjo preso à cruz do corpo, incapaz de sustentar-lhe a vida.

A nossa pequena está bem e quase plenamente restabelecida, mas ainda não dispõe de estrutura mental para escrever aos pais queridos. Trouxe-a comigo para vê-los e segurar-lhe-ei a mãozinha, para traçar o seu próprio nome, para que Sueli e o esposo lhe observem as melhoras. Vou apoiá-la em mim própria, de modo a tentar o que considero façanha de criança saudosa:

Erica Leticia Gallo

Conseguiu afinal e me pede dizer que sente muitas saudades da mãozinha Sueli, do papai Nelson e do irmão Gustavo Rogério.

Querida Nair e querido Aurimar, filhos meus, muito agradecida pelo ensejo que me proporcionaram, de endereçar ao nosso pessoal a nossa mensagem de calma e esperança.

Pede a Jesus abençoá-los com a saúde e a felicidade, baseadas em muita paz e alegria, sempre a mamãe reconhecida

Maria Simões.



Dona Maria da Luz Simões

Notas e Identificações

1 - Nair e Aurimar - Nair Lopes Muniz, filha de Dá Maria da Luz Simões, e seu esposo Aurimar Muniz.

2 - Érica Letícia Gallo - Nascida em São Paulo, aos 21/10/1982.

3 - Nelson e Sueli - Casal Nelson Carlos Gallo e Sueli Aparecida Letícia Gallo, residentes em São Carlos, à Rua Lucas Perrone, 351, Jardim N. S. Aparecida.

4 - Gustavo Rogério - Irmão de Érica.

5 - Maria Simões - Maria da Luz Simões, nascida em Portugal, em 1908, e desencarnada a 30/5/1985, em São Carlos.

6 - Depoimento de Dá Sueli: "Quando recebi a mensagem, já estava lendo muito e possuía algum conhecimento da Doutrina Espírita. Mas, afirmo que a carta chegou como um bálsamo em nossas vidas. Nossa dor foi amenizada e até compreendida."

7 - Tópicos de uma carta escrita pela mamãe Sueli, em 28/01/88:

"Querida Érica,

Você foi uma florzinha dócil, meiga e carinhosa. Lutou com muita garra para viver. Teve tanta coragem e sempre procurou nos transmiti-la.

Graças a Deus, encontrei energias nele e hoje, após tanta força de vontade, tantas lágrimas, podem entender o porquê dos fatos que nos envolveram.

Adoro suas caminhas dando-me coragem. Anseio por nosso encontro um dia...

Filha, onde estiver e com quem estiver, quero que saiba que a amo muito, e quero que, mesmo distante de mim, continue lutando e aprendendo como sempre fez."



Ricardo Tunas Costa Leite

4

Jovem atuante em núcleo assistencial da crosta terrestre

Ricardo "pensava em Maria Fernanda e na própria máquina", quando acidentou-se gravemente, de moto, na antevéspera do Natal de 1981, ao dirigir-se para a Praia do Itaipu, Niterói, vindo a desencarnar, dias depois, no Rio de Janeiro, RJ, no último dia do ano, aos 17 anos de idade.

Sabemos o que ele pensava naquela ocasião, graças à Primeira Carta de sua autoria, psicografada em Uberaba, a 15 de outubro de 1983. De fato, segundo seus pais, estava fume com a namorada e era um motoqueiro entusiasta.

Mas, o jovem era também responsável, não tinha vícios e dedicava-se com afinco aos estudos, preparando-se para o vestibular de engenharia.

E essa responsabilidade - estrela de um caráter - brilha igualmente em sua atuação na Vida Maior, conforme observamos nas cartas já recebidas, que nos revelam ativa participação junto aos sofredores da Terra, especialmente ligada ao Núcleo Assistencial Escola "Irthes

Therezinha", de Niterói, RJ, lado a lado com seus pais, fazendo-se intérprete, na Quarta Carta, de orientações preciosas aos colaboradores encarnados.

PRIMEIRA CARTA

Querida mãezinha Carmen, penso com o seu querido coração na bênção de Jesus, rogando a Ele nos proteja sempre.

Estou um tanto constrangido, gente boa, naturalmente a esperar de notícia, que sirva de reconforto e paz em auxílio de todos.

Sou ainda um servidor tão pequeno das idéias que estou abraçando, com a sua fé em Deus, que me acanho ao escrever-lhe esta carta que é dirigida igualmente ao papai Ronaldo e à nossa Gisèle.

Certamente, aqueles que nos acompanham saberão desculpar-me a inexperiência, compreendendo que sou um filho com muitas saudades da mãezinha e do lar de que presentemente me vejo separado. Um filho, mamãe, é sempre uma criança para todas as mães e para todos os pais do mundo, e isso me anima a continuar.

Desde aquele Natal que lhes dei repleto de lágrimas e desde o Ano Novo, em que choramos tanto, tenho desejado endereçar-lhes as minhas notícias, mas penso que ainda não me achava preparado para fazer isso.

A moto resvalou de tal maneira, que por mais desejasse controlá-la isso não se me fez possível. Pensava em Maria Fernanda e na própria máquina, dividindo minha atenção, quando notei que não conseguiria retomar o próprio equilíbrio.

Como foi a minha queda, não sei contar. Lembro-me apenas de que experimentei uma ausência esquisita de mim mesmo. Coordenar os pensamentos, não era fácil. Por isso me entreguei aos cuidados de quantos me dedicavam atenção...

Vi-me no hospital, com relâmpagos de lucidez... Creio que não tive dores, porque a minha preocupação de saber o que se passava em casa era grande demais, para que fosse incomodado por qualquer espécie de sofrimento físico. Escutava, de quando em quando, palavras sussurradas junto de mim. Enfermagem atenta me observava às alterações do corpo; no

entanto, estava na condição de uma pessoa que perdera a faculdade de se governar e expressar a própria vontade.

As transformações do corpo se ampliaram até que ouvi alguém dizer que estávamos às vésperas do Ano Novo! No íntimo, rezei pedindo a Deus para voltar para casa e comemorar a passagem do Ano junto à família. Queria estar perto dos meus pais, da Gisèle, da Maria Fernanda e de todos os nossos amigos, respirar livremente, caminhar nas praias e rever os céus.

Mas o dia passava, até que uma névoa se condensou junto de mim. Que seria? Ignorava o que fosse e não sabia de que modo se formava aquela nuvem esbranquiçada e crescente...

Num dado momento, um rosto surgiu daquele monte de neblina. Era o rosto de uma senhora a sorrir-me. Sem conseguir articular qualquer palavra, em pensamento, roguei a ela me dissesse quem era... Mais alguns instantes, e ela me falou, com serenidade e alegria:

- Ricardo, sou a sua avó Dinda! venho buscar você para o nosso lar!...

Confundi-me refletindo, até que me lembrei da vovó de que me falavam em nossas recordações caseiras. Então, comecei a chorar, sem lágrimas, porque naquela voz e naquele rosto percebia que se mostrava claramente a minha mudança para outra vida. Eu não queria isso. Queria retornar à nossa paz e nossa alegria no recanto sempre nosso...

Aquela criatura santa não demonstrou qualquer contrariedade porque eu não lhe quisesse a companhia e, com o mesmo sorriso, continuou a falar-me com carinho:

- Ricardo, você é fone e tranqüilo... Por que chorar se todos estamos juntos? Estou aqui com o seu tio Renato e, com a bênção de Jesus, desejamos vê-lo confiante... Quem disse a você que existe separação? Deus nunca se afasta de nós e, em Deus, estamos reunidos... Venha aos meus braços. Hoje, eu também sou sua mãe!...

Diante daquela ternura toda, esforcei-me por levantar o meu corpo e consegui. Entretanto, ao me sentir junto da vovó, abraçado a ela, notei que eu era o mesmo e o meu corpo me parecia uma escultura de mim próprio, bastante estragada.

A vó Dinda me carregou, qual se eu fosse um filhinho doente, e dormi sem perceber que as minhas pálpebras se fechavam...

Quando despertei, o diálogo prosseguiu com a minha participação.

Era, sim, era a minha avó Maria José que me seguia na grande transformação.

Desde essa certeza, procuro reerguer os meus sentimentos de fé. Pude voltar à nossa casa e vi as suas lágrimas semelhantes às que eu havia chorado... Entrei no ambiente de tristeza em que se falava tanto da morte, quando me achava com tanta vida!

Desde esse dia, que não sei se pertence a janeiro ou fevereiro, pois estive num torpor de muitos dias, tenho o desejo de lhes enviar notícias.

Querida Mãezinha Carmen, peço-lhe para que não chore mais com tanta dor, e rogo a mesma atitude a papai.

Agradeço as preces e flores que o seu carinho me ofertou no aniversário recente, e fiquei muito sensibilizado com a sua decisão de conduzir a nossa festa para o ambiente de nossos irmãos, que atravessam dificuldades maiores que as nossas. Foi uma hora de imensa consolação para mim. Não sabia que Niterói possuía um recanto assim, iluminado de orações e alegrias, com tantas crianças e tantas mães esperando por nós.

Agradeço por tudo que recebi para meu reconforto. Ainda estou convalescente, mas já sei que a fortaleza me retomará o íntimo, porque está nascendo, em meu coração, o ideal de ser bom e de seguir os meus pais queridos na vida nova, que estamos aceitando com fé em Deus.

Peço-lhe, Mãezinha Carmen, dizer à Fernanda que estou bem e que, ante a bondade dela, me sinto desculpado pela inexperiência no manejo da moto. Meu desejo é muito grande de ver o papai, a Gisèle, a Fernanda e tortos os nossos felizes e alegres.

A morte é um sono maior do que os outros, do qual a gente acorda para viver na continuação da existência.

Sei que estão em nossa companhia as nossas amigas Dona Terezinha e Dona Creuza. A vovó Maria José me diz que elas aguardam notícias dos filhos Kalil e Marco Aurélio, e que eles, mais tarde, hão de conseguir escrever.

Pode crer, mamãe, que a gente precisa ser forte para escrever sem chorar. Estou aqui imaginando a minha viagem, desde a antevéspera do Natal. Caí da moto, com estação no hospital, do hospital seguir para a vida nova, e da vida nova ir a Niterói, e vir até aqui para encontrar-nos. Estou agradecido a Jesus por toda essa alegria que estou recebendo...

Mas não posso prosseguir. Diz à vovó que não devo abusar do tempo e vou terminar enviando ao papai Ronaldo e à querida irmã, extensivamente à Fernanda, e a todos os nossos amigos, muitas lembranças.

Mamãe Carmen, não guarde objetos que foram meus e que podem ser úteis a outros companheiros... Ficarei contente com a sua promessa de nos desfazermos de todos os meus pertences, com exceção dos nossos retratos, pois quando os seus olhos me procuram na imagem parece-me que estou usufruindo um novo encontro com a querida família.

Perdoe a seu filho se escrevi longamente. A saudade não tem passos curtos, não é mamãe? E todos aqui me perdoarão se sofremos tão longa ausência um do outro. Com todo o meu respeitoso amor ao Papai Ronaldo e a Gisèle, peço ao seu coração querido aceitar os muitos beijos de saudade e alegria, renovação e esperança do filho sempre seu,

Ricardo.

Ricardo Tunas Costa Leite.



Grupo de crianças assistidas na entrada do Núcleo Assistencial Escola "Irthes Therezinha", no Bairro Fazendinha, em Niterói, RJ.

Notas e Identificações

1 - mãezinha Carmen e papai Ronaldo - Seus pais, Ronaldo Magalhães Costa Leite e Carmen Tunas Costa Leite, residentes à Rua Presidente Backer, 34/1502, Niterói, RJ.

2 - Gisèle - Gisèle Tunas Costa Leite, irmã.

3 - Maria Fernanda - Namorada.

4 - Enfermeira atenta me observava às alterações do corpo; (...) meu corpo me parecia uma escultura de mim próprio, bastante estragada. - Trata-se do corpo espiritual ou perispírito, que após a desencarnação, apresenta lesões nos órgãos ou regiões correspondentes aos mesmos locais traumatizados do corpo físico, exigindo tratamento médico, inclusive cirúrgico. (Ver Vozes da Outra Margem, c. 8; e Caravana de Amor, c. 2 e 4, ambos de F. C. Xavier, Espíritos Diversos, IDE.)

5 - avó Dinda (Maria José) - Maria José Leite, carinhosamente chamada de Dinda, bisavó paterna, desencarnada a 12/02/1974, em Pelotas, RS.

6 - tio Renato - Renato Costa Leite, tio, desencarnado a 23/5/1973 em Porto Alegre, RS.

7 - no aniversário recente (...) não sabia que Niterói possuía um recanto assim (...) com tantas crianças e tantas mães esperando por nós. - O seu aniversário, duas semanas antes do recebimento desta Carta, foi comemorado no Núcleo Assistencial Escola "Irthes Terezinha", instalado na Fazendinha, um bairro carente de Niterói. "É um trabalho espírita, com evangelização para adultos e crianças, assistência médica, distribuição de gêneros alimentícios, material escolar e enxovais para recém-nascidos, além do reforço escolar para as crianças carentes. Também são confeccionadas uniformes escolares e bonecas, estas são distribuídas por ocasião do Natal. Foi fundado em 27/4/1980, por inspiração do nosso querido Chico Xavier, e congrega hoje uma equipe composta de 90 colaboradores que dão atendimento a 100 famílias e 400 crianças. Faz parte da tarefa, o ensino de trabalhos manuais às mães assistidas, Sendo que a renda obtida com a venda, em bazares beneficentes, do material elaborado por elas, é revertida às próprias mães. O Núcleo Escola está subordinado ao Grupo Espírita da Fé, que funciona à Rua Dr. Sardinha, 149, Santa Rosa, Niterói."

8 - Dona Terezinha - Therezinha Barbosa Chicayban, mãe de Kalil, presente à reunião pública do GEP, em Uberaba.

9 - Dona Creuza - Creuza Bronízio, mãe de Marco Aurélio, também presente à reunião.

10 - Kalil - Kalil José Barbosa Chicayban, jovem desencarnado em Niterói, a 06/3/1981. Já enviou mensagem pelo médium Chico Xavier.

11 - Marco Aurélio - Marco Aurélio Fonseca Bronízio, jovem desencarnado no Rio de Janeiro, a 27/01/1980.

SEGUNDA CARTA

Querida Mãezinha Carmen e querido papai Ronaldo, vê-los junto, com a nossa Gisèle, compartilhando de nossas orações, é um acontecimento de alta significação para mim.

Mãezinha Carmen, pedi aos meus mentores para que me concedessem permissão para vir até aqui, experimentando os eflúvios de sua alegria, conseguindo de meu pai e da Gisèle, a certeza de que estaríamos aqui reunidos nesta noite, reafirmando os nossos recursos de trabalho e as nossas esperanças para o futuro.

Acompanho-a em suas tarefas de assistência e peço ao Divino Mestre, enriquecê-la de força para seguir adiante, distribuindo o bem aos semelhantes. Creia que tenho aprendido com o seu esforço produtivo, alentando a coragem em tantas mãezinhas desvalidas que perderam tudo, ao se distanciarem de criaturas amadas que as antecederam na viagem de liberação da vicia física e os seus exemplos não permaneceram confinados ao ambiente de nossas tarefas, no grupo de corações queridos que se responsabilizam pelas boas obras. As suas demonstrações de compreensão e bondade alcançaram igualmente o papai Ronaldo e a nossa Gisèle, que se transformaram em cooperadores, estimulando-lhe os ideais de servir.

Minha alegria é muito grande em ser defrontado pelo papai, erguido à fé na Vida Superior. Hoje, creio que a morte imprevista, do corpo terrestre, se reveste de um significado quando serve para acordar os entes queridos para a vida real, porque somente pela saudade, consegue um homem de nosso tempo particularizar um pedaço de tempo para o cultivo das idéias que a nossa Doutrina Consoladora nos suscita, ensinando-nos a seguir com serenidade e calma as tempestades destas lentas horas difíceis de transformação, nas quais tantos trabalhadores do bem desanimam quanto à continuidade do trabalho que a vida lhes confia.

Abraço, efusivamente, ao Papai Ronaldo pelo carinho com que a seguiu de Niterói até aqui, de modo a vê-la feliz e compensada dos esforços intensivos, que tem despendido nos encargos que a assistência lhe tem exigido.

Por isso, sou grato a ele e à querida irmãzinha pela ternura sincera com que se dispuseram a vir até aqui, prestigiando a Mãezinha Carmen, no local onde nos encontramos tantas vezes.

Estimaria saber empregar as mais belas expressões para enumerar-lhes o agradecimento que me vai na alma; entretanto, à falta de recursos verbais de que ainda não disponho, valho-me da oração, da oração que reaprendi com os nossos aqui na Vida Maior, endereçando a Jesus o meu reconhecimento aos seus carinhos de pai, através das preces com que rogo ao Senhor da Vida lhe ilumine os caminhos e lhe guie todos os passos.

Infelizmente, papai, não consegui ficar aí para ser seu companheiro constante, conforme os nossos projetos de felicidade, mas não estarei ausente da sua preciosa vida e das suas realizações de homem de bem. Estaremos juntos, porque logo se me faça possível ajustar horários e acentuar experiências, estarei consigo, nas mesmas estradas em que o seu coração generoso se distingue pela retidão e pela bondade.

(...) Muito amor e respeito do filho sempre grato, que lhes deixa o próprio coração,

Ricardo.
Ricardo Tunas Costa Leite.

Nota

12 - Carta psicografada a 19/4/1986, igualmente em reunião pública do GEP, em Uberaba, dois anos e seis meses após a Primeira.

TERCEIRA CARTA

Querida Mãezinha Carmen, situando mentalmente o Papai Ronaldo, junto de nós, reúno os dois num só abraço, pedindo a Deus nos abençoe.

(...) Mãezinha, o tempo avança e, quanto mais procuro compreender a significação do tempo, mais me convenço de que o trabalho no bem é a nossa felicidade real. Compreendo a palavra doutrinária, esclarecendo que a felicidade é muito difícil de ser alcançada na Terra... Entretanto, isso ocorre porque a maioria de nós outros, as criaturas humanas, ainda não encontram o prazer de servir.

Lembro-me de nossas atividades na Fazendinha, e tanta alegria nos possui os corações, que acredito, seja o nosso reduto de serviço espiritual, um posto de felicidade para quantos desejarem a aquisição da verdadeira alegria.

O nosso prezado Kalil se referiu a isso e desejo contar-lhe, extensivamente a meu pai, que partilho das atividades da turma de avaliação. Avaliação dos pedidos que são endereçados à nossa instituição. Registrado o nome da pessoa que solicitou proteção, somos três companheiros convocados à visitação do ambiente do irmão ou da irmã que rogou auxílio, a fim de apresentarmos relatório à Direção Superior. A nossa responsabilidade é muito compreensível no assunto, porque não nos é possível subestimar e nem exagerar as necessidades nos quadros que encontramos.

Considero admirável o mecanismo em que se baseia o Mundo Espiritual, a fim de assumir compromissos, porque isso nos prova que todos os setores da vida, merecem apoio e consideração. Quando o concurso pode ser prestado por nós mesmos, não há que esperar por recomendações de natureza superior, de vez que somos treinados a solucionar os problemas considerados menores, ao preço de nosso próprio esforço. Quando a paisagem de serviço transcende às nossas possibilidades de ação, articulamos o relato do necessário a que se processe o socorro, e creia que muito grande é a nossa felicidade com o ensejo de sermos úteis. Ultimamente, tenho podido agir com mais alegria, notando a querida família em paz, com a fé em Deus norteando-nos os impulsos.

A sua confiança de mãe e a confiança do meu pai Ronaldo me inspiram novas energias, e graças a Deus, tenho tido mais coragem para encarregar-me das pequenas tarefas que são confiadas à minha inexperiência. Fale disso a Gisèle para que ela peça auxílio aos Mensageiros do Bem em meu benefício, para que eu me desenvolva na

capacidade de iniciativa, na paciência e no amor ao próximo. Mãezinha Carmen, estou satisfeito e agradecido por suas adesões aos nossos esquemas de trabalho. Continuemos.

Observo que qualquer de nós quando pode contar com a companhia de alguém nas boas obras ou no estudo das leis da vida, a nossa força de realização se alteia em valores, cada vez mais precisos à nossa felicidade porvindoura.

Tenho estado desse modo tão feliz quanto possível, e espero continuar nessa devoção ao apoio do próximo. Agradeço-lhes, ao seu coração generoso e ao meu pai Ronaldo, quanto me auxiliam, recordando-me em serviço regular.

Com isso me adapto à Espiritualidade, procurando realmente servir, porque poder servir, em nosso campo de trabalho, significa muito para o cooperador, por mais humilde se lhe faça a posição. E quanto mais humilde é o companheiro de ideal e de luta para a vitória do bem, mais obstáculos se lhe antepõem à frente, porque sem humildade e paciência o trabalhador do Plano Espiritual não consegue atender aos nobres deveres para os quais foi chamado.

Eu que lhe escrevi nas primeiras horas, relacionando-lhe as minhas dificuldades e hesitações, devo dizer-lhe hoje que tudo segue bem para seu filho, porque não estou sem esperança, e com a Bênção de Deus tenho podido obter êxito de que necessito na obra assistencial. Os nossos mentores avos administram lições valiosas e não podemos reclamar se eles nos traçam serviços que não fazem, porque todos eles já passaram pelas atividades e tarefas em que nos achamos, conseguindo a ascensão que lhes confere o direito de orientar-nos.

Agradeço ainda sua bondade, a bondade de meu pai, ao carinho de Gisèle e da Maria Fernanda, que me libertaram de muitos prejuízos que encarceram no mundo companheiros dos mais estimáveis.

Aqui ninguém chega a entender atitudes compulsórias. O espírito desenfaixado dos liames da vida física, adere se quiser ao esquema de ação que se lhe faz apresentar, e, por isso, encontrar o estímulo dos corações que nos amparam e confiam em nós é receber uma alavanca que em nós, servindo por ponto de apoio, nos dá energias renovadas para realizar o que nos compete efetuar na produção de conforto e felicidade para os outros,

que redundam em felicidade e conforto para nós. Falo nisso para demonstrar reconhecimento e para afirmar aos amigos da existência terrestre que o nosso adestramento espontâneo, na escola da felicidade para o próximo, pode começar aí mesmo, se a pessoa acorda para a sustentação da beneficência e da paz com vistas aos caminhos dos nossos irmãos.

A Fazendinha para nós é uma escola de ação, e somos felizes por nos sentirmos ali matriculados para fazer o bem.

Mãezinha Carmen, peço-lhe dizer à Vovó Diva que ela não está esquecida, que a visito sempre que possível, e que se ainda não lhe enviei um recado, como faço agora, é sempre pela pressão dos serviços aqui, nesta casa de paz e amor, na qual somos impelidos a considerar a prioridade na despesa do tempo, para os amigos em dificuldades maiores do que as nossas.

(...) o seu filho e companheiro do coração,

Ricardo.

Ricardo Tunas Costa Leite.

Nota e Identificação

13 - Psicografada em 30/8/1986.

14 - Vovó Diva - Diva Magalhães Costa Leite, avó paterna.

QUARTA CARTA

Querida Mãezinha Carmen e querido papai Ronaldo, muito grato por virem, a fim de orarmos torsos juntos.

(...) Pais amigos, continuo trabalhando com alegria e sinto que estou um tanto mais disciplinado para tratar com os meus deveres na vida.

Mãezinha Carmen, tudo prossegue regularmente na Fazendinha, mas algo ocorre que nos obriga a pedir cooperação de nossa Casa para que se efetuem as medidas necessárias. Servindo no setor de avaliação, através de estatísticas baseadas nos pedidos de auxílio e proteção, e mostrando à nossa mentora Irthes Therezinha os resultados de nossos atendimentos, chegamos à conclusão de que é preciso se nos conjuguem as forças para

que tenhamos cada quinzena, durante 2 a 3 meses, uma palestra, mesmo simples e descontraída, na Escola, sobre higiene e moléstias contagiosas, no sentido de se evitar o crescimento de casos amargos, em que somos solicitados por tantas mães e tantos pais abnegados, que se afligem pelos filhos doentes e presos no leito; e casos de extrema gravidade, por falta de segregação do doente em recintos que se lhe faça conveniente ao tratamento.

Não preciso assinalar o ponto central de nossas inquietações por tantos jovens e adultos enfermos, com dificuldades para obterem assistência. Falamos das deficiências nesse terreno, mas sem qualquer crítica a situação desses irmãos doentes.

Creemos que qualquer providência que nos venha amparar, no auxílio aos enfermos, poderá despertar outras instituições em nosso favor, porquanto se uma doença existe presentemente, assume real importância na vida comunitária. Creio que os nossos irmãos carecem da proteção a que nos referimos.

A Fazendinha, do ponto de vista de espaço, não oferece oportunidade para largos empreendimentos, mas começada uma tarefa digna, outros corações, por certo, apoiarão o trabalho.

Este é o nosso programa de serviço que nos cabe desempenhar, com paciência e amor, para a realização precisa.

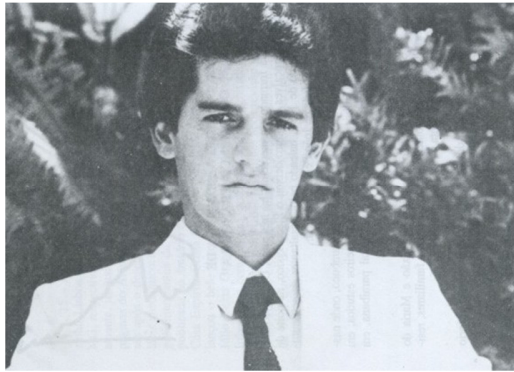
Perdoem as minhas palavras que visam somente o bem, e desejando-lhes o melhor nas bênçãos de Deus, com lembranças à querida Gisèle, o filho do coração que não os esquece,

Ricardo Tunas da Costa Leite.

Nota

15 - nossa mentora Irthes Therezinha - Irthes Therezinha Lisboa de Andrade, nascida e desencarnada em Ubá, MG, respectivamente, em 27/8/1921 e 15/7/1977, foi espírita atuante, inclusive no campo mediúnico, recebendo instrutivas páginas do Além. Diplomou-se professora primária. Três meses após o desenlace, enviou a sua primeira mensagem, pelo lápis mediúnico de Chico Xavier, endereçada aos seus amigos, integrantes da União da Mocidade Espírita de Niterói, publicada no Anuário Espírita

1984, pp. 75/80. Em 1983, a Casa Espírita Cristã (Edições CORDIS), de Vila Velha, ES, lançou o belo livro *Irthes & Irthes*, de autoria mediúnica de Júlio Cezar Grandi Ribeiro, com mensagens do Espírito de Irthes, bem como outras, anteriormente psicografadas por ela mesma, mas agora enviadas pela Irthes após revisão dos próprios autores espirituais. Irthes, Espírito, é também co-autora da obra *Cura*, de Francisco C. Xavier, Autores Diversos, GEEM, 1988.



Silvio Romeno Gonçalves Monteiro

5

"Voltei à vida nova de consciência tranqüila"

Já formado em medicina, há três anos, Dr. Silvio Romeno Gonçalves Monteiro deixou o Plano Físico, na noite de 24 de julho de 1986, baleado pelos assaltantes de seu automóvel, na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Em Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco, onde nascera a 11 de julho de 1958, fez seus primeiros estudos; em Recife, o Colegial; e diplomou-se na capital paraibana, em julho de 1983.

Seus pais Severino Monteiro da Paixão e Maria do Carmo Gonçalves Monteiro; irmãos, e muitos familiares, residem, até hoje, em Santa Cruz do Capibaribe.

Balsamizando a dor dessa brusca separação, o próprio Dr. Silvio Romeno, em Espírito, comunicou-se com os familiares, em carta elucidativa e consolados, um ano após o acontecimento. Assim, numa nova noite de julho - agora de júbilo e paz -, aproveitando a presença do casal amigo e conterrâneo Assis e Dora, na reunião pública do GEP, em Uberaba, aos 4 de Julho de 1987, ele testemunhou a sua imortalidade, pela psicografia de Chico Xavier, portando um dos maiores galardões que uma criatura pode aspirar neste mundo de provas e expiações em que vivemos: a consciência tranqüila.

Mensagem

Prezados amigos Assis e Dôra,
Jesus nos abençoe.

Sei que esperam por minhas notícias, a pedido de minha querida mãe e de meu pai Severino, e rogo-lhes sossegar-lhes o coração com a certeza de que estou convenientemente amparado em minhas melhoras crescentes.

Infelizmente, o projétil que me foi atirado alcançou o alvo, e não pude reter a mim próprio no corpo, que em perdas de sangue exauria.

Sabem que lutei muito para conseguir o título que me conferia os deveres da Medicina, e desde Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, sonhava com a missão de médico; entretanto, em me buscando para Nova Vida, a Bondade Infinita de Deus não me deixar aqui sem trabalho, não só porque a Divina Providência é a magnanimidade em si mesma, e sim também porque me encontrei com vários colegas que comunicaram que no Plano Espiritual existem mais doentes do que na própria Terra.

Estou diligenciando esforços para recuperar as minhas faculdades naturais e conto com a possibilidade de retornar às minhas tarefas mais cedo do que me seria licito esperar.

Peço-lhes dizer à mamãe que voltei à Vida Nova, que presentemente estou fruindo, de consciência tranqüila.

Possuía, em João Pessoa, a jovem que aspirava a adquirir por esposa, e estava a reconduzi-la para casa quando, ao voltar para o meu recanto, fui assaltado por irmãos infelizes que me alvejaram e tomaram o carro à força, sem que eu pudesse me defender.

Lembrei-me, porém, das velhas e sempre novas orações que minha mãe me fazia repetir todas as noites, em criança, e deixei o corpo entre a esperança em Deus e a saudade do lar.

Estou bem. Estejam tranqüilos.

Agradeço aos irmãos Dora e Assis que se farão, por bondade os intérpretes de minhas notícias, e se tenho algo a pedir aos queridos pais, rogo para que os nossos irmãos assaltantes não sejam incomodados por minha causa. Eles já trazem consigo a dor do arrependimento tardio, e bastará viverem para que reconheçam o que sofri, e o que outros amigos poderão sofrer ainda com a lamentável atuação deles. Ninguém precisará

vingar-se. A culpa é um aguilhão permanente no espírito, obrigando os culpados a se sentirem presos à lembrança das próprias vítimas.

Desejo a todos os familiares muita tranqüilidade, e beijando as mãos dos pais queridos, que tudo fizeram em meu benefício para que os meus ideais fossem realizados, pede a Deus os recompense o filho dedicado que lhes envia o coração reconhecido,

Silvio.
Silvio Romero.

Notas e Identificações

1 - amigos Assis e Dôra - O casal Dr. Francisco de Assis Silva e Dra. Maria Auxiliadora Moraes e Silva - Assis e Dôra na intimidade -, atualmente residentes em Araras, SP, foram seus amigos de infância em Santa Cruz do Capibaribe.

2 - a pedido de minha mãe e de meu pai - De fato, Dá Maria do Carmo telefonou aos amigos de Araras, bem mais próximos de Uberaba, para que lá comparecessem na esperança do filho enviar-lhe notícias escritas.

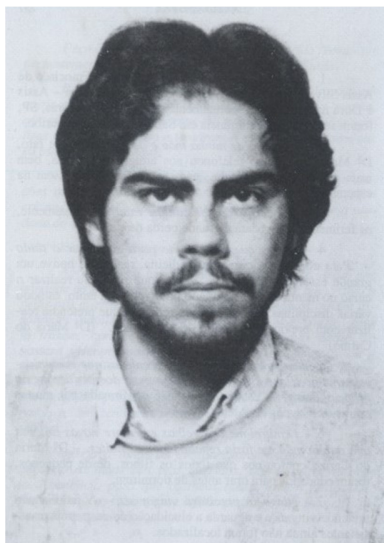
3 - que em perdas de sangue exauria - Realmente, os ferimentos provocaram grande perda de sangue.

4 - Sabem que lutei muito para conseguir o título - "Para concluir o curso de medicina, realmente houve um grande esforço por parte de Silvio, que procurou realizar o curso no menor espaço de tempo possível. Para tanto, estudou várias disciplinas em períodos de férias, já que pretendia realizar com brevidade o sonho de ser médico." (Dá Maria do Carmo)

5 - me encontrei com vários colegas que comunicaram que no Plano Espiritual existem mais doentes do que na própria Terra. - Esta informação é confirmada por muitas outras mensagens do Além.

6 - Lembrei-me das velhas e sempre novas orações que minha mãe me fazia repetir todas as noites. - Dá Maria do Carmo contou-nos que todos os filhos, desde pequenos, foram educados para orar antes de dormirem.

7 - Ninguém precisará vingar-se. - A família não pretende vingança e aguarda a elucidação do caso, pois os assaltantes ainda não foram localizados.



Kleber Silveira de Souza

6

"Mamãe, não era a moto que eu amava mais"

Órfão de pai desde os 2 anos de idade, o jovem Kleber, de 21 anos, era o filho único de Dá Zita, quando desencarnou em acidente de moto. Esse doloroso e inesperado desenlace ocorreu numa tarde de domingo, dia 10 de outubro de 1982, em Porto Alegre, RS, onde residida, deixando "um grande vazio, uma solidão plena de saudade" no coração da progenitora, conforme suas próprias palavras.

Dá Zita declarou-nos, ainda, que "apesar desse vazio imenso, de toda a minha dor pelo impacto do acontecimento, encontrei forças na minha fé e na certeza de que a vida continua. Esta certeza se fortaleceu quando compareci à reunião de Chico Xavier, em Uberaba, a 8 de setembro de 1984, e tive a graça de receber a mensagem de Kleber, muito linda e afetuosa. Ela é um Poema de Amora"

Kleber era muito apegado à moto, mas ao ler sua carta chegaremos facilmente à conclusão de que, de fato, não era a moto que ele amava mais...

Mensagem

Querida mamãe Zita, peço a sua bênção.

As horas passam e os dias vão correndo no rio do tempo, mas, efetivamente, que força poderá separar-nos?

Mamãe, esta frase longa é para dizer-lhe que continuo mais unido ao seu coração hoje, mais do que em outro tempo. Ninguém me impediria de não esquecê-la. Por isso, a moto foi apenas uma desculpa a fim de que eu voltasse à Vida Maior.

Sofri muito nos primeiros dias de ausência e o meu pai Higino é testemunha disso. Sempre acreditei que viveria ao seu lado, amando-a sempre, porque em seu carinho eu dispunha de todos os tesouros com os quais se pode sonhar.

Muitas vezes, quando me afastava para ver o poente no Guaíba, pensava em Deus, diante do Sol, iluminando as águas, e pedia a Ele não me retirasse a sua presença e o seu amor, de vez que sem eles, estaria plenamente desajustado para continuar vivendo.

Com a moto, o meu templo de fé sempre foi a Natureza, porque nas asas dela me via transportado para qualquer setor de nossa querida cidade de Porto Alegre.

Se via jardins, mentalizava-me a oferecer-lhe as flores mais lindas, ou se, à noite, fitasse as estrelas, mais longe da agitação e do movimento, deixava-me perder no desejo de colher alguma para brindar-lhe o coração.

Mamãe Zita, não era a moto que eu amava mais. Meu amor maior foi sempre o seu coração palpitando no meu.

Roguei tanto a Deus para que não a chamasse, deixando-me a sós com a vida; entretanto, os desígnios do Pai Celestial eram outros. Fui eu a voltar, sem a menor idéia disso.

Mas saiba que estou melhorando com a proteção de muitos amigos, que são companheiros de meu pai e do meu bisavô Silveira, de quem venho recebendo muita assistência e muito apoio. E, quanto mais consigo

melhorar-me, estarei mais perto de sua presença a fim de não interrompermos a nossa felicidade.

Peço-lhe alegria e esperança. Existem muitos outros jovens com nomes diferentes do meu; no entanto, iguais a mim na necessidade de carinho e compreensão.

Mãe, não permita que a tristeza lhe bata à porta. Considere quão feliz somos em nossa confiança em Deus e coloquemos essa bênção em nossos corações de maneira positiva, trabalhando e servindo aos que se encontram em dificuldades maiores do que as nossas.

Em nosso recanto da Avenida Bento Gonçalves estamos sempre juntos. Fale-me em nossas lembranças de sua alegria, para que seu filho esteja mais alegre, e recorde que Deus está presente em nosso afeto, balsamizando-nos a vida. Não creia que perdi o endereço: Avenida Bento Gonçalves, 2199, no recanto número 231. Veja que a minha memória está funcionando em sintonia com a minha saudade.

Sei dos sacrifícios que fez para vir até aqui; no entanto, peço a Jesus para que esses sacrifícios sejam abrilhantados pela alegria e pela esperança. Um dia, quem sabe? poderei escrever-lhe de novo, talvez aqui mesmo. E até que isso aconteça, conforme os meus anseios, conserve em seu coração querido os muitos beijos do seu filho, sempre o seu companheiro do coração,

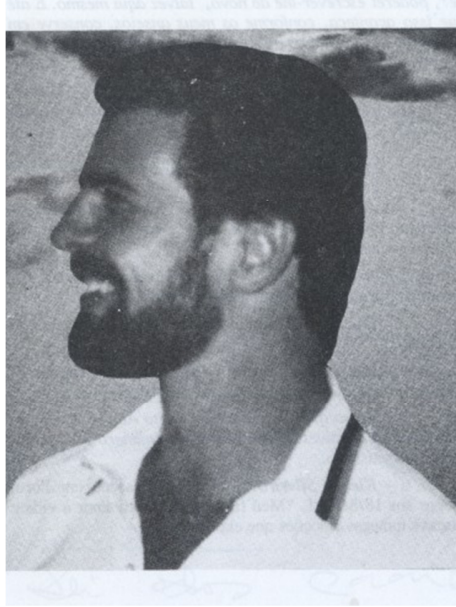
Kleber
Kleber Silveira de Souza

Avenida Bento
Gonçalves, 2199,
no recanto número
231. Veja que
minha memória
está funcionando
naudo em sintonia
com a
minha cidade.
Sei do sacrifício

Da Carta psicografada de Kleber Silveira de Souza, esta é a página de número 16, que diz: "Avenida Bento Gonçalves, 2199, no recanto número 231. Veja que a minha memória está funcionando em sintonia com a minha saudade. Sei do sacrifício (...)"

Notas e Identificações

- 1 - Mamãe Zita - Dá Zita Silveira de Souza, residente em Porto Alegre, à Avenida Bento Gonçalves, nº 2.199, apartamento 231.
- 2 - meu pai Higino - Higino Silveira de Souza, desencarnado em Porto Alegre, a 24/01 / 1964.
- 3 - Guaíba - A capital gaúcha situa-se à margem do rio Guaíba.
- 4 - meu bisavô Silveira - Amândio Silveira, desencarnado em Lagoa Vermelha, RS, há mais de 60 anos.
- 5 - nossa querida cidade de Porto Alegre. (...) Avenida Bento Gonçalves, 2199, no recanto número 231. - Endereço corretíssimo.
- 6 - Kleber Silveira de Souza - Nasceu em Porto Alegre aos 18/8/1961. "Meu filho tinha muito amor à vida e buscava todas as emoções que ela oferece."



Antônio Martinez Collis

7

"Peço-lhes perdão para os meus opressores"

A seis meses da sua formatura em engenharia química, pela Faculdade Osvaldo Cruz, de São Paulo, Antônio Martinez Collis, de 24 anos, foi atingido por um projétil fatal disparado por assaltantes. O fato deu-se na própria Capital paulista, onde residia, às 12:35 h de 24 de outubro de 1984.

Porém, no início do ano seguinte, já revelando grande compreensão das leis da vida, ele mesmo, do Mundo Maior, transmitiu aos queridos pais e à namorada palavra de reconforto e bom ânimo, esperança e fé, enfatizando a necessidade de "aprendermos, nós todos, a desculpar os infelizes atacantes."

"Os nossos destinos de criaturas humanas se parecem, a meu ver, com as ondas do oceano, que se fazem e se refazem constantemente." "Chegará um dia em que nos reuniremos todos num mundo sem adeus e sem morte." "Tudo, entendo agora, é questão de tempo na vida e paciência em nós." "Com a oração adquiri forças." - São pensamentos de um jovem inteligente e amadurecido, destacados de sua carta psicografada a 15 de fevereiro de

1985, que nos levam à meditação em face dos graves problemas existenciais que nos interessam a todos.

Mensagem

Querida Mãezinha Neusa e meu querido pai abençoem-me.

Ainda me sinto chocado com o assalto de que a Jane e eu fomos vítimas. Esperávamos o documento de que precisava e dialogávamos com alegria, quando os nossos irmãos infelizes nos intimaram de armas na mão. Por que estranhasse em voz alta aquela violência toda, o tiro partiu de um deles, alcançando-me um vaso importante ao longo da garganta e atravessando-me uma das vértebras, varando tecido delicado da medula.

Num relance, compreendi tudo, enquanto os assaltantes fugiram depressa, naturalmente receando represálias por parte de amigos que, de imediato, nos chegaram. Quis falar a Jane e fazer algumas recomendações, porque não me enganava quanto ao meu estado orgânico, mas foi impossível.

Conduzido ao socorro, ainda pude notar o olhar de comiseração dos médicos e amigos; no entanto, o meu pensamento esmoreceu no cérebro e dormi pesadamente no chamado torpor da morte.

Não sei precisar o tempo gasto no desmaio em que eu era visitado por pesadelos e mais pesadelos, quando despertei num lugar aprazível, cercado de árvores que o vento leve ensinava a cantar, qual se eu voltasse a ser criança embalada para o descanso.

Uma senhora, velava ao meu lado e, depois de mobilizar com muita dificuldade os recursos da fala, perguntei quem era para dispensar tanta bondade e em que casa de recuperação me achava, já que me lembrava claramente do projétil que me alcançou.

Cuidadosamente ela me disse que eu poderia chamá-la por vovó Maria Del Carmem e, sem alarme, fez-me sentir que meu corpo fora trocado sem que eu percebesse.

As belas palavras que ela pronunciava enfeixam a imagem da separação pela morte do corpo físico e chorei muito. Os meus sonhos de penetrar os domínios da Química e desposar a querida Jane estavam desfeitos.

Ainda assim, aquela devotada benfeitora me conduziu à oração, e repetindo petições e preces, adquiri forças para regressar à nossa casa e verificar a extensão dos sofrimentos a que involuntariamente dera causa.

Agora, depois de tantas semanas de esforço e luta para aceitar a compreensão da vida, peço-lhes perdão para os meus opressores, pedido que estendo à nossa querida Jane, a quem Jesus concederá a felicidade que ela merece.

Mãe Neusa, auxilie a nossa querida Jane a viver. Estamos hoje em faixas diferentes de vida, mas a vida nos trará o reencontro algum dia.

Os nossos destinos de criaturas humanas se parecem, a meu ver, com as ondas do oceano, que se fazem e se refazem constantemente.

Chegará um dia em que nos reuniremos todos num mundo sem adeus e sem morte.

Tudo, entendo agora, é questão de tempo na vida e paciência em nós.

Agradeço à nossa querida Jane quanto fez por mim nas horas rotineiras da existência, e especialmente naqueles momentos de término do corpo, de que me orgulhava tanto para trabalhar e aperfeiçoar os meus conhecimentos no futuro. Que a nossa Jane continue valorosa e paciente, e que nós todos aprendamos a desculpar aos infelizes atacantes.

Mãezinha Neusa e meu querido pai, a todos os nossos as minhas lembranças indiscriminadamente, porque o tempo de que disponho é demasiado curto e não quero cometer omissões na escrita vertiginosa a que a vovó Maria Del Carmem me convida.

Quisera algo possuir que me expressasse o reconhecimento e o amor, mas, à vista de minha carência de quaisquer recursos para ofertar-lhes hoje o que desejo, entrega-lhes a própria alma saudosa e ainda dolorida pela separação forçada, o filho amigo e companheiro que tanto lhes deve e que pede a Deus envolvê-los na luz da felicidade para hoje e sempre,

Tico
Antônio Martinez Collis

Notas e Identificações

1 - Querida Mãezinha Neusa e querido pai - Casal Antônio Collis Júnior e Neusa Martinez Collis, residente em São Paulo, SP.

2 - Jane - Namorada.

3 - Vovó Maria Del Carmem - Bisavó materna, desencarnada em 10/6/1967, em São Paulo.

4 - fez-me sentir que meu corpo fora trocado sem que eu percebesse. - Abandonando o corpo material pelo fenômeno da "morte", ou melhor, desencarnação, Tico se apresenta, agora, em outro plano vibratório, com seu corpo espiritual ou perispírito.

5 - Antônio Martinez Collis - Tico, na intimidade, nasceu em São Paulo, a 13/7/1960.



Laurinete Aparecida Duarte

8

"Para dar continuidade à minha evolução, espero voltar para a terra"

Ninguém poderia imaginar que a jovem Laurinete Aparecida Duarte, com seus exuberantes vinte anos, não resistisse a uma pequena cirurgia plástica. E o inesperado aconteceu, para espanto e desespero de sua família.

Ela havia sofrido, um ano antes, um acidente, deixando-lhe pequena marca na face; a solicitar uma intervenção restauradora.

Após permanecer quatro dias em coma, Laurinete desencarnou, na própria cidade onde residia, Curitiba, Capital paranaense, aos 24 de março de 1986.

*

Seus pais, Morethezon Alves Duarte e Delair Duarte, inconsoláveis, se deslocaram várias vezes, de Curitiba a Uberaba, em busca de conforto e paz. Na quinta viagem, em 24 de outubro de 1987, receberam afetuosa e elucidativa carta da saudosa filha, caracterizando uma "dádiva de Deus", na afirmativa da progenitora.

Ela ainda nos disse "as palavras de nossa filha foram um bálsamo para nosso sofrido coração, transformando a revolta em aceitação dos desígnios da Vida Maior."

Na mensagem, Laurinete, revelando-se consciente e bem orientada na atual situação espiritual, idealiza uma próxima reencarnação, afirmando que "para dar continuidade à minha evolução, espero voltar para a Terra."

Mensagem

Querida Mãezinha Delair e querido papai Morethezon, peço a Jesus abençoar-nos.

Este é um comunicado rápido para notícias. Já sofri bastante para entender a Nova Vida. Na passagem, notei, através de uma cortina de névoas, o sorriso de uma senhora que me pedia esperança e coragem. Notei-me dividida entre o desejo de ficar ou de ir ao encontro da senhora que me esperava, sem que eu pudesse retransmitir qualquer coisa dos casos tristes que eu via.

Mamãe compreenderá o que se passava comigo. Sentia-me uma tanto arrependida de haver provocado a intervenção no rosto, mas o amor por minha querida mamãe era sempre maior.

Uma força, que eu não sei deduzir em palavras, me atraía para a senhora que me dizia ser a minha bisavó Júlio, e eu não resisti. O corpo não me oferecia condições para não aceitar a mudança. Cedendo ao carinho de nossa Júlio, busquei interessar-me por ar e meu peito estufou-se; num relance, acompanhei os passos dela, que me sustentava, e em minhas lágrimas dei vazão à minha dor no mesmo instante.

Mãe, a princípio sofri muito, mas com o encaminhar dos primeiros dias fui sendo beneficiada pelas muitas preces da vovó Júlia. Acalmou-se o coração estraçalhado de dor com a nossa separação.

A querida benfeitora Júlio me dizia palavras de encorajamento, aconselhando-me calma e coragem, em nosso benefício. Aprendi a calar-me e isso produziu algum resultado.

Venho pedir-lhe conformação e esperança, e sobretudo rogar ao papai e a meu irmão para que nada reclamem, pois tudo passa, como já está passando o meu sofrido caso.

Por esta razão é que teremos de aprender.

Estou me esforçando para voltar à existência física. Para dar continuidade à minha evolução, espero voltar para a Terra. Tenho pedido a Deus paciência e serenidade para então marcharmos a uma escola de refazimento. Meu Deus, auxiliai-nos a dar amor, é isto que Vos peço, é assim que aprendi, certa de que voltarei.

Passo a reduzir minhas impressões para não cansá-los, mas peço-lhe Mãezinha, com todo o meu coração, não se desesperar com lágrimas que nos lançam os corações, pois preciso da sua coragem e da sua bondade, alma corajosa e boa, abreviando-me o tempo aqui, embora tudo transpire beleza e vovó Júlio represente a querida família.

Mãe, não chore com desespero no coração. Jesus não nos abandona e espero para breve continuar a ser a sua companheira.

Meu abraço ao Jeco e aos nossos amigos. E você, querida mãe dela, ao fim de minhas provas passageiras estaremos de volta para nosso convívio feliz.

Meu respeito ao papai Morethezon e para você, querida mãezinha, tão doce no lar que é o nosso lar, muito carinho e saudades da filha que traz o coração unido ao seu. Como sempre serei e sou a sua Lauri, para prosperarmos no encalço do aperfeiçoamento espiritual que nos convidará a servir muito.

Não posso escrever mais. Para você, Mãezinha, as saudades no ramallete de flores que hoje lhe envio, com todo carinho e as muitas saudades do coração da sua Lauri.

Muitos beijos da filha reconhecida,
Laurinete da Silva Duarte.

Notas e Identificações

1 - sem que eu pudesse retransmitir qualquer coisa dos casos tristes que eu via. - Refere-se ao período de quatro dias que estive hospitalizada e inconsciente (em coma). Sua visão era espiritual, em desdobramento, sem condições físicas de transmitir essas impressões.

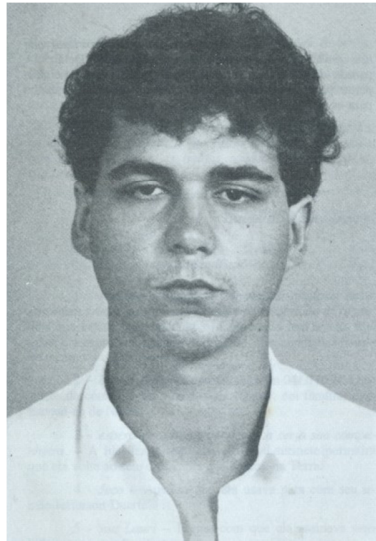
2 - bisavó Júlia - Desencarnada em 04/3/ 1959. Laurinete desconhecia seu nome, pois sempre, em família, chamavam-na de Nona.

3 - espero para breve continuar a ser a sua companheira. - A idealizada reencarnação de Laurinete permitirá que ela volte ao seio da família que deixou na Terra.

4 - Jeco - Apelido que ela usava para com seu irmão Jefferson Duarte.

5 - sua Lauri - Forma com que ela assinava seus bilhetes e cartas familiares.

6 - no encalço do aperfeiçoamento espiritual que nos convidará a servir muito. - Declaração de Dá Delair: "A partida de Lauri transformou minha vida, fazendo-me despertar para a vida espiritual. E, conseqüentemente, trabalho para os menos favorecidos em sua homenagem."



Carlos Alberto Gonzalez

9

"Peço-lhes não desprezarem a moto que me fez o veículo da viagem final"

Carlos Alberto Gonzalez era um apaixonado e grande defensor de motos. Sempre mudando de máquina, para melhor e mais sofisticada, já estava com a sua oitava moto, quando foi acidentado fatalmente.

A pancada na cabeça, decorrente de uma derrapagem com a moto, numa das ruas da Capital paulista, onde residia, pareceu sem maior importância aos médicos, na primeira consulta. Porém, o quadro clínico evoluiu desfavoravelmente, e na manhã do dia seguinte, 31 de março de 1985, desencarnou num hospital de Tatuapé.

Em sua primeira e confortadora carta mediúnica, quase cinco meses após o desenlace, rica em esclarecimentos, não se esqueceu de defender as queridas motos, pedindo aos pais para não desprezá-las, argumentando que são veículos tanto respeitáveis quanto os outros.

A bela e colorida mensagem impressa pela família Gonzalez, apresenta, em destaque, este expressivo agradecimento: "Ao querido médium Chico Xavier, Deus o abençoe pela paz encontrada."

Mensagem

Querido Papai Manoel e querida Mãezinha Lândia, peço-lhes me abençoem, oferecendo-lhes meu coração, extensivamente ao nosso Claudinei, presente em nossas preces.

Mãezinha Maria Orlândia, chamei-a por Mãezinha Lândia para recordar os meus dias de criança, quando balbuciava as palavras sem aprender-lhes o sentido integral.

Querida Mamãe e querido Papai, vou seguindo muito bem, apesar das saudades que se ampliam ao invés de sofrerem qualquer diminuição.

Não se impressionem com o choque sofrido por mim, com a queda inesperada de nossa máquina que me servia tanto. Quem sabe a causa de um acidente daqueles? Às vezes, uma simples pedra na via pública, de outras, algum pedaço de madeira esquecido ao léu... Não posso culpar a ninguém.

A moto caiu por inteiro atirando-me a cabeça ao piso de cimento, e de nada mais soube senão que um torpor invencível me tomou os pensamentos e por mais desejasse levantar-me para tomar a minha posição normal, isso não mais me foi possível, e por segundos, à maneira de relâmpagos derradeiros na memória, revi a família na imaginação superexcitada.

Depois da queda, veio aquele branco, no qual não sei se adormeci ou se desmaiei. Acordei, depois de muito tempo, creio eu, durante o qual estive inerte e incapaz de qualquer discernimento. Muito aos poucos, senti-me no corpo, à maneira de alguém que regressa vagarosamente à própria casa, e não consegui expressar-me, de pronto.

Notei que os meus olhos se retomavam nas órbitas e que, em minha boca, a língua ensaiava movimentos que me demorei a coordenar. Um homem velava comigo e cheguei a reconhecê-lo, antes que a fala me voltasse ao campo da manifestação. Era o Vovô Manoel que me passava a mão sobre a cabeça, como se quisesse restituir-me às idéias claras e exatas.

Penso que durante dois dias seguidos estive nessa vigília-sonolência, até que consegui dirigir-me ao avô, em cujo olhar brilhava o carinho que eu conhecia tão bem.

Respondeu-me com paciência às primeiras indagações, informando-me que o meu corpo habitual repousava na sucata de engenhos estragados, e que meu corpo novo era o verdadeiro, aquele que modelou a minha forma que o acidente consumira.

Chorei ao pensar que me via à distância dos pais queridos e dos queridos irmãos Claudinei e Luciene, distante de nossa Rose, a quem havia prometido a felicidade. Meu avô confortou-me esclarecendo que eu poderia auxiliá-los de outro modo e que nem tudo se perdera.

Logo após o meu despertamento, a Vovó Ana Gimenez veio ter conosco e assumiu as obrigações de enfermeira maternal, em que a vejo até agora.

Mãe querida e querido Pai, aqui não me falta medida alguma referente às minhas necessidades, pois os meus avós adivinham meus pensamentos.

Tenho ido à nossa casa, onde procuro transmitir à Mãezinha Orlândia a força necessária para aceitar os fatos tais quais são e espero que a Mãezinha e os irmãos me auxiliem a ser corajoso e forte, superando quaisquer impulsos de lamentação ou agressividade que ainda me afloram a cabeça. Noto que melho-ro à medida em que procuro aderir às idéias de paciência e serenidade que o vovô Manoel me ensina a cultivar.

Mãezinha, as saudades são muitas, no entanto, serão elas contornadas por nós, a fim de que as vençamos, de modo definitivo.

Agradeço todos os seus pensamentos e preces, em favor de seu filho acidentado e creia que tudo isso me faz imenso bem, porque as suas orações emanam e passam por mim ao modo de bálsamos que me consolam e fortalecem.

Peço-lhes não desprezarem a moto que se me fez o veículo da viagem final. A pobre máquina fez o que pôde para conservar-me na direção, qual se fosse dotada de inteligência, mas não conseguiu sustentar-me no lugar certo.

Muitas vezes ouvi depreciações em torno de motos preciosas e hábeis, qual se fossem repousáveis pelos maus momentos dos que as montavam; no entanto, a moto é um veículo respeitável tanto quanto os outros.

Papai Manoel, perdoe-me se lhe causei alguma decepção, pedido esse que estendo à Mãezinha Orlândia, porquanto, se dependesse de mim, aí estaria, para juntamente de nossa querida Rose, oferecer-lhes netos inteligentes e lindos, mas os Desígnios da Providência Divina eram outros, diferentes dos meus ideais de rapaz nascido para a família e espero que a conformação esteja conosco.

Queridos pais, abraço ao nosso Claudinei, presente, e a nossa Luciene, a nossa Rose e a todos os nossos amigos do coração e, desejando-lhes a paz da Bênção de Deus, com muito afeto e reconhecimento, sou o filho agradecido que não os esquece, cada vez mais afetuosamente,

Carlos Alberto.
Carlos Alberto Gonzalez.

Notas e Identificações

1 - Carta psicografada em Uberaba, Minas, a 17/8/1985.

2 - Papai Manoel e Mãezinha Lândia - Casal Manoel Trajano Guilhen Gonzalez e Maria Orlândia Gonzalez, residente à Rua Hiroshima, 95 - Jardim Japão, São Paulo, SP.

3 - Claudinei - Claudinei Gonzalez, irmão, presente à reunião pública do GEP.

4 - Muito aos poucos, senti-me no corpo (...) Notei que os meus olhos se retomavam nas órbitas e que, em minha boca, a língua ensaiava movimentos que me demorei a coordenar. (...) meu corpo novo era o verdadeiro, aquele que modelou a minha forma que o acidente consumira.
- Refere-se ao corpo espiritual (ou perispírito) e seus órgãos, que correspondem aos do corpo físico.

5 - Vovô Manoel - Manoel Troyano Cobrem, avô paterno, desencarnado em 26/8/84.

6 - Luciene - Luciene Gonzalez, irmã.

7 - Rose - Namorada.

8 - Vovó Ana Gimenez - Ana Cabrera Gimenez, desencarnada em 1944.

9 - Carlos Alberto Gonzalez - "Nasceu a 29/01/1965. Desde criança era um garoto tranqüilo, obediente e estudioso. Coursou até o 2º Colegial.

Tinha muitos amigos e era querido pela vizinhança. Trabalhava na Agência 199 do Bradesco, em Vila Maria." (Carta de seu pai, datada de 07/12/1987.)



Benedito Vieira dos Santos

10

Solucionando problemas familiares

Em recente carta a nós endereçada, Dá Iracema dos Santos, residente em São Simão, São Paulo, sintetizou os benefícios decorrentes da mensagem mediúnica, de autoria de seu esposo, nesta frase: "A carta, recebida pelo senhor Chico Xavier, deixou-me mais conformada, pois andava, até então, muito revoltada."

Um ano após sua desencarnação, Benedito Vieira dos Santos, em reunião pública de Uberaba, na noite de 19 de Julho de 1980, escreveu não só palavras de conforto e estímulo, mas abordou e equacionou vários problemas que afligiam os familiares. Assim, a opinião pública maledicente e desvirtuada; a mediunidade da filha; a enfermidade de outra filha, foram temas interessantíssimos para sua família, tratados por ele com muita elevação.

Mensagem

Querida Iracema, Deus nos abençoe, concedendo a você e aos filhos queridos, multiplicadas bênçãos de amor, saúde, alegria e paz.

Compreendo o quanto se sente só, sem a minha companhia, e venho pedir-lhe que não se impressione com a opinião de quem não conheceu a verdade,

A mediunidade de nossa querida filha com o tempo ficará em nível ideal. Tudo o que traga ou ocasione aflição não procede de Deus, porque Deus espera por nossa felicidade em qualquer circunstância da vida.

Se existe alguém que pode declarar de público o quanto lhe devo, esse alguém sou eu, a quem você entregou a própria existência. Agradeço a você, querida esposa, por todas as bênçãos que recebi de sua dedicação, e peço aos filhos abençoados que me aprovelem essa declaração de reconhecimento.

Envio à nossa Rosa Maria, os mesmos agradecimentos por toda dedicação com que se empenha aos nossos ideais, ruas peço a ela muito cuidado para se defender.

Acompanho a nossa Expedita em seu refazimento necessário. A filha querida melhorará e temos a nossa experiência e por experiência, sei que Jesus não nos abandona. Espero que a nossa Expedita tenha seu horário particular de orações, porque através desses minutos de reflexão e prece, poderemos cooperar com ela e a, favor dela com mais segurança.

Envio muitas lembranças a todos os filhos: Ivana, Rosa Maria, Joana D'Arc, Maria Alice, Jorge e Benedito, pedindo a Jesus abençoe e fortaleça a todos no caminho do bem.

A nossa querida irmã Maria Evangelista, que foi terna e querida mãezinha, aqui tem sido amável em me auxiliar para obter o melhor em nosso favor.

Querida Iracema, não se impressione com a opinião negativa do mundo. Perante Deus, basta que eu saiba o quanto devo ao seu carinho

E, sou eu quem volta a fim de manifestar-lhe os meus carinhosos agradecimentos. Tudo passa querida esposa, mas o amor reina em nome do Cristo sobre nós.

Desejava ser mais extenso, mas não posso por hoje.

Continue valorosa e calma, superando as dificuldades que apareçam na vida e esteja certa que estamos muito gratos.

Agradeço mais uma vez tudo o que recebo de suas mãos e das mãos de nossos entes queridos que começam a tranquilizar-me na Vida Maior, a que vou me adaptando pouco a pouco.

Pelas desarmonias em casa, pediremos o amparo do Senhor e estejamos confiantes que Jesus nos ampara e amparará com o sublime e reconfortante bálsamo de seu Divino Amor.

Esperamos que você vença em paz todos os pequenos desfechos da vida em família, e da vida de relacionamento com os outros. Tenhamos fé.

Receba, com os filhos, o coração reconhecido do companheiro muito perto, de todos os dias, sempre seu,

Benedito Vieira dos Santos.

Notas e Identificações

1 - Querida Iracema - Iracema dos Santos, esposa, residente à Rua Expedicionários, 329, São Simão, SP.

2 - Filhos abençoados - Sônia Aparecida, Rosa Maria, Expedita, Ivana Sheilla, Isis Joana D'Arc, Maria Alice, Jorge e Benedito.

3 - querida irmã Maria Evangelista - Tratamento carinhoso à sua sogra. Desencarnada na cidade de São Simão, em 1964.

4 - Benedito Vieira dos Santos - Nasceu em 14/5/1921 e desencarnou em São Simão, a 29/7/79, de doença renal. Sempre foi muito dedicado à família e ao trabalho. Ferroviário da Cia. Mogiana (hoje, Fepasa), já estava aposentado.

5 - PRESSENTIMENTO - Em sua carta de 29/6/88, contou-nos sua esposa: "Ele teve pressentimento do seu desenlace, sete meses antes, pois em 1/01/79, quando estávamos fazendo um churrasco, e a Sônia entrou gritando: 'O menino da Inês morreu atropelado!', ele falou, baixinho: 'Acabou meu churrasco; este é o último ano que estou aqui.' A sua doença se manifestou depois desse episódio."



Luiz Paulo Alves Reis

11

Estávamos todos em outra vida

O garotinho Luiz Paulo, de 11 anos, encontrava-se hospitalizado em Ribeirão Preto, SP, gravemente enfermo, sob tratamento de leucemia, quando seus avós Armando e Elisa, juntamente com a tia Ana, se acidentaram fatalmente, a 19 de agosto de 1983, na viagem de Colina, SP, àquela cidade. O carro chocou-se com um caminhão, sendo que somente a avó não faleceu no local, vindo também a desencarnar, dois dias após, na Santa Casa de Bebedouro, SP.

Tão doloroso acontecimento foi ocultado de Luiz Paulo até quatro dias antes de seu passamento, ocorrido a 1º de outubro de 1983, no dia em que foi desenganado pelos médicos. Ao receber a notícia, ele chorou muito, mas não fez nenhum comentário.

Porém, sete meses após, em amorosa carta mediúnica, o ativo garotinho voltou, curado da enfermidade, traçando longo comentário sobre suas novas experiências no Mundo Maior, destacando a primeira visita

recebida, na condição de Espírito liberto, exatamente dos familiares queridos que não conseguiram chegar a Ribeirão Preto... E nesse reencontro de paz e carinho, Luiz Paulo foi informado pelo avô de que agora estavam todos em outra vida...

Mensagem

Querido papai Alexandre e querida mãezinha Kayoko, peço-lhes me abençoem.

Estou muito surpreso, mas venho até aqui, trazido por meu avô Armando, que me recomenda escrever-lhes alguma notícia.

Ele e outros amigos me auxiliam; no entanto, sinto-me ainda fraco e a novidade me abate um tanto. Sei que estamos numa reunião de gente amiga, mas, apesar de tudo, noto as mãos trêmulas porque a minha emoção é muito grande.

Pai, muito grato por desejar saber informações nossas. O senhor e a mãe Kayoko podem ficar tranquilos.

Não fossem as dificuldades que vi em nosso ambiente familiar, com o falecimento de meus avós e da querida tia justamente quando se decidiram a visitar-me em Ribeirão, eu teria chegado aqui, na Vida Espiritual, em melhores condições, mas além daquela fraqueza progressiva que me prostrava, a notícia do acidente que nos privava da presença do vovô Armando, da vovó Elisa e da tia Ana, o choque de que me vi acometido era forte demais para mim.

Lembro-me da consternação de todos e da tristeza da Elisa, da Débora, Elo e do Alexandre, tristeza que não conseguiam me esconder. Minhas energias pareciam marteladas por uma picareta invisível, porque eu estava entre a doença irreversível e a morte dos nossos queridos, aos quais eu amava tanto. Não me sentia mais um menino aos onze de idade, pois a dor me amadureceu o raciocínio, de repente.

Lutei ainda para reaver as minhas forças. Não era possível entregar-me ao pessimismo, quando meus pais e meus irmãos necessitavam de mim; entretanto, a certeza de que eu não mais veria meus avós em nosso lar de Colina, me pareceu um peso esquisito, de cuja influência não consegui me levantar...

A doença havia apagado a minha capacidade de resistência e como que me resignei, embora sem me conformar à exigência externa que eu não compreendia... Exigência de me afastar do corpo fatigado e enfraquecido, como se fosse uma pessoa expulsa da própria casa.

Não pude mais. Chegou um momento, em que me vi cercado por irmãos franciscanos, pois eram eles, aos meus olhos, enfermeiros novos, que me assistiam. Um deles colocou uma das mãos sobre a minha cabeça e adormeci. Passei por um tempo de esquecimento que não entendi até hoje. Parece que andei anestesiado por vários dias. Quando acordei estava num aposento amplo com o meu avô Armado, a minha avó e a minha tia, estendendo-me os braços a falarem frases de bênção e boas vindas. Fiquei assombrado porque ignorava onde estava, se em Colina ou se em alguma instituição de saúde.

Tudo ali era paz e o corpo estava sem dores. Perguntei ansiosamente, sobre o que me sucedia, quando vovô Armando me explicou que estávamos todos em outra vida, e usando corpos sadios e mais seguros do que os nossos, aqueles que usávamos na Terra. Chorei muito entre a alegria e o sofrimento, pensando em minha mãe e em meu pai, e lembrando-me de meus irmãos.

Quase descrendo de quanto via e ouvia, fui tratado por medicina que me reavivou o ânimo para retomar a vida; entretanto, passei por uma espécie de diálise, em que todo o meu sangue foi reconstituído.

Depois de algum tempo, tive reconforto de ser visitá-lo pelo amigo Antônio Bento, notícia que muito desejei transmitir à nossa Débora; e vou reencontrando amizades que me reconfortam.

Querido pai e querido mãezinha, aqui me prometem estudos e novas tarefas, nas quais me farei útil à nossa querida família. O vovô Armando me encoraja refletir no futuro com mais serenidade, e os estímulos das palavras dele me refazem para voltar a ser eu mesmo.

Rogo à mamãe Kayoko não chorar por mim. O meu tempo no corpo da existência física se cumpriu, e devo estar novamente forte para ser o filho corajoso e dedicado ao dever, que ela e o senhor sempre esperaram de mim.

Encontrei aqui igualmente um amigo dedicado, que me revelou ser o meu bisavô Yamaki, e de surpresa em surpresa espero conquistar as

condições precisas, para ser o homem de bem que devo ser, tanto perante os meus familiares no Plano Físico, e também diante dos nossos familiares na Vida Espiritual.

Querido pai Alexandre e querida mamãe, envio lembranças para Elisa, Débora, Elo, Alexandre e todos os nossos.

Meu avô Armando me recomenda preparar-nos para a volta à nossa moradia, e me despeço com muitas saudades, pedindo aos pais queridos receberem as muitas aspirações e as muitas saudades, nos beijos do filho agradecido que sempre lhes pertencerá,

Luiz Paulo Alves Reis.

Notas e Identificações

1 - avô Armando, vovó Elisa e titia Ana - Avós paternos Armando Francisco Alves dos Reis (espírita convicto, freqüentava Centro Espírita em Colina, onde residia) e Elisa Chiaroti Alves dos Reis. Tia Ana dos Reis Sensato. Todos desencarnados em conseqüência do acidente, de automóvel, entre Terra Roxa e Bebedouro.

2 - Elisa, Débora, Elo e Alexandre - Elisa Aparecida Alves Reis Icuma, Débora Alves Reis, Eloísa H. Alves Reis Silva e Alexandre Alves Reis Filho, todos irmãos.

3 - me vi cercado por irmãos franciscanos - "Um ou dois dias antes do falecimento de Luiz Paulo, estando comigo no Hospital S. Francisco, de Ribeirão Preto, todos os meus irmãos e irmãs, o mano Antônio Abrão dos Reis, médium vidente, tranqüilizou-me dizendo que muitos padres, com capuz na cabeça e calçados com sandálias, características dos franciscanos, estavam no quarto, amparando meu filho. Portanto, a mensagem confirma a visão de meu irmão." (Esclarecimento do Sr. Alexandre) Observa-se que há uma resposta do Alto aos apelos da Terra... Os fundadores do Hospital invocaram a proteção de S. Francisco de Assis, e lá estão, a postos, os abnegados franciscanos... (Fato semelhante ocorreu, quando D^a Genny Villas Boas Mercatelli, diretora do Sanatório Antônio Luiz Sayão, de Araras, SP, recebeu, de forma inesperada, mensagem mediúnica desse patrono espiritual do hospital. Ver Reencontros, Espíritos Diversos, F. C. Xavier, IDE, cap. 9 e 10.)

4 - fui tratado por medicina (...) passei por uma espécie de diálise, em que todo o meu sangue foi reconstituído. O perispírito (ou corpo espiritual), que acompanha o Espírito após a desencarnação, apresenta os mesmos órgãos e sistemas do corpo físico, inclusive o sangüíneo, que é o setor lesado quando há leucemia. Já estando enfermo antes da reencarnação, ele refletirá no corpo material, na região correspondente e num determinado momento, tal enfermidade. Entendemos, dessa forma, que Luiz Paulo nasceu com a predisposição mórbida (O meu tempo no corpo da existência física se cumpriu), porém com o período de doença na Terra e o tratamento a que ele se refere, realizado no Mundo Espiritual, obteve a cura definitiva. (Ver caso semelhante na obra Estamos no Além, Espíritos Diversos, F. C. Xavier, IDE, c. 2.)

5 - amigo Antônio Bento - Desencarnado 15 dias após o passamento de Luiz Paulo, por afogamento, num sítio próximo de Barretos. Era natural de Jaborandi e namorado de Débora. Já enviou mensagem à família, pelo médium Chico Xavier.

6 - meu bisavô Yamaki - Bisavô materno, desencarnado em 11/8/1954, aos 70 anos.

7 - Luiz Paulo Alves Reis - Nasceu em Barretos, a 20/11/1971. Estudioso, cursava a 6ª série do 1º Grau. Esportista, gostava de nadar e andar de patins. Era muito alegre e comunicativo, sempre cercado por muitos colegas.

8 - Os pais de Luiz Paulo, Alexandre Alves Reis e Kayoko Yamaki Alves Reis, residem na cidade paulista de Colina. Tiveram o primeiro contato com o médium Chico Xavier, na reunião pública do GEP, em Uberaba a 27/4/1984, quando receberam a carta acima. Assim, o progenitor narrou-nos esse interessante encontro, em carta de 05/7/1988: "Consegui a ficha de número 42, que me permitiria falar com o Chico, naquela tarde. Sentei-me num canto do salão, aguardando a minha vez. Mas, para minha grande surpresa, fui o primeiro a ser atendido. Chico chamou-me, e após ouvir a minha triste história, notificou a presença de vários familiares meus, em Espírito: 'duas Anas, um padre e minha mãe Elisa.' Quis saber o sobrenome das Anas, e eu lhe respondi que deveriam ser a minha avó paterna Ana Rosa de Jesus, e Ana dos Reis Sensato, minha irmã. Ele as confirmou e, a seguir, perguntou-me se o padre, presente, era

amigo da família. Lembrando-me, então, que no mês anterior, havíamos recebido mensagem psicográfica de minha irmã Ana, no Centro Espírita Maria Amélia, em S. Bernardo do Campo, SP, na qual ela dizia amparada por um padre de nome João, disse ao Chico que deveria ser o Padre João. O médium confirmou, acrescentando que ele era de Barretos. O surpreendente diálogo foi encerrado, e à noite recebemos a tão esperada e confortadora carta de meu filho.



Maria Cecília Ferreira

12

O desquite é uma espécie de conta interrompida

"A mensagem de minha filha, Maria Cecília Ferreira, recebida em Uberaba, a 23 de setembro de 1983, pelo nosso amado Chico Xavier, muito me beneficiou, pois veio ao encontro do que acredito: a existência da Vida espiritual. Sou espírita desde a infância. A alegria foi grande e veio reforçar a minha crença de que a morte não existe." Esse foi o depoimento de D^a Nélida C. J. Ferreira, residente em São Paulo, Capital, expresso em carta recente, quando nos autorizou a incluir tal mensagem nesta obra.

Ela ainda nos afirmou feliz, saber que a filha, desencarnada em 27 de maio de 1983, "é uma trabalhadora na Seara do Cristo", com base em cartas mediúnicas, posteriores, de autoria dela mesma.

Em sua minuciosa mensagem, Maria Cecília descreve a assistência carinhosa recebida no Além, pela bisavó materna Vicência, desencarnada em 1937, não conhecida nem de sua genitora, mostrando-nos que cada pessoa tem a sua família espiritual, e, portanto, somos amados por muitos corações que nos acompanham de Lá e que não conhecemos...

Maria Cecília casou-se aos 17 anos, teve uma filha aos 19, e aos 22 desquitou-se. Tal problema familiar é abordado, em sua carta, com palavras de equilíbrio, analisando, sabiamente, o desquite como "uma espécie de conta interrompida."

Mensagem

Querida mãezinha Nélide, este é sem dúvida um grande momento para sua filha que lhe pede a bênção, como sempre, sem esquecer do papai Osvaldo.

Mãe, não é fácil descrever o que seja para mim a separação. Falar do acidente que me tomou todas as resistências, tanto quanto ao nosso amigo Vanderley é um problema cuja solução não me compete.

Não creio que os acidentados sejam relatores fiéis do que lhes aconteceu, porque o desastre é semelhante à faísca que nos fulminasse sem aviso prévio.

Estávamos despreocupados e trocando impressões com segurança e sobriedade, quando um choque tremendo nos estonteou a cabeça...

Tive a idéia de estender algum socorro ao amigo, no entanto, as minhas possibilidades de movimento estavam extintas. A visão se extinguiu e mal conseguira ouvir exclamações aqui e ali, que não podia precisar quanto à procedência de que se originavam em nosso favor.

Sinceramente não me restou qualquer faixa de tempo para me dedicar à oração.

O impacto de forças sobre mim era constrangedor, em excesso, para que eu pudesse destacar alguns momentos a qualquer comiseração, que não fosse o instinto de autodefesa que ainda me restava. Perdoe-me se foi assim mas não posso faltar à lealdade para comigo mesma.

Penso que o desmaio compulsório em semelhante situação, é acontecimento de qualquer pessoa que se veja nas circunstâncias em que eu me reconheci.

Apaguei-me por dentro de mim própria, e sei apenas que acordei num aposento arejado e confortável, supondo-me hospitalizada na Terra mesmo; entretanto, a senhora que velava comigo, recebeu minhas perguntas ansiosas com tamanha paciência, que ali mesmo à frente dela,

me reconheci numa outra existência, ou vitimada por algum acesso de alienação mental que me deixou atônita e infeliz...

Pouco a pouco, no entanto, aquela criatura meiga e tolerante, me recomendou chamá-la por vovó Vicência, e compreendi, num relance que me achava ausente da vida física.

Perguntei pelos pais queridos, por nossa querida Carla, e pelo nosso amigo Vanderley, e a todas as minhas inquisições, a vovó Vicência me forneceu minuciosas e amplas respostas.

Compreendo mãezinha querida, que já choramos em excesso e peço-lhe continue a me auxiliar com os pensamentos de paz e fortaleza de espírito.

Desnecessário dizer ao seu carinho, que já tomei consciência da posição da querida filhinha e do vazio que ela deixou em nosso ambiente. Reconheço, no entanto, que não nos seria lícito retirar do Francisco o direito de retê-la na condição de pai, já que a nossa vida em comum no casamento não mais me fora possível. A separação se consumara e rogo-lhe aceitar comigo o novo sistema de relacionamento que nos foi imposto. Peço-lhe, tanto quanto ao papai, não se desinteressarem da filhinha querida que lhes deixei por neta do coração, e pedirei a Jesus para que o Francisco nos entenda a saudade, e não se oponha ao relacionamento mais íntimo.

O desquite é uma espécie de conta interrompida, porque por mais que a gente procure esquecer isso ou aquilo, o filho ou os filhos, são vínculos da vida que não desaparecem. Hoje não sei se ofendi ao companheiro amigo, que um dia recebi por esposo, ou se ele experimenta a mesma dúvida que me aflora ao pensamento, mas se o nosso amigo conserva qualquer lembrança negativa a meu respeito, por dentro de mim rogo a ele que me considere liberada de qualquer falta involuntária.

O tempo fará uma compressa de esquecimento e tolerância recíproca nos corações machucados pela vida, ou feridos por nós mesmos, e Deus abençoará a nossa Carla para que ela cresça risonha e feliz.

Querida mãezinha Nélida, sei que o nosso irmão Vanderley foi acolhido por generosos parentes da família Flores, e espero que esteja mais forte do que eu própria, que ainda convalesço um tanto quanto vacilante, controlada pelas rédeas de minhas próprias lembranças dos pais queridos, da filhinha inesquecível e dos laços afetivos que deixamos sempre na

retaguarda, quando a separação aparece. Agradeço, mamãe, suas preces em meu favor, e estou no propósito de melhorar-me na renovação espiritual, a fim de lhe ser útil.

Para as mães os filhos são sempre jóias no cofre da alma, no entanto, pelas inquietações que lhe causei, peço-lhe que me perdoe, abençoando-me sempre. Quando a oportunidade surgir, beije nossa Carla por mim, e diga ao papai do meu reconhecimento de todos os instantes.

Não veja tristeza em minhas frases; estou consciente e íntegra, em meu otimismo e em minhas esperanças de que dias futuros serão melhores para nós.

Mãezinha querida, com todo o seu amor, reaqueça o coração de sua filha que ainda não se habituou com a idéia de que nos achamos distantes uma da outra.

Abraçe-me, mãe querida, e diga que me ama, porque fora de sua abnegação não encontro agora mais fortes motivações com a vida.

Conserve-me em seu caminho iluminado de perdão, e receba muitos beijos de sua filha, sempre sua

Maria Cecília

Notas e Identificações

1 - papai Osvaldo - Osvaldo Ferreira, pai.

2 - amigo Vanderley - Ultimamente, Maria Cecília vivia em companhia de Vanderley Flores Arrojo, desencarnado no mesmo acidente, na Capital paulista.

3 - um choque tremendo nos estonteou a cabeça... - Na Radial leste, da Capital paulista, o seu automóvel juntamente com outros dois ou três veículos, foram atingi-los por um caminhão desgovernado, que entrou em pista contrária.

4 - vovó Vicência - Vicência de Jesus, bisavó materna, desencarnada em São Paulo, a 27/5/1937.

5 - querida Carla - Carla Ferreira de Mendonça, filha, atualmente com 10 anos. Estava no carro com sua mãe, no dia do acidente, mas não apresentou lesões muito graves, permanecendo hospitalizada por alguns dias.

6 - Francisco - Ex-marido.

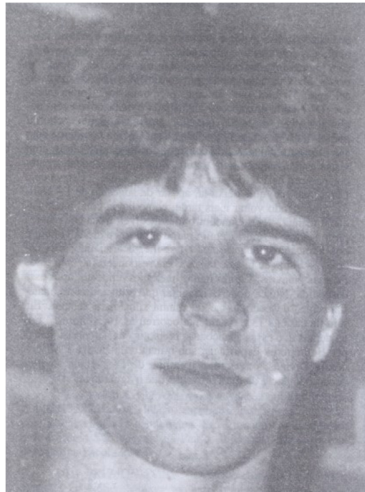
7 - pedirei a Jesus para que o Francisco nos entenda a saudade - O relacionamento familiar é bom. Atualmente, Carla reside com a madrinha e tia materna Ana Maria, mantendo contato, quase diário, com os avós maternos.

8 - O desquite é uma espécie de conta interrompida - Em face da lei da Ação e Reação, ou Carmica, à luz da reencarnação, esta frase encerra profunda sabedoria, em concordância com esclarecimentos de Benfeitores Espirituais, dentre eles Emmanuel, que respondendo à pergunta: "Existem casos francamente insolúveis nos casamentos desventurados; não será o divórcio o mal menor para evitar maiores males?", assim a elucidou: "Muitos dizem que o divórcio é válvula de escape para evitar o crime e não ousamos contestar. Casos surgem nos quais ele funciona, por medida lamentável, afastando males maiores, qual amputação que evita a morte, mas será sempre quitação adiada, à maneira de reforma no débito contraído." (Leis de Amor, médiuns F. C. Xavier e W. Vieira, Edições FEESP, S. Paulo, 12ª ed., 1988, cap. IV, q. 8.)

9 - Maria Cecília Ferreira - Nasceu em São Paulo, a 12/4/1958. Nas atividades escolares, sempre se destacou pela sua inteligência e liderança. Era formada em decoração pelo Colégio São Vicente de Paulo. Já casada, fez curso de desenho na Escola Pro-Tec.

10 - PREMONIÇÕES - Dois meses antes do acontecimento, Dª Nélide sonhou que perdeu num acidente dois familiares (pai e marido) e viu uma criança envolvida em gaze, pedindo socorro. Após o acidente real, visitou Carla no hospital, toda enfaixada e suplicante: "- Fica comigo, vovó!", com impressionante semelhança com o sonho. Ela já teve outros sonhos caracterizando pressentimentos. Na véspera do acidente, 5ª feira, os "sintomas premonitórios" foram intensos. Dª Nélide amanheceu angustiada e melancólica sem nenhum motivo. À tarde, quando esteve em Santos, chorou muito. Na 6ª feira, pela manhã, Maria Cecília combinou com sua mãe para deixar Carla consigo, depois das 18 horas, com vistas a um compromisso à noite. Porém, surpreendentemente, compareceu às 12,40 horas, "só para ver a mãe". Estava com Carla, mas não quis deixá-la, apesar da sugestão de Dª Nélide, prometendo voltar mais tarde, como havia combinado naquela manhã. "Neste encontro inesquecível, trocamos

olhares prolongados; ao sair, Cecília parou na porta e ainda voltou, e nos abraçamos longamente. Disse-lhe, acariciando seus cabelos: - Filha, eu te amo tanto. E ela respondeu-me com essas mesmas palavras. Chorei muito, inexplicavelmente, após essa despedida. Nunca poderia imaginar que estava, de fato, materialmente, despedindo-me de minha filha para sempre. Ela saiu de casa as 13 e o acidente ocorreu às 14,30 horas." Entendemos que essas abençoadas premonições, supervisionadas por Benfeitores Espirituais, sob o manto da Justiça e Misericórdia Divinas, prepararam o íntimo de D^a Nélida, amortecendo o impacto da dura provação que a aguardava.



Júlio César C. da Silveira

13

Venho pedir o seu perdão para minha falta grave

Júlio César era o filho único do primeiro casamento de D^a Arina Cardoso da Silveira, residente em Criciúma, Santa Catarina. Estudioso, concluía o 2º Grau; e trabalhava, à tarde, num Laboratório de Análises Clínicas. Vivia em harmonia com a família: a mãe; o padrasto Alvim da Silveira, considerado por ele como "pai amigo"; e os irmãozinhos André e Rodrigo.

Assim, ao pôr termo à vida física, com um projétil de revólver, em 24 de junho de 1986, poucos dias depois de completar 17 anos, surpreendeu profundamente toda a família e seus amigos.

Quase dois anos após esse doloroso acontecimento, Júlio César voltou a dialogar, em esclarecedora e amorosa mensagem psicográfica, com sua progenitora, que comparecia, na noite de 27 fevereiro de 1988, pela terceira vez, à reunião pública do GEP.

Dias antes, D^a Arina teve um sonho nítido com o médium Chico Xavier, e decidiu viajar urgentemente, de Santa Catarina a Uberaba,

superando vários empecilhos, entendendo que o sonho se lhe revelava que era a hora do filho querido comunicar-se... E ela estava certa.

Mostrando-se humilde e arrependido, o jovem relata, em páginas de dura realidade, a dolorosa situação em que se encontrou na Vida Maior, após o suicídio, transmitindo valiosa experiência a todos nós, e exclama à sua mãe, numa súplica comovente: "Ah! Mamãe Arina, perdoe-me."

Mensagem

Querida mamãe Arina.

Peço-lhe me abençoe.

Ainda me vejo no centro dos resultados infelizes do gesto com que me retirei da vida física, sem esperar pelos Desígnios de Deus.

Depois daquele fim de junho em que a imaturidade me tomou o espírito, armando-me com o projétil que usei contra mim próprio, não sei dizer a extensão de minhas ansiedades. Estava, de minha parte, na condição do rapaz menino, derrotado pelo sofrimento; e associando-me à sua dor de mãe que indagava o porquê do meu gesto desesperado, os meus conflitos eram visões arrasadoras.

Ah! Mamãe Arina, perdoe-me.

Ninguém precisa reprovar a criatura que se mergulha nas sombras do suicídio, porque essa criatura já possui, por si mesma, um monte de amarguras para se sentir nos caminhos dolorosos da corrigenda, com o remorso a lhe pesar na consciência. O que sofri, logo após o meu desenlace, é alguma coisa que me escapa ao propósito de interpretação.

Tomei conhecimento de mim próprio, depois de longos pesadelos em que me mantinha no comportamento dos loucos.

Um dia, não sei depois de quantos dias, senti que a minha consciência despertava, talvez mais viva.

Pude, no entanto, ouvir aquela alma santa que se me deu a conhecer por Tereza, a minha bisavó, hoje minha benfeitora e enfermeira a fazer-me reconhecer que Deus existe nos corações afeiçoados na abnegação e no sofrimento. Venho até aqui em companhia dela, pedir o seu perdão para minha falta grave. Sei que entidades infelizes tiveram muita participação em meu problema triste, mas não desejo inculpar senão a mim mesmo,

porque a vida é uma bênção de Deus, e nos cabe a obrigação de esperar por Deus para deslocá-la de uma situação para outra.

Peço-lhe perdão, sem me esquecer de fazer idêntica rogativa ao meu pai amigo Alvim e aos meus irmãos André e Rodrigo. Se pudesse desejaria pedir a todos os amigos, e até mesmo aos objetos de nossa casa, me desculparem o erro cometido.

Rogo ao seu carinho de mãe, conversar com a nossa Ângela, dizendo-lhe que não a esqueço e lastimo a compulsão de que fui vítima, num momento em que eu tanto precisava continuar vivendo em minha existência de menino.

Querida mamãe, agradeço o seu auxílio, amparando-me indiretamente ao fixar-se no trabalho de assistência da Seara de Jesus que, em Criciúma, é a presença de Cristo, tomando-nos pelas mãos a fim de guiar-nos na direção dos asilos da paz.

Sei que errei e compreendo que sou punido por mim próprio, mas não estou sem esperança. Deus retira novos rebentos das árvores decepadas e faz nascer, no pântano, os lírios que enfeitam a lama com a brancura dos lírios de neve.

Mãe querida, não me pergunte a razão ao ato tresloucado a que me entreguei. Ainda não tenho os pensamentos equilibrados a fim de estudar o meu próprio flagelo íntimo. E creia que a Ângela não terá sido a causa do meu desequilíbrio. Por muitos dias, senti-me dominado por uma vontade muito superior à minha, e tudo planejei precipitadamente para não adiar e nem falhar naquele gesto infeliz.

Mãe Arina, perdoe-me se não procurei ver os seus exemplos de paciência e coragem diante da vida. Graças a Deus, sinto-a sob o amparo de nosso Alvim, a quem amo qual se fosse meu próprio pai, e peço a Deus para que os meus irmãos André e Rodrigo não me sigam na estrada espinhosa na qual eu me debato.

Embora as minhas tribulações, lembro-me de que o aniversário do Rodrigo está próximo, e rogo à sua bondade abraçar por mim o querido irmão.

Venho melhorando em meus conhecimentos nas suas horas de dedicação aos necessitados na Seara. Que eu possa ampliar as minhas experiências e aprender a servir como devo.

Estou ainda nas forças de minha bisavó Tereza e não sei onde estarão as minhas, porque, desde a minha conscientização, estou um bagaço de fraqueza e sofrimento. Peço ao seu carinho continuar amparando-me em suas orações, porque as orações das mães crucificadas pelos filhos no madeiro da provação, através da imensidão do Espaço, chegam a Deus para que a misericórdia do Pai, de Infinita Bondade, recolha em seu manto de luz os filhos ingratos que não souberam ou não quiseram viver.

Mãe querida, estas são as minhas palavras. Se puder servir como súplica de um filho transviado, receba o cálice de fel que lhe trago, com a esperança de que Deus me restaurará o coração para aceitar a obediência e o arrependimento na condição de agentes de minha própria renovação.

Quisera escrever muito ainda, mas, apenas diria mais amplamente a dor que ainda me faz tão desvalido de qualquer recurso que signifique encorajamento ou consolação.

Mãe Arina, meu abraço ao meu segundo pai e a meus irmãos. E colocando-me de joelhos para rogar-lhe perdão por minha falta, espero, um dia, ser novamente digno de seu carinho e dedicação.

Isto é tudo o que posso dizer, entregando-lhe o coração de seu filho que a dor vem burilando para que eu seja realmente o seu filho da alma, sempre o seu

Júlio César.

Júlio César C. da Silveira, porque este é o nome verdadeiro que me vai no coração.

Escrevo assim, mas nada tenho contra o pai Moretti que é também filho de Deus, como nos acontece.

Júlio César.

Notas e Identificações

1 - bisavó Tereza - Desencarnada em 28/4/1983.

2 - Ângela - Amiguinha que ele amava.

3 - mamãe, agradeço o seu auxílio ao fixar-se no trabalho de assistência da Seara de Jesus - "Sentia-me no fundo do poço. Mas, quando uma voz soou em meus ouvidos, dizendo: 'Centro Espírita' (...) decidi

abraçar a Doutrina Espírita com muita fé e muito amor, pois tenho certeza que foi ela que me salvou, tirando-me das trevas para enxergar a verdadeira luz, Graças a Deus." (Palavras de D^a Arina, em carta, a nós enviada, de 04/7/1988.)

4 - pai Moretti - Progenitor.

5 - Júlio César C. da Silveira - Aqui ele substitui o seu sobrenome pelo do padrasto, Sr. Alvim da Silveira.



Álvaro Júlio Belchior da Fonseca

14

Eu também não acreditava na
possibilidade de que me vejo favorecido

Acometido de fortes dores de cabeça, Álvaro Júlio, de 27 anos, foi hospitalizado com suspeita de meningite. Porém, os exames revelaram rotura de um aneurisma cerebral, patologia que o levou à desencarnação, dias depois, na manhã de 27 de abril de 1985.

Residia em São Paulo, Capital, com sua esposa Elizabeth Navas da Fonseca e os dois filhos Rafael e Marcelo, na época, com 4 e 2 anos respectivamente.

Sua consoladora mensagem, psicografada em Uberaba, na noite de 12 de julho de 1985, apenas 10 semanas após o desenlace, deu novo ânimo aos familiares. Ao escrevê-la, revelou surpresa ao poder comunicar-se com os entes queridos que deixou na Terra, afirmando que "a morte para mim era um sopro de cinzas no cenáculo da Natureza."

Tal afirmativa não surpreendeu a família; ao contrário, está perfeitamente de acordo com o pensamento dele, sobre essa questão, quando encarnado, assim definido pelo seu progenitor: "Por mais que ele lesse ou ouvisse palestras sobre o Outro Lado da Vida, pairava sempre, dentro dele, uma fagulha de incerteza."

Mensagem

Querida Mãezinha Celeste e meu querido papai Fernando. Querida Elizabeth, querida Solange e prezado Orlando, e irmãos queridos. E não desejo esquecer nesta saudação o nosso Rafael, o nosso Marcelo e a nossa Priscila.

Estou na condição de um viajante que saiu de casa inesperadamente e volta, sequioso do ambiente familiar, e consegue encontrá-los num recanto de paz, onde amigos da fraternidade nos recebem afetuosamente.

Não era meu intuito escrever-lhes, porque o ânimo ainda me falta, diante de um cometimento desses, mas ao vê-los, os meus entes queridos que se encontram perto de mim e os outros que se acham mais longe, enterneci-me a ponto de solicitar aos diretores desta casa a devida permissão para transmitir-lhes as minhas notícias.

Querido Papai Fernando, veja comigo que eu também não acreditava na possibilidade de que me vejo favorecido.

A morte, para mim, conquanto, as tintas religiosas com que freqüentemente era compelido a colorir as palavras, era um sopro de cinzas no cenáculo da Natureza. O homem? No íntimo, admitia fosse a criatura humana simplesmente pó, retornando à poeira de origem. Entretanto, acordei aqui na Vida Espiritual sob a proteção de uma Maria Santa, a vovó Maria de Jesus, benfeitora infatigável que me enxugou as lágrimas, quando me vi sem a família, cujo amor cultivava, contudo o que eu possuísse de melhor.

O princípio dessa jornada foi evidentemente inquietante. Deixara a esposa querida e os nossos meninos sem maiores recursos, e isso me afligia. Entretanto, a vó Maria de Jesus me fez reconhecer a inutilidade de minhas preocupações, falando-me da Bondade Infinita de Deus que

significa a Vida de nossas próprias vidas. A saudade, porém, superava o tamanho da fé e realmente sofri muito com a separação imprevista.

Era muito sonho a se desmoronar, muitas alegrias que se apagavam de repente, por isso mesmo, foi preciso que o socorro do tempo me abonasse a carência afetiva, somente agora, vou conseguindo reabilitar-me para o trabalho.

Felizmente, as dores de cabeça desapareceram. Parece incrível que depois de tanto tempo de provações no corpo dolorido, confortava-me com a idéia da saúde recuperada. Mas, onde estariam vocês todos que constituíam a minha razão de viver?

Sempre edificado pelas palavras da vó Maria de Jesus, que me prometia reconduzir-me à nossa casa, esperava com paciência... Voltei para verificar os estragos da minha ausência, mas querida esposa organizara novamente o nosso pequeno e belo mundo de paz e amor, e aquilo me encorajou para abster-me da lamentação, doando-me ao trabalho.

E agora, estou melhorando, e rogo à Elizabeth, sempre que possível, consagrar alguns poucos minutos do dia ao nosso convívio espiritual, na oração, com o que obterei grandes lucros para o serviço que nos cabe prestar aos filhos queridos.

Confesso-lhes, porém, que em determinadas horas do dia, sinto-me envolvido nas vibrações de amargura, que não se justificam num homem que recebeu tudo da Divina Providência.

Estou feliz, embora dividido entre o aqui, onde vocês se encontram, e o Mais Além, no qual me vejo. Vou convertendo as saudades em serviço, aprendendo, por fim, que somente o nosso amor ao próximo leva-nos à esperança de um reencontro feliz, quando a sabedoria da vida considerar isso possível.

Querida Beth, rogo a você não se sentir sozinha. Lembre-se de que nos unimos para jamais nos separarmos, e edificada no amor de nossos filhinhos, sigamos para diante, construindo-lhes o futuro.

Querida esposa, estaremos juntos e as nossas energias suplementarão umas às outras, e não nos faltará o caminho para a conquista da felicidade.

Meus dias de doença terminaram, graças a Deus, e continuo fortalecido na confiança em Deus e em nós mesmos, para doar aos nossos

meninos os instrumentos para a construção da felicidade para eles mesmos.

Agradeço muito aos corações queridos que me acolheram aqui, e será para mim uma bênção de Deus, a sua aceitação das provas que nos colheram com a minha partida.

Graças a Deus, os pais queridos estão aí e neles apoiaremos os corações para sermos fiéis a Deus e a nós próprios.

Querida Mãezinha Celeste e querido papai Fernando, com todos os nossos familiares, recebam as muitas lembranças da avozinha que nos oferece o coração amigo e profundamente amado, amparando-nos na difícil jornada na Terra e Além da Terra.

Com um beijo à Elizabeth, ao Marcelo e ao Rafael, e um grande abraço ao nosso Orlando, Solange e Priscila, peço-lhes receber todo o carinho com as muitas saudades e lembranças afetuosas do filho sempre reconhecido,

Álvaro Júlio

Notas e Identificações

1 - Mãezinha Celeste e papai Fernando - Seus pais, Fernando Belchior da Fonseca e Celeste do Céu da Fonseca, residentes em S. Paulo, Capital.

2 - Solange - Solange Belchior da Fonseca Rodrigues, irmã.

3 - Orlando - Orlando Rodrigues Filho, cunhado e grande amigo.

4 - Priscila - Priscila Rodrigues, sobrinha, com 4 anos na época da mensagem.

5 - Maria de Jesus - Avó materna, falecida em Portugal, no ano de 1967, não tendo Álvaro nenhum contato com a mesma, quando encarnado.

6 - Álvaro Júlio Belchior da Fonseca - Nasceu a 07/12/1957. Prestativo e sincero, fazia amizades com muita facilidade. Diplomou-se em Técnico de Eletrônica.

7-A família, hoje, interpreta que ele teve PRESENTIMENTOS de próxima desencarnação, embora gozando perfeita saúde:

Em suas conversas, fazia sentir que tinha vontade de conhecer o Outro Lado da Vida e, não raro, aparecia um adeus, como por exemplo, o Cartão de Aniversário que ele redigiu à sua irmã, carinhosamente chamada de

Preta: 'Querida Pretinha, hoje, nesta data, eu estou junto de ti, Graças a Deus. No próximo ano, talvez não sei, mas caso eu não estiver não chores, pois estarei sempre junto de ti em espírito. 23/8/1984. Álvaro desencarnou em 27/4/1985. Observa-se, também, nesse Cartão, quando ele se revela espiritualista, uma amostra de "colorimento de palavras com tinta religiosa", conforme seu esclarecimento na Carta mediúnica.



Tocando trombone, Oswaldo Jandy Batista (à dir.) conseguiu galgar a glória em sua carreira musical. Ao lado, o amigo músico José Benedito Germano.

15

Um músico cultivando a arte de servir

Oswaldo Jandy Batista, "o músico dos sete instrumentos", considerado o maior instrumentista de banda e jazz surgido até hoje em sua terra natal, Anápolis, Goiás, regressou ao Mundo Maior em 18 de maio de 1978, aos 65 anos.

"Durante os quarenta anos que marcaram sua presença de músico em nossa cidade, tendo tomado parte em todas as bandas de música e orquestras que aqui existiram nos anos de 1922 a 1962, quer como integrante, quer como diretor, Jandy Batista foi o elemento de maior atuação em nosso meio musical." (Sisenando G. Jaime, Correio do Planalto, Anápolis, 01/7/1978.)

Mas, ele foi além da arte musical... Com o conhecimento espírita, germinaram em seu coração outros ideais, que cresceram vigorosos permitindo-lhe amparar os semelhantes mais necessitados, praticando a sublime arte de servir...

Maçon abnegado, dentre outras participações, ocupou vários cargos no Abrigo dos Velhos, mantido pela Loja a que pertencia. Dedicou ao

Hospital Espírita Psiquiátrico, do qual foi um trabalhador das primeiras horas, grande parcela de sua vida com muito desprendimento.

Se o sepultamento de seu corpo físico mereceu expressiva homenagem da população de Anápolis, não faltando a Banda de Música, também no Portal da Imortalidade lá estava um grupo de músicos amigos, que o antecederam na Grande Viagem, tendo à frente Tota, Sidonal, Antônio Branco e tantos outros, na expectativa de um forte abraço num reencontro feliz...

É o que "seu" Jandy nos conta em sua Primeira Carta endereçada à esposa, D^a Negrinha, na reunião pública de 5 de março de 1982, em Uberaba, provando nessas páginas afetuosas, bem como em duas outras mensagens, que continua lado a lado da família querida e prossegue ativo nas tarefas caritativas, dando continuidade, no Além, ao elevado cultivo da arte de servir.

Mensagem

Querida Negrinha, sempre lembrada companheira, decerto que você não esperava que eu a chamasse por Zefa ou Zeferina.

Estou bem, graças a Deus, e vejo que você apesar dos episódios difíceis da caminhada está em paz, desfrutando a alegria íntima de quem traz a medalha oculta dos deveres rigorosamente cumpridos.

Você dirá que tem sofrido muito, e eu responderei a você que ambos temos aproveitado bastante, de tudo o que vimos na estrada terrestre, com a sensação de sofrimento que não passava de lição na escola, para nosso próprio benefício.

Sei que você experimenta um vazio muito grande com a volta de nosso Osvaldo, o nosso querido Júnior, e compreendo que nas entranhas do coração de mãe, os filhos falam mais alto do que a voz dos próprios maridos; entretanto, sou eu mesmo que lhe venho notificar, o que posso, a fim de tranquilizá-la. Nosso filho, ou melhor, o nosso menino, vai muito bem e já consegue prestar-nos bons serviços, seja auxiliando a você na viagem do dia a dia, depois de tantos tratamentos com a ortopedia, convocada a colaborar em seu reajuste, após o acidente havido.

Graças a Deus, tudo segue no pauta da vontade do Alto que conhecemos por lei da vida.

Atenda a saúde própria e reanime-se para as experiências que são nossas.

Quando deliberou você sobre a mudança estava mais do que certa, porquanto o nosso devotado Eurípedes e outros amigos espirituais, continuam a inspirá-la e conduzi-la em suas decisões.

Creia, não se deixe entregue à saudade do impossível. Não nos seria lícito voltar aos dias felizes do Sanatório, em Anápolis, porque certas emoções não se repetem. O nosso tempo de trabalho foi valioso e significa um curso de serviço, cujo valor não perderemos. Agora é a vez de outros e as situações são diferentes.

Esteja porém na certeza de que o nosso intercâmbio com os Amigos Espirituais nunca sofre qualquer alteração. Tudo de belo que nos alcançou na existência vim reencontrar aqui, e posso dizer-lhe que vale a pena aceitar as dificuldades da vida física, a fim de atingirmos em paz a margem do continente espiritual que nos aguarda.

Imagine que, quando quase me senti a sós, depois de distanciar-me dos seus cuidados, encontrei o meu pai Ismael, a recolher-me nos braços, e você pode raciocinar sobre o que seja o reencontro de amigos inesquecíveis que me abraçavam como quando se termina uma prova difícil nos exames do mundo.

Foram eles, o Tota, enriquecido de amor e luz na humildade com que se fez conhecido entre os homens; o Sidonal, o Antônio Branco, Sequieroili, o Narceu e tantos outros que somente as lágrimas de alegria poderiam enumerar.

Com isso quero reafirmar-lhe que o nosso Osvaldo vai bem, cercado de atenções na estrutura nova dos novos deveres que vem recebendo para cumprir.

A nossa Luzia, embora não registre, vem obtendo dele muito auxílio e eu com você mesma, unindo os meus pensamentos em preces, prosseguimos trabalhando por nossa Carmen Heleuza, por nosso Ismael e por nosso Mozart, e por todos aqueles que se nos associam à vida e ao coração.

Não sei se você percebe que todos vivemos uma corrente de auxílios mútuos. Ninguém avança sem o concurso de alguém. Assim é que, ao escrever-lhe pedi ao nosso amigo Dr. Americano do Brasil me auxiliasse para que eu não endereçasse a você uma correspondência mais pobre do que a minha pobreza de espírito.

Rogo-lhe calma e paciência. Não se aflija com as dificuldades que surjam. Faça alguma força para removê-las e Jesus fará o resto.

Quanto puder, continue trabalhando nessas abençoadas tarefas que sempre foram e são ainda tão suas.

Abençoe o esposo que lhe deve tanto, e guarde a certeza de que sou sempre o seu companheiro e servidor reconhecido,

Oswaldo Jandy Batista.

Notas e Identificações

1 - Querida Negrinha - Assim chamada, carinhosamente, sua esposa D^a Zeferina Sant'Anna Batista, atualmente residente em Goiânia. Cooperadora do Hospital Espírita Psiquiátrico (antigo Sanatório Espírita) de Anápolis, há décadas, contribuindo especialmente no setor doutrinário como dedicada médium. Atualmente é presidente de seu Conselho Fiscal. Ela explicou-nos em carta de 26/7/88: "Meu apelido é Negrinha, mas no início da mensagem ele mencionou Zefa, que era a expressão usada, às vezes, em família, para me chatear. Essa citação, de grande autenticidade, trouxe-me muita alegria."

2 - Osvaldo, nosso querido Júnior - Filho, desencarnado em 3/5/1979, de acidente automobilístico.

3 - a mudança - Refere-se à mudança de D^a Negrinha de Anápolis para Goiânia.

4 - nosso devotado Eurípedes - Eurípedes Barsanulfo (Sacramento, MG, 1880-1918), um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro. É o mentor espiritual do Hospital Espírita Psiquiátrico de Anápolis. (Ver a obra Eurípedes - o Homem e a Missão, Corina Novelino, IDE.)

5 - depois de distanciar-me de seus cuidados, encontrei o meu pai Ismael (...) reencontro de amigos inesquecíveis (músicos) - D^a Negrinha contou-nos em carta: "No dia do desencarne de Jandy, eu e minha

concunhada Iracy estávamos passando a noite no hospital, quando pela madrugada, em torno de 1:30 h, tive uma vidência. O quarto clareou e vi o pai de meu esposo, à cabeceira, e os músicos em volta da cama cantando a Valsa da Despedida. Fiquei deslumbrada, descrevendo à Iracy o que estava acontecendo. Ao amanhecer, narrei em casa, esse fato para todos da família."

6 - pai Ismael - Ismael Silva Batista, progenitor, desencarnado em 1933.

7 - Tota - Apelido de Antônio Pereira da Costa, grande amigo e músico, desencarnado em 1956.

8 - Sidonal - Sidonal Ferreira, músico e amigo, desencarnado em 1950.

9 - Antônio Branco - Maestro de Banda, desencarnado em Cristalina, GO, a 22/12/1948.

10 - Sequierolli - Alexandre Sequierolli, maestro de Banda.

11 - Narceu - Narceu de Almeida, amigo e músico, padrinho de casamento, desencarnado em Nerópolis, GO, a 6/1/1953.

12 - Luzia - Luzia Aparecida F. Batista, nora.

13 - Carmen Heleuza - Carmen Heleuza Batista Vieira, filha.

14 - Ismael- Ismael Batista Neto, filho.

15 - Mozart - Mozart Vieira, genro.

16 - Dr. Americano do Brasil - Dr. Antônio Americano do Brasil (1891-1931), ilustre médico, historiador e poeta. Nasceu em Silvânia, e residia em Luziânia, ambas cidades goianas. Pela psicografia de Chico Xavier, tem escrito belas crônicas e sonetos, já publicadas em várias obras, dentre elas: Falando à Terra (FEB), Poetas Redivivos (FEB) e Entrevistas (IDE).

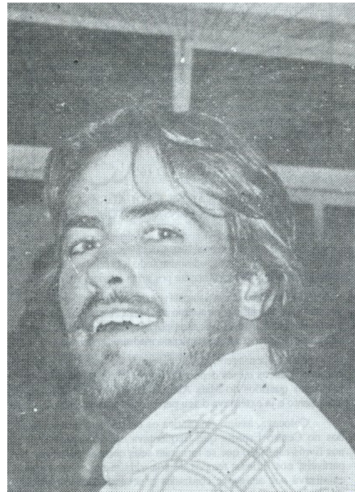
17 - Da Terceira Carta do Senhor Jandy, recebida em 8/2/1985, transcreveremos alguns tópicos relacionados com o Hospital Espírita Psiquiátrico, bem como uma saudação ao seu amigo e conterrâneo Weaker Batista, e esposa D^a Zilda, dedicados colaboradores do Grupo Espírita da Prece, de Uberaba: "(...) permanece firme no seu posto, porque a sua presença com as preces silenciosas junto de nossos irmãos doentes, significa um ponto de apoio para nós, os amigos Espirituais que nos empenhamos a atuar em auxílio aos enfermos. Aliás, companheiros nossos

são da mesma opinião. (...) O doente recebe a insulino-terapia e depois, conosco, receberá um passe, na base da prece que o auxilie a se aceitar e a se renovar. (...) Os grupos em que você age são equipes de irmãos dedicados ao bem, e com eles poderá você colaborar da melhor maneira. Aliás, temos ainda a esperança de que o Geraldo Carneiro, como o José Cândido e outros amigos, venham a fundar um grupo de curas espirituais, exclusivamente na base do magnetismo curativo e da prece, em Anápolis, complementando a vasta obra assistencial de que a nossa querida cidade é detentora. Esperemos o tempo. (...) Escrevo-lhe aqui perto do nosso Weaker e esposa, e peço a Jesus os conserve na fé em Deus e no serviço ao próximo."

18 - Oswaldo Jandy Batista - (Anápolis,06/8/1912-18/5/1978) Foi funcionário da Prefeitura de Anápolis, desde 1933, onde exerceu os cargos de contador, tesoureiro e posteriormente coletor, função na qual se aposentou em 1961. Espírita convicto, ocupou o cargo de tesoureiro do Hospital Espírita Psiquiátrico, de 1952 até os últimos dias de sua vida terrena. Na Loja Maçônica Lealdade e Justiça 2ª, atingiu o grau máximo, 33, ocupando vários cargos, entre eles o de chanceler da Comissão de Finanças e da Comissão de Beneficências. Na arte musical, executava com maestria os mais diversos instrumentos desde o contrabaixo, bombardino, trompete, saxofone, clarinete até a flauta de seis buracos que se compra nos mercados. Tocando trombone, na década de 30, conseguiu galgar a glória em sua carreira musical. Em 1962, abandonou-a por motivo de saúde. (Síntese do artigo "Jandy Batista, o músico dos sete instrumentos", de autoria de Leonardo Costa, Correio do Planalto, Anápolis, 01/7/78.) E assim, Maria Ivone Corrêa Dias encerrou sua bela crônica: "Vá com Deus, 'seu' Jandy", publicada na Folha de Goiás, Seção Anápolis, Goiânia, 28/5/78: "E agora, que Deus chamou o artista Jandy ao último sono (embalado pela Lira de Prata, como ele desejara), que nos resta dizer-lhe, numa homenagem póstuma, já que cometemos o pecado de não o homenagear em vida?"

Vá com Deus, Jandy,
 lhe diz sua cidade.
 Quando um artista morre,
 (não morre, apenas parte...)

deixando, no ar, a valsa da saudade
dizem que ele foi mostrar aos anjos
o timbre do seu trombone
o encanto de sua arte..."



Acácio Costa Freitas Neto

16

"O Ódio Não Se Enquadra Em Nossos Pensamentos"

Acácio Costa Freitas Neto, de 29 anos, casado, já estava em Goiás, há 4 anos, administrando a fazenda da família, quando foi atingido mortalmente por arma branca.

Os detalhes dessa lamentável ocorrência, que teve lugar na Vila Maralina, município de Mara Rosa, GO, a 7 de março de 1983, foram descritos por ele mesmo, em Espírito, na sua primeira e confortadora carta mediúnica.

Nessa mensagem, recebida em 9 de julho de 1983, portanto, poucos meses depois do fato, Acácio, amparado por familiares queridos do Mais Além, demonstrava elevado entendimento e já externava o seu perdão ao "infeliz irmão".

Colocava, assim, em prática os ensinamentos assimilados no Centro Espírita que freqüentava em Uruaçu, GO, e nos livros espíritas, que se tornaram seus companheiros inseparáveis, nos últimos tempos de sua vida terrena. Aliás, ele enfatizava aos amigos e confrades a necessidade da

prática das lições hauridas da leitura, conforme veremos o depoimento de uma amiga poetisa.

Ultimamente, também em vida material, Acácio havia assistido, por duas vezes, os trabalhos práticos do GEP, em Uberaba, admirador que era de Chico Xavier, sem ter tido a oportunidade de dialogar com ele. E nessas ocasiões, nunca imaginando, certamente, que naquele mesmo salão viria em Espírito, como mensageiro do Bem e do Amor, para consolar e orientar seus queridos pais, esposa, filhos e familiares, em testemunhos que muito nos enriquecem e sensibilizam.

PRIMEIRA MENSAGEM

Querida Mãezinha Nelcy, com o papai Ademar, receba os meus agradecimentos, com os meus pedidos de bênção e apoio como sempre.

Sou conduzido pela vovó Maria Rola que me encorajou a trazer-lhes notícias. Estou bem, depois de um período difícil de reajustamento.

A separação compulsória de Nicilene e meus filhos, dos queridos pais e de todos os nossos, de começo, me arrasava o coração. Graças a Deus, amparado por minha avó Maria e pela vovó Anna, reconheci que me cabia esquecer as condições amargas que cercaram a minha liberação da vida física.

Mãezinha Nelcy, compreendo que fui a vítima da lâmina que me penetrou o peito pelas costas, mas penso em Jesus e estou confortado por não ter erguido a mão para revidar. Aliás, o pobre amigo que me separou do corpo, estava superexcitado e incapaz de controlar os próprios impulsos. Tive a infelicidade de recusar-lhe a mão de amigo num momento em que a irritação igualmente me assinalava e, de certa forma, devia de minha parte solicitar-lhe desculpas e ofertar-lhe a mão em sinal de amizade e atendimento. O meu gesto de indiferença gerou nele a excitação com que me cortou o corpo, quando eu precisava tanto continuar viver em família..

Naquela hora, tarde demais para qualquer conciliação, pensei nos pequeninos nossos que eu deixava. O Acácio Júnior e outros, entre os quais coloco o nosso Rodrigo, que sendo o meu filho, aparentemente fora de casa, nunca esteve fora de nós. Agradeço a Nicilene a dedicação que lhe

dá, amparando-lhe o desenvolvimento junto de nossos próprios filhos, e peço a Deus recompense também aos queridos pais pelo carinho que dispensam à família que lhes leguei.

Desejo terminar pedindo ao papai e aos nossos familiares não agravarem a situação do companheiro a que não posso censurar. Deus nos criou irmãos uns dos outros e não posso considerar como agressor o amigo que continuo a respeitar por filho de Deus e meu "irmão" perante a vida.

Agora, querida Mamãe Nelcy, é o momento de meu até quando? Sabe Deus. Contento-me com a certeza de que estamos todos unidos para sempre.

Querida mãezinha e querido papai Ademar, recebam com a esposa e meus filhos queridos a gratidão e a confiança inalteráveis do filho e amigo de todos os momentos,

Acácio Costa Freitas Neto.

Notas e Identificações

1 - Nelcy e Ademar- Seus pais, Nelcy Freitas Costa e Ademar da Costa Lopes, residentes em Ribeirão Preto, SP.

2 - vovó Maria Rola - Bisavó paterna, desencarnada em Piuí, MG, a 19/12/1967.

3 - Nicilene - Nicilene Machado, esposa.

4 - vovó Anna - Anna Rodrigues Cortes, desencarnada em Uruana, Go, a 11/8/1964.

5 - Acácio Júnior e Rodrigo - Acácio Costa Freitas Júnior e Rodrigo Sandre Costa, filhos.

6 - Em 23/7/1984, D^a Nelcy recebeu um exemplar do livro A Vida e o Tempo (Edições Garatuja, Editora Comercial Safady Ltda., S. Paulo, SP, 1984), com dedicatória da própria autora, D^a Áurea Celeste Martins, sua amiga, residente em Uruaçu, GO, presidente do Centro Espírita que era freqüentado pelo Acácio. Tal obra veio também com dedicatória e carta da filha de D^a Áurea, Sandra Maria Martins Fidélis, colaboradora da mesma com quatro poesias. Nessa carta, Sandra esclareceu que a poesia "A Um Amigo" foi escrita em memória de seu amigo Acácio. E ao redigi-la, no dia seguinte ao triste acontecimento, recordou-se do carinho que ele

demonstrava pelo livro Pão Nosso (F. C. Xavier, Emmanuel, FEB), seu companheiro inseparável, e de alguns comentários que ela ouviu de seus lábios sobre temas daquela obra, especialmente argumentando a respeito da necessidade de se praticar os ensinamentos lidos. A seguir, transcreveremos três estrofes (2º, 3º e último) da poesia "A Um Amigo", escrita em 8/3/1983:

"Mais uma jornada na Terra terminou,
 Na hora da partida seu sorriso ficou.
 Esquecemos a incompreensão, o egoísmo, a falta de paciência,
 E recordamos sua alegria, seu sorriso,
 Você sabe que alguém muito lhe ajudou.
 Pelos erros de um irmão, quero lhe pedir
 Não guardar nenhum rancor.
 Aos amigos que aqui deixou,
 Aquele plá há de querer mandar.
 Os inimigos que você no caminho encontrou,
 Perdoa-os pelas faltas que praticaram,
 Aprenda a amar para poder perdoar.

Palavras e frases, o seu eco soou,
 O Pão Nosso...
 Recordo-me de suas palavras,
 Pedindo que a cada instante
 Pratique e guarde no coração,
 A página de um livro maravilhoso
 Que Chico Xavier psicografou,
 Pois sempre você o admirou."

SEGUNDA MENSAGEM

(...) Felizmente, vou seguindo com melhoras evidentes.

A lâmina do, nosso infeliz irmão, que me despojou do corpo em Maralina, não me afetou o Espírito.

Já consigo orar pela tranqüilidade dele e pela proteção maior do Alto, em seu benefício.

O ódio não se enquadra em nossos pensamentos, e compreendo hoje, que todos aqueles que se fazem agressores, são irmãos doentes que necessitam muito mais de amor do que castigo.(...)

Nota

7 - Trecho da mensagem recebida em 14/9/1984.

TERCEIRA MENSAGEM

Querida Mamãe Nelcy, peçamos a bênção de Jesus em nosso favor.

Desde muito venho ensaiando alguma carta em que lhe possa dizer de minhas preocupações. Hoje, no entanto, não posso calar o que me vai no espírito.

A senhora está sabendo que se formará o júri para julgar o pobre amigo que me retirou do corpo. Mãe, não fui eu quem agrediu ou feriu alguém, e por que meu pai Ademar deseja com tanto ardor a condenação de um homem que é filho de Deus, tanto quanto nós?

Nem todos os nossos familiares me recebem as notícias com a fé viva de quem sabe que a morte não existe; mas, através de seu carinho materno, peço a meu pai Ademar que não conduza a família para Mara Rosa, para ver o tormento de um homem à frente de acusações que nunca supôs receber.

Meu pai tem autoridade e tem forças para conduzi-la, com todos os nossos, à cena patética em que o meu agressor, hoje meu irmão, ouvirá palavras que lhe custarão duras penas. Não compreendo porque meu pai Ademar não consegue me escutar. E se os papéis fossem trocados, se fosse eu o agressor, não teria ele bastante coração para me defender? Não será bastante para o amigo, que lá está por Maralina e Mara Rosa, amargando ásperas reflexões?

Mas insisto, com amor e humildade, para que meu pai Ademar desista da idéia de transportar toda a família para Goiás, unicamente para saber qual é a fala da acusação.

Nicilene, porque não se recusa, a esposa que amo tanto, a seguir para esse espetáculo? Peço a ela e ao meu pai que poupem meus filhos à

sementeira da vingança. Acácio, Frederico e Tati com o irmão ficariam marcados para sempre com a idéia de que um delito de sangue somente se apagará à custa de mais sangue.

Meus irmãos, peçam a meu pai por minha paz, desistindo dessa viagem, transpirando a desforra que somente nos impelirá a mais contradições e mais ódio. Bossuet, Welington e César me auxiliem.

Aqui na vida espiritual, pedi socorro ao meu avô paterno Costa Lopes para interceder e ele me prometeu que agirá junto de minha avó Flauzina, para que ela aconselhe a meu pai e seu filho não procurar em Mara Rosa mais motivos a discórdias e ressentimentos.

É verdade que sofri a agressão de um amigo que me despojou do corpo, mas seria muito mais doloroso se fosse o autor da morte de alguém. O infeliz já está preso no cárcere sem grades da consciência culpada... e sofre muito. Por que escravizá-lo à cela de uma cadeia pública, se eu, que fui vítima, estou livre e pronto para auxiliá-lo em tudo quanto eu puder?

Todos somos cristãos, mamãe Nelcy. Onde colocaremos Jesus que nos ensinou a perdoar aos nossos ofensores, como temos sido perdoados?

Peço também à minha irmã Cássia, que nos auxilie.

Se meu pai insistir, se minhas palavras para ele forem letras mortas, então não serei eu quem vá pregar indisciplina à nossa família. Meu pai é aquele homem que perdeu a juventude por nossa causa, que trabalhou pela vida inteira para que crescêssemos felizes.

Se meu pai insiste, peço-lhe, minha mãe, acompanhá-lo, colocando a paz onde a perturbação se estabeleça.

Se sou obrigado a pedir compaixão ao meu pai para um homem sofredor, eu me sentirei na obrigação de também acompanhá-lo e acompanhar a família até Mara Rosa para influenciar no auxílio àquele que, hoje considerado réu, é meu amigo no silêncio do coração.

Aqui ficam, minha mãe Nelcy, os meus pedidos ao seu coração, que conhece a misericórdia de Deus, e a exerce todos os dias em nosso favor.

Se formos felizes ou não em nossa iniciativa, que Deus abençoe a nós todos.

Receba, mamãe, as muitas esperanças de seu filho agradecido,

Acácio.

Acácio Costa Freitas Neto.

Notas e Identificações

8 - Psicografada na noite de 30 para 31/5/1986.

9 - "Quando recebemos esta mensagem o júri do agressor estava marcado, e se realizou na cidade de Mara Rosa, Goiás, no dia 9 de junho de 1986, no qual a família não compareceu, em respeito ao pedido acima. Obrigado, Chico Xavier." (Esclarecimento da família.)

10 - Frederico e Tati - Frederico Freitas Machado e Tatiany Machado Costa, filhos.

11 - Bossuet, Welington e César - Bossuet Costa Freitas, Welington Costa Freitas e César Freiras Costa, irmãos.

12 - avô paterno Costa Lopes - Acácio da Costa Lopes, desencarnado em 24/01/1962.

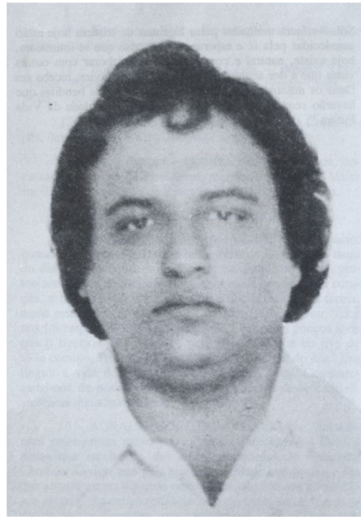
13 - avó Flauzina - Flauzina Moreira de Jesus, encarnada na época da mensagem, regressou ao Mundo Maior em 02/8/88, na cidade de Ribeirão Preto, SP, aos 80 anos.

14 - Cássia - Cássia Costa Freitas, irmã.

15 - PALAVRAS DA MAMÃE NELCY: "Acácio, quando você chegou, trazido pelas mãos de Deus, numa tarde do dia 13 de janeiro, o Pai Celeste esculpiu sua beleza, pintou seus olhos de verde do mar, encheu de bondade seu coração, e no-lo entregou belo, alegre e dócil. Da mesma forma, numa madrugada do dia 6 para 7 de março, Ele o levou. Você nos foi emprestado. E agradecemos ao Pai pelos poucos anos que o tivemos, filho amado, pela felicidade que eu tive de tê-lo comigo. Por que havemos de tomar o lugar do juiz? Extinguir a vida do próximo, que pertence a Deus? Compadeçamo-nos de nossos irmãos que estão dentro desse ciclo de violência que atravessamos..." (04/8/88.)

16 - AGRADECIMENTO DA FAMÍLIA - "Estas linhas representam muito pouco para agradecermos a Deus o muito que recebemos das mãos abençoadas de Francisco Cândido Xavier, que pela sua mediunidade nos trouxe a luz que se apagou no olhar de nosso filho, quando nos transmitia sua alegria. As cartas restabeleceram as energias enfraquecidas de nossos corações, que murchavam como as flores sem Sol. As faces molhadas pelas lágrimas de tristeza hoje estão umedecidas pela fé e esperança. O

sorriso que se intimidara, hoje existe, natural e compreensivo a colaborar com outras vidas que a dor abateu. Nosso caro Chico Xavier, receba em Deus os nossos agradecimentos, por suas mãos benditas que haverão sempre de endereçar aos aflitos a verdade da Vida Futura."



Paulo Sérgio da Costa

17

Em aprendizado na crosta terrestre e no mais além

Vítima de infarto do miocárdio, Paulo Sérgio da Costa, 30 anos, deixou o Plano Físico no amanhecer de 10 de maio de 1981 - Dias das Mães, quando se encontrava hospitalizado no Hospital das Clínicas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Seu passamento inesperado deixou um enorme vazio e profunda tristeza no seio familiar, pois era muito querido e de gênio alegre e brincalhão.

A sua Primeira Carta mediúnica, recebida em 22 de janeiro de 1983, revela preocupação em desfazer dúvidas que atormentavam a família, com relação ao tratamento médico que não conseguiu evitar o seu desenlace. Mas, na Segunda, um ano depois (18/2/1984), já afirmava: "Hoje, a idéia de doença já se me desfez no campo da memória, e estou acordando para novos horizontes." E, de fato, analisa alguns temas - como a descrença na imortalidade da alma, o amor materno, a necessidade do esforço próprio -

com muita propriedade, emitindo conceitos "nascidos da sabedoria do avô Oscar", também desencarnado.

Na Terceira Carta, relata suas interessantes experiências no campo do aprendizado, tanto no Mais Além, no educandário onde se encontra, como na própria Crosta terrestre, como freqüentador das reuniões de uma instituição espírita em Campo Grande.

PRIMEIRA MENSAGEM

Querido mamãe Eulinda, abençoe-me.

Sinto-me aqui, qual se meu pai Eduardo estivesse em nossa companhia, abençoando-me e estimulando-me a confiar no amanhã, agora mais novo para mim. Venho agradecer a sua persistência em procurar-me, embora reconheça a desvalia de minhas palavras.

Tentava, no entanto expressar-lhe algumas notícias, a fim de dizer-lhe que a minha intolerância pelo tratamento soroterápico não me alterou de modo algum.

Quando vi papai preocupado com as palavras ao Eduardo pelo telefone, é que me conscientizei da situação diferente para a qual caminhava. Lia em seus olhos o receio que a minha dor lhe causava e, por isso, não foi sem inquietações que aceitei o tratamento médico, longe do nosso Eduardo, que embora distante continuava velando por nós. Mãezinha Eulinda, peço ao seu coração querido dizer ao meu pai que não houve nada de irregular em meu caso.

Simplesmente aquela dor que me constrangia, e isso, a meu ver, passaria com os calmantes do nosso tempo, e esperei os resultados até que no seu belo Dia das Mães, que eu desejava enfeitar de alegrias mil, foi logo torpedeado por minhas dificuldades com o remédio, em cujas virtudes acreditei sinceramente. Não podemos, porém, culpar o médico amigo que tudo fez para salvar-me.

Querida mãezinha Eulinda, não fosse a falta de casa e o seu filhão estaria feliz. A saudade, porém, é mais forte do que o meu tamanho e vou curtindo aqui a vontade de compartilhar de nossas experiências caseiras, ao lado de papai e sob a regência do seu carinho constante.

Peço dizer ao papai Eduardo, ainda mesmo que ele não possa acreditar, por enquanto, em minhas notícias, que o vovô Oscar tem me auxiliado muito, e que estou sob a proteção da vovó Paulina e da tia Rosalvina, que se esforcem, com valorosa generosidade, para que eu me sinta aqui em família.

Tudo se reconstituirá novamente para nós e não desejo qualquer reclamação contra a medicina, porquanto o nosso médico aí fez tudo o que pôde a fim de me auxiliar.

Querida mamãe Eulinda, peço-lhe agradecer, ainda, à nossa irmã D. Maria Edwirges as preces que elevou ao Alto em meu benefício, e peço-lhe auxiliar-me com a sua coragem e com a sua fé em Deus.

Muitas lembranças para o Eduardo e família querida, para Alberto e para a nossa querida Aparecida. Vovó Paulina afirma-me que, em breve, voltarei para conversar mais demoradamente consigo, e assim espero.

Querida mamãe Eulinda, receba com meu pai e com os meu irmãos, na vida estuante de saudade e carinho que os envolvem, o coração de seu filho, sempre o filho do seu coração,

Paulo Sérgio da Costa.

Notas e Identificações

1 - mamãe Eulinda e pai Eduardo - Casal Eduardo José da Costa e Eulinda Zeolla da Costa, residentes em Campo Grande, MS.

2 - palavras do Eduardo - Dr. Eduardo Rosalvo da Costa, médico, irmão.

3 - vovô Oscar – Oscar José da Costa, avô paterno, desencarnado a 05/12/1934, em S. Paulo.

4 - vovó Paulina - Paulina Perez Pipino, bisavó materna, desencarnada a 28/6/1945, em Campo Grande.

5 - tia Rosalvina - Rosalvina Costa Figueiredo, tia paterna, desencarnada a 29/3/1969, no Rio de Janeiro.

6 - D. Maria Edwirges - Maria Edwirges Borges, amiga da família e Vice-Presidente do Centro Espírita "Discípulos de Jesus", em Campo Grande. Atualmente é Presidente da Federação Espírita de Mato Grosso do Sul.

7 - Alberto e Aparecido - Arquitetos Alberto Victório da Costa e Maria Aparecida da Costa, irmãos.

8 - Paulo Sérgio da Costa - Nasceu a 18/10/1950, em Campo Grande. Formou-se técnico em contabilidade e era sócio da farmácia de seu pai.

SEGUNDA MENSAGEM

Querido mãezinha Eulinda, seu coração palpitou e a sua própria alma viajou, atravessando a distância de Campo Grande até aqui, procurando forças para a superação dos problemas em que todos nos envolvemos, ainda mesmo quando já não usufruímos a roupa terrestre.

Compreendo, sim. A sua sede de paz em casa e sua fome de alegria e fé rogam socorro para que essas bênçãos venham ao nosso encontro.

Confiemos na Bondade infinita de Jesus e caminhemos.

Hoje, a idéia de doença já se me desfez no campo da memória, e estou acordando para novos horizontes.

Também, eu, mamãe querida, quero paz e alegria, mas entendo que preciso desenvolver esforço máximo para conquistá-las. Faço força para que papai Eduardo me aceite a sobrevivência e transforme a saudade em certeza de que todos nos reencontraremos um dia... entretanto, quem pode violar o santuário de um espírito, de modo a lhe alterar os impulsos?

Meu pai espera e eu igualmente espero do Pai Todo Misericordioso o apoio necessário à nossa compreensão. Precisamos de uma nova dimensão para o entendimento, mas o desnível prossegue. É natural. A diferença de plano determina a diferença de vida.

Entretanto, o amor é o passaporte para a travessia de todos as limitações, penetrando os domínios da verdade. E esse amor é fonte de fé renovadora em sua alma.

Creio que Deus concedeu à mulher as chaves da vida, porque somente alguém com suficiente capacidade para amar e esperar é que poderia zelar pelos interesses das criaturas. O seu coração de mãe, querida mamãe Eulinda, nos cabe a todos, ao papai, aos meus irmãos e a mim, tais quais somos e por este motivo, peço-lhe serenidade e confiança no futuro.

Estes princípios que me alimentam presentemente nascem da sabedoria do meu avô Oscar, cujos ensinamentos me asserenaram o

espírito, tão logo regressei à vida espiritual. Em companhia dele, peço à sua esperança para se manter fiel à nossa certeza de que o tempo nos doará sempre o melhor, em nome de Deus.

O Eduardo, irmão dedicado de sempre, o Alberto e a nossa Aparecida são seus tesouros e esses tesouros a enriquecem de segurança.

Lutas na Terra, tê-las-emos sempre, problemas não nos faltarão. Todos nós, no mundo físico e no mundo espiritual que lhe segue o padrão vibratório teremos testes de amor e paciência, coragem e abnegação, bondade e perdão, uns à frente dos outros.

Não se aflija por desafios à sua capacidade de compreender e desculpar. Os dias trarão outros dias e cada dia se nos fará mensageiro de lições novas.

(...) o seu filho e companheiro reconhecido de sempre,

Paulo Sérgio.

Paulo Sérgio da Costa.

TERCEIRA MENSAGEM

Querida mãezinha Eulinda, abençoe-me.

(...) Parece que, após a desencarnação pouco nos importam os acontecimentos do calendário, mas não é assim. Na esfera próxima que nos serve de domicílio, 365 dias representam uma soma de muito valor para nosso aprendizado e adiantamento espiritual.

(...) Felizmente, mamãe Eulinda, estou na condição do aluno que fez o possível por obter excelentes notas no educandário em que se encontra, para contentamento da família; entretanto, se não obtive as melhores notas, conquistei as notas razoáveis, à custa de suas preces e pensamentos de amor, e com semelhantes aquisições marcharei para frente.

Não posso esquecer quanto devo à nossa irmã e benfeitora Maria Edwirges, não apenas através das orações com que me recorda entre os seus amigos e tutelados, mas também pelos comentários e seleções evangélicas que, ao lado de outros companheiros, ouvimos dela na instituição que dirige, onde a palavra de nossa irmã não só alcança os irmãos reencarnados, mas também grande número de nós outros, os desencarnados que precisam de novas informações acerca da vida e das

obrigações que nos vinculam à vida, porque mãezinha, os prodígios não existem senão nas obras pacientemente elaboradas através do exemplo, qual ocorre com a nossa amiga, cuja fé nunca se empalidece, ensinando-nos a seguir para o melhor a fazer.

Todos aqueles que não se preparam espiritualmente para a grande vida que a todos nos espera, após a desencarnação, não podem realizar de improviso as condições necessárias para ombrear com aqueles aprendizes da vanguarda. Essa tarefa venho efetuando gradativamente, e tenho por isso, em nossa irmã e benfeitora Maria Edwirges, uma professora a quem devo muito.

Se a gente soubesse por aí que a vida prossegue depois da grande mudança, decerto nós todos haveríamos de reservar alguma faixa de tempo, mesmo reduzida, para estudar o que nos pode acontecer, após a transição a que me refiro, e atingiríamos a existência neste meu novo mundo, um tanto mais habilitados ao continuísmo das grandes lições que a todos um dia, nos esperam.

Comparo o que digo ao alfabeto e a produção dos escritores, ou o solfejo e as obras dos compositores que entretecem músicas para a elevação da comunidade.

Reporto-me ao assunto porque estamos nas esperanças do Ano Novo e reconhecendo realidades do interesse de todos.

(...) Do papai Eduardo, tive tantas demonstrações de honradez e trabalho, lealdade e respeito ao próximo que me parece possuir um patamar seguro para construir os meus tempos que virão.

Com relação a isso, creio que o papai Eduardo, no íntimo do coração afetuoso e sensível, me percebe a presença em notícias que eu lhe deixo nas mãos carinhosas de mãe; no entanto, mãezinha Eulinda, papai é homem de compromissos positivos, e na exatidão que estima em tudo o que faz, acumula impressões na vida interior, afim de não proclamar nesse ou naquele campo de fé religiosa sem os elementos comprobatórios do que afirmar.

Entretanto, isso não impede que na intimidade ele e eu nos entendamos. Ele estuda e medita o que escrevo, em silêncio, e sempre retira as conclusões certas. Muitas vezes, na solidão do quarto ou do

campo, ele e eu choramos juntos, porque no coração dos pais e mães cada filho possui um recanto particular.

O nosso espírito, mãezinha Eulinda, assemelha-se, de algum modo, a um edifício de condomínio, onde cada morador possui o seu apartamento especial e isso acontece com os pais e os filhos. O lugar de um deles é inalienável.

Papai sempre reflete em meu anseio de viver em minha partida compulsória. Ele deseja que eu também estivesse aí na vida física para preencher o espaço que Deus me havia dado em família, e sente a minha ausência do conjunto doméstico. Grande pai e amigo! Deus o engrandecerá nas idéias que ele tem, quaisquer que sejam, porque papai possui bastante força para realizar as mais altas transformações no que chamaríamos de química mental.

Do materialismo aparente ele conseguirá improvisar a fé mais pura, porquanto nele a honestidade do filho de Deus prevalece em todas as circunstâncias.

Mãezinha Eulinda, agradeço-lhe, com também agradeço à nossa Aparecida a presença carinhosa.

O vovô Ferreirinha veio em minha companhia abraçá-la. Temos aqui a nossa família de afinidades reunidas em serviço e preparação espiritual, de modo a sermos úteis aos nossos familiares e amigos queridos que ficaram na vida física, em qualquer emergência. O avô Oscar é nosso companheiro de trabalho e de esperança. A tia Rosa e a tia Joanita são irmãs benfeitoras, igualmente aplicadas ao aperfeiçoamento próprio, ambas dedicam muita estima à vovó Maria e à nossa Erminda, que lhes recebem o constante amor.

(...) todo o imenso carinho, com as muitas saudades de seu filho, sempre seu filho pelo coração,

Paulo Sérgio.
Paulo Sérgio da Costa.

Notas e Identificações

9 - Psicografada em 18/01/1986.

10 - "antes de dirigir-me a Uberaba e receber a Terceira, conversei muito com meu filho, mentalmente, olhando sua foto. Conte-lhe meus sofrimentos e ele, na carta, deu-me todas as respostas." (D^a Eulinda)

11 - vovô Ferreirinha - Victório Zeolia, avô materno, desencarnado a 8/2/1972, em Campo Grande.

12 - tia Rosa - Rosa Zeolla Nogueira, tia materna, desencarnada em Pernambuco.

13 - tia Joanita - Joanita Pipino Cresci, tia materna, desencarnada a 01/01/1971, no Rio de Janeiro.

14 - vovó Maria - Maria Zeolla, avó materna, residente em Campo Grande.

15 - Erminda - Erminda Zeolla, tia materna, residente em Campo Grande.



Túlia Maura Diniz Baptista Mendes

18

Paz e autenticidade no reencontro

"Aos dezesseis anos de idade, nossa filha Túlia Maura apresentou grave enfermidade que, apesar de toda a assistência possível, evoluiu de forma irreversível. Tratava-se de um linfoma.

Submeteu-se a várias internações no Hospital Felício Roxo, de Belo Horizonte, MG, aonde após 19 dias de sofrimento, veio a desencarnar numa quarta-feira, 21 de outubro de 1981, quando o dia começava a clarear.

Na sua última noite, em um dos momentos de aflição, disse-me: - Mamãe, eu tenho que ir, eu preciso... Foi o seu pedido de consentimento a que ela se refere na carta mediúnica.

Ficamos muito abalados com a perda da filha querida e, quatro meses após o seu desenlace (19/02/82), por orientação de uma senhora amiga, procuramos Chico Xavier, em Uberaba, quando recebemos a mensagem.

Foi um bálsamo para todos! Deu-nos uma certa força e coragem para continuarmos a caminhada.

Analizando os itens da carta, cada vez mais nos emocionamos, pois todos os dados coincidem com os fatos."

Estes foram os tópicos principais da atenciosa carta de D. Nara Diniz Baptista Mendes, a nós endereçada (a 04/8/88), testemunhando o seu feliz e autêntico reencontro com a saudosa filha.

Mensagem

Mãezinha Nara e Vovó Dulce, minhas queridas, em pensamento reúno o Papai Aderbal e o Adriano aqui conosco a fim de comunicar-lhes que vou passando muito melhor.

Não sei se minha memória está fiel, mas admito que a nossa despedida aconteceu numa quarta-feira.

Mãezinha, aqueles dias no Felício Roxo me pareceram o término do caminho.....

Pensava assim, porque os tratamentos difíceis não me erguiam as forças. Procurava ler em seus olhos aquilo que os médicos e as enfermeiras não diziam e, embora o seu carinho enxugasse cuidadosamente as lágrimas, eu notava os sinais delas em sua face. Os seus beijos me contavam que esperávamos em oração o dia que a Bondade de Deus estava quase assinalando...

Refletia em tudo quanto aprendera de seu carinho em nosso recanto doméstico, e lembrava, uma a uma, as lições da Vovó Dulce e acabava concluindo que seria impossível perder a paciência e a fé nas horas em que mais necessitávamos delas, e buscava conversar em silêncio com as dores do meu corpo, tentando tranqüilizá-las.

Na terça-feira, se me lembro bem, pedi o seu consentimento para deixar o hospital, significando sair do corpo doente. Recordo a sua expressão de tristeza, mas agradeço a compreensão com que o seu carinho pediu a Deus nos socorresse. Depois daquela sua aprovação sem palavras, que não era concordância e sim sofrimento, que a gente não sabe explicar, notei que uma brisa leve me acalmava... O sono veio devagar qual se eu fosse a sua criança desarvorada por muito tempo que recebera permissão para dormir; dormir sem picadas de injeções e sem aplicação de sondas, dormir simplesmente...

Nada mais vi, senão em forma de sonho. Parecia vê-la chorar sem que eu pudesse aliviá-la e rezei com veemência rogando a paz de Jesus para

nós todos. Aí entrei num sono de sedativos, profundo e sem o menor traço de sonho ou pesadelo.

Quando acordei, um quarto novo me abrigava. Achava-me leve, sem dor... O sol invadia o recinto e me reconheci tão melhor que a chamei em voz alta. Uma senhora, junto a mim, beijava-me com o jeito de sua ternura e do carinho da Vovó Dulce, e me disse com bondade para não recear e acrescentava que eu fora transferida de residência. Não mais me achava sob os seus cuidados e sob as atenções do Papai Aderbal porque o meu corpo era outro... Ainda assim me explicou sorrindo que a família era a mesma, que ela era a Vovó Carmelita e que ali estava para me fazer companhia.

Mãezinha querida, chorei sem alarme, como a doença me habituara a chorar. Entretanto, a fé em Deus era uma espécie de luz por dentro de mim e uma coragem que eu não tinha nasceu de repente em minha alma...

Comecei melhorando pela fé em Deus e ao rever a sua presença, ao rever a Vovó, o Papai e o Adriano, o pranto da saudade correu com abundância a me encharcar o rosto, mas, no íntimo, a confiança em Deus me reanimava e tenho podido caminhar, dia por dia, na direção do meu restabelecimento integral.

Peço-lhe continue alegre e bem disposta. Não existem sofrimentos eternos e estamos todos juntos pelos fios do amor e da oração.

Agradeço à família tudo o que se fez por meu repouso e refazimento na Vida Espiritual, em que me encontro. Mamãe, recebi todas essas manifestações de carinho e fiquei feliz. Muito grata a todos.

Queria mais espaço de tempo a fim de tentar dizer-lhes quanto os amo a todos; no entanto, a Vovó me diz que já posso terminar. Reúno a sua presença com a presença do Papai Aderbal, e rogo para que me abençoem, pedindo ainda à Vovó Dulce para prosseguir na condição de minha professora de fé recordando-me as nossas orações.

Muito carinho para o Adriano e muito afeto às nossas amizadas, que estão todas por flores de Deus em minha memória.

E reunindo a Mãezinha querida e a Vovó Dulce no meu rosário de orações e de saudades, peço a Deus para me abraçarem outra vez... Sinto falta do amor com que me prepararam para a vida e para a confiança em Deus; ainda assim, muito reconhecida por todos os tesouros de dedicação

com que me abençoaram sempre, e continuam me abençoando, beija-lhes as mãos queridas, a neta e filha sempre grata,

Túlia Maura.

Túlia Maura Diniz Baptista Mendes.

Notas e Identificações

1 - Mãezinha Nara e papai Aderbal - Casal Aderbal Cordeiro Mendes e Nara Diniz Baptista Mendes, residente em Belo Horizonte.

2 - vovó Dulce - Dulce Diniz Baptista, avó materna.

3 - Adriano - Adriano Diniz Baptista Mendes, irmão.

4 - seria impossível perder a paciência e a fé (...) e buscava conversar em silêncio com as dores do meu corpo, tentando tranquilizá-las. - "Interiormente, eu me perguntava como foi possível a uma menina tão nova, sofrendo um tratamento tão sério, não reclamar nada. A resposta veio sublinhada na carta: 'buscava conversar em silêncio'..." (D^a Nara)

5 - o meu corpo era outro... - Refere-se ao corpo espiritual ou perispírito.

6 - vovó Carmelita - Carmelita Palhares Diniz, bisavó materna, desencarnada em 25/10/1954.

7 - Túlia Maura Diniz Baptista Mendes - Nasceu em 11/6/1965. Era saudável, muito estudiosa e de grande força de vontade. Cursava o 2º ano do 2º Grau.



Matrona Paly Diegues (Matrona Marta)

19

Premonições de um desenlace inesperado

"Você não imagina o que passei quando ao acordar, às 7:30 h da manhã, do dia 12 de outubro de 1981, deparei-me com minha esposa sem vida, ao meu lado. Os Espíritos Amigos trabalharam muito no meu preparo, pois uma força que nunca tive se apossou de mim, para agüentar tanta dor.

Essa dor só se acalmou quando, no dia 10 de julho de 1982, Francisco Cândido Xavier psicografou a primeira mensagem de minha companheira querida, Matrona Paly Diegues, trazendo-me de volta ao equilíbrio."

Com estas palavras, o Sr. Carlos Diegues, residente em São Paulo, Capital, expôs-nos seu drama familiar, vivido há muitos anos.

Ainda, em sua recente carta (de 9/7/88), contou-nos que sua esposa teve duas interessantes e surpreendentes premonições, conquanto aparentando saúde perfeita, atestando que a desencarnação estava

programada, e havia uma benéfica atuação espiritual no sentido de preparar os corações dos familiares, amortecendo o impacto da súbita partida da companheira.

A primeira premonição foi revelada 13 dias antes do desenlace: no Hospital em que nascia a netinha Bruninha, na presença do esposo, genro e outros familiares, D^a Matrona disse: "Deus concedeu-me a graça de assistir o nascimento da minha netinha, mas sinto no meu íntimo que deixarei logo o corpo físico." E a segunda, na véspera da desencarnação, quando fez muitas recomendações ao marido quanto à assistência que ele deveria dispensar à filha Denise, porque ela, Matrona, estava convicta de que brevemente partiria para o Plano Espiritual.

Mensagem

Querido Carlos, sou eu mesma, a continuar em nossas conversações interrompidas.

Os meses se sobrepuseram uns aos outros e de minha parte, despendi muito tempo, a fim de me reajustar para recomeçar a própria vida com segurança e acerto.

Sei que você aguarda algumas palavras, e sei também que você me antecipa no que possa dizer.

Carlos, amado e sempre querido, então você intimamente poderia de fato imaginar, que eu teria partido em razão de alguma tristeza em mim manifestada?

Isso não poderia suceder. Deixei o corpo simplesmente porque o motor parou quando eu dormia. Penso que isto foi melhor, muito embora, da minha parte, logo me conscientizei aqui, quisesse ficar aí.

Quanto a mim própria era grande alegria dialogar diretamente com você, para refazer algumas forças, pressionadas por pensamentos em desacordo conosco. Nós dois conversávamos, nunca nos desentendemos, você é o companheiro que sempre pedi à vida, me fosse trazido, quando os primeiros sonhos de menina e moça me despontavam no coração.

Felizmente, não me adaptei ao sistema de incompreensão que infelicita no mundo tantos casais, especialmente pela teimosia da mulher.

Sentia-me prestigiada quando você engrossava a voz na garganta, para me aconselhar o melhor à fazer. Sentia-me segura, resguardada, e sempre acertei seguindo os seus apontamentos, nascidos de suas experiências de rapaz sincero e tranqüilo consigo mesmo.

Nossa Denise foi o traço que nos fortaleceu a união, e mais intimamente a propriedade de seus pareceres.

Nunca permiti que nossa filhinha o desrespeitasse e vemo-la feliz ao lado do nosso estimado Cordon.

Depois a Bruninha, uma flor do céu, em forma de neta. Que mais desejava eu senão me harmonizar com você para seguir em frente?

Diálogos ardentes são fatores de comunhão mais profunda entre marido e mulher. E por isso os nossos, nem sempre poderiam guardar o sabor de açúcar, porque você mesmo me matriculou nas realidades em que a vida se baseia.

Somente destaco um dever que não cumpri para com você: o fato de haver deixado o corpo quando dormia e afinal, querido, eu desejaria ter pedido a você me auxiliar contra a visita da dona morte. Entretanto, ela devia saber que nós dois, a combateríamos com unhas e dentes, e por isso, veio de manso me buscar para este outro plano, em que presentemente me vejo. Ela me fez sonhar que estava com a minha querida Babunha, num campo de flores, a recordar passeios de criança e quando despertei, estava junto à própria Babunha, para revisar o acontecimento.

Conte o meu caso à nossa filha e agradeça-lhe os pensamentos de amor que me dirige.

A vida continua e acredite que continuo sempre ligada espiritualmente a vocês, acredite mesmo, sem duvidar do que afirmo.

Não posso me alongar muito. Muito carinho à Denise e à nossa querida netinha, e para você as muitas saudades e carinho sem limites da esposa que, encontra em você o melhor dos homens, com a obrigação, aliás, tocada de alegrias espontâneas, obrigação feliz de amá-lo sempre, e pertencer ao seu querido coração sempre mais.

Sempre mais afetuosamente, a sua querida criada de casa ou de casa e cozinha, sempre a sua companheira, sempre grata,

Matrona Paly Diegues.

A irmã Encarnação veio até aqui em minha companhia. Mais um abraço.

Matrona Marta.

Identificações

1 - Carlos - Carlos Diegues, esposo, residente à Rua Amílcar Barbuy, 75 - Parque S. Domingos, São Paulo, SP.

2 - Denise, Cordon e Bruninha - Família constituída pela filha, genro e neta.

3 - Babunha Assim era chamada, na intimidade, a avó materna Verônica Lomotov, desencarnada em São Paulo, a 31/10/1968. Babunha em russo significa vovozinha.

4 - Matrona Paly Diegues - Na mensagem, ela assina também Matrona Marta, pois foi "rebatizada" pela sogra com esse outro nome, considerado mais adequado no Brasil. Era descendente direta de russos, e naquele país o seu nome origina' é popular. D^a Matrona lia sempre O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec.

5 - Irmã Encarnação - Freira do Colégio Salesiano, de Lucélia, onde D^a Matrona estudou.



Antonio João Beira, aos 15 anos, em sua festa de formatura, quando conclui a 8ª série. Ao seu lado, seus pais, vendo-se também a irmãzinha Gessi Cristina e a Diretora da Escola, Dª Lúcia

20

Vozes Premonitórias

A família de Celestino Pampolin Beira estava prestes a mudar-se de Monte Aprazível, SP, para Porto Velho, RO.

Um dos filhos, Antônio João, de 16 anos de idade, vibrava, entusiasmadíssimo, com essa transferência. Na Capital rondoniana, que já conhecia, iria cursar o Colegial e trabalhar de técnico de som, a mesma tarefa que desempenhava na Rádio Difusora de Monte Aprazível. Tudo parecia favorável, pois lá, o progenitor possuía uma Loja de Autopeças e cultivava várias amizades, sendo que um dos amigos havia oferecido sua residência para passarem o fim do ano juntos, até se acomodarem melhor na nova cidade.

Nesse clima de muita alegria, uma semana antes da mudança, que seria de automóvel, surgiu um amigo que estava de partida, em seu caminhão, para Porto Velho. E, Antônio João, com a autorização de seus pais, preferiu a "aventura", seguindo antes dos familiares, pela primeira vez viajando de caminhão.

Na longa viagem, ao descer a Serra de S. Vicente, próximo de Cuiabá, MT, o veículo colidiu violentamente com a traseira de outro caminhão, no lado em que estava o jovem, único atingido no acidente, com lesões graves que o levaram à desencarnação no próprio local. Eram 14:30 horas do dia 12 de dezembro de 1985.

A carta mediúnica de Antônio João, psicografada em 11 de abril de 1987, trouxe muito consolo à família, destacando-se, dentre outros esclarecimentos, a informação de que ele foi preparado espiritualmente para a inesperada provação. Uma "voz íntima", intuitiva, a princípio, e depois uma "voz que se fez tão viva" alertou-lhe que "o caminho seria a meta final" para ele.

Observa-se que tudo obedeceu a uma programação superior. A mudança de cidade, que até hoje não se concretizou, pois o projeto foi abandonado... a oportunidade da carona e a pressa do jovem em seguir viagem... As abençoadas vozes premonitórias...

Mensagem

Querida mãezinha Gessi e querida papaizinho Celestino, Deus nos abençoe e nos proteja.

Assumi o compromisso de não chorar ao escrever-lhes e estou firme na resistência necessária em que os vejo, sem que me vejam, por leis que governam a tudo neste novo plano que passei compulsoriamente a habitar.

Não acreditem que eu tivesse sofrido fisicamente na hora em que o caminhão achou, involuntariamente, o meio de aproximar das rodas de nosso veículo, estabelecendo aquele desequilíbrio de que tiveram notícias exatas.

Uma pancada na cabeça me silenciou de tal modo que, um sono ou desmaio de longa duração se me apossou de todas as faculdades, obrigando-me a repousar numa inconsciência difícil de descrever.

Refletia na renovação do caminho que enfrentaria em Porto Velho, mas no íntimo uma voz insonora qual a onda ao rádio desligado, me afirmava que o caminho seria a meta final para mim. Houve um momento em que essa voz se fez assim tão viva, que me lembrei de Jesus, que sofreu o martírio e a morte fora de casa, sob o céu azul que se tornou tempestuoso

e escuro. Lembrei-me dele, o nosso Senhor e Mestre, recordando as orações da mamãe Gessi, quando batalhava para que eu compreendesse a importância da prece.

Com esses pensamentos vi que o caminhão se aproximava, acreditando o motorista, por certo, que tomaríamos diferente rumo, entretanto o choque de ambos os veículos foi fatal.

A princípio ainda escutei vozes em torno de mim, mas admito que a hemorragia interna me dominou a cabeça e de nada mais soube, como se um grande branco se fizesse em meu cérebro. Depois de algumas horas, acordei ao lado da senhora que se me fizera enfermeira voluntária. "Chame-me por Vó Gertrudes", disse ela, e ao notar-lhe o sorriso de bondade me senti mais seguro. A minha voz parecia de uma pessoa retardada, porque em vão tentei balbuciar frases de indagação e reconhecimento. Só mesmo á custa de tempo, consegui que as minhas cordas vocais fossem reavivadas ou revitalizadas, e pude falar vagarosamente.

Vim a saber que os pais queridos estavam desolados em Monte Aprazível, e segui as preces da Vó Gertrudes pedindo a Jesus os confortassem, levantando-lhes o ânimo.

Poderão imaginar o que foi a minha provação em forma de surpresa. Chorei muito, ao modo de um menino habituado aos mimos domésticos, e minha querida Vó Gertrudes deixou que eu derramasse aquele pranto de saudade e de amor enquanto quisesse. Ao término da crise emocional que me tomou de assalto, perguntei por todos e pela nossa Cristina em particular, obtendo respostas consoladoras da Vó Gertrudes, que me ouviu com invejável paciência.

Os dias correram sobre os dias, embora para mim andassem lentamente. Quem é feliz não vê o tempo; entretanto para quem sofre como sofria, o tempo se assemelha a um relógio parado. Mas vencendo todos os obstáculos fui à nossa casa e pude ver a aflição e a tristeza que ali reinavam.

Já que estava com Vó Gertrudes, o meu único reconforto foi acompanhá-la nas preces, afim de que a segurança do papai Celestino e as forças da Mãezinha Gessi voltassem a levantá-los ao abatimento em que se encontravam.

Agora queridos pais, que lhes disse quase tudo com respeito às minhas pobres notícias, peço-lhes me desculpem se cometi alguns erros ao escrever-lhes, e agradeço quanto fizeram por mim e quanto fazem por nossa Cristina, que está igualmente em meu coração.

Mãezinha Gessi e meu paizinho Celestino abençoem-me, para que eu esteja mais seguro de mim próprio, e recebam com a nossa Cristina e todas os nossos, o abraço de amigo, reconhecidamente do filho e irmão que nunca os esquecerá e que lhes será constantemente reconhecido,

Antônio João
Antônio João Beira.

Notas e Identificações

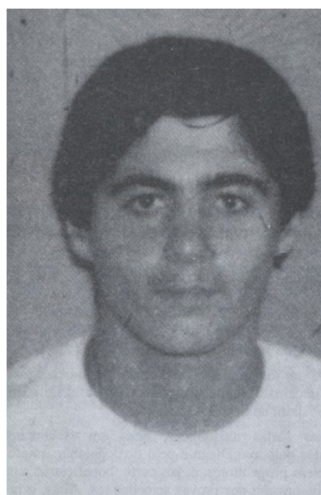
1 - Mãezinha Gessi e papaizinho Celestino - Casal Celestino Pampolim Beira e Gessi Aparecida Alvarenga Beira, residente à Rua Presidente Vargas, 829 - Monte Aprazível, SP. Pais adotivos desde os primeiros dias de vida de Antônio João. Chico Xavier informou-lhes que o jovem era um verdadeiro filho espiritual: "Ele foi encaminhado à sua mãe verdadeira." De fato, sempre houve uma permuta de afeto muito grande no relacionamento pais-filho.

2 - vó Gertrudes - Avó de D^a Gessi, desencarnada em 12/10/1963. Antônio João não a conheceu em vida material. Foi dedicada parteira, sempre humilde e caridosa.

3 - só mesmo, à custa do tempo, consegui que as minhas cordas vocais fossem reavivadas - Os órgãos do corpo espiritual também sofrem conseqüências do trauma do corpo físico, requerendo tratamento médico especializado.

4 - nossa Cristina - Gessi Cristina Beira, irmã.

5 - Antônio João Beira - Nasceu em José Bonifácio, SP, a 12/6/1969. A sua adoção trouxe grande alegria aos pais Celestino e Gessi, "porque antes dele chegar a nossa vida era triste e sem sentido." Concluiu a 8^a série na E.E.P.G. "Feliciano Sales Cunha", de Monte Aprazível. Frequentava com os progenitores as reuniões do Centro Espírita "Apóstolo Paulo". Já tinha lido Nosso Lar e outras obras doutrinárias, especialmente O Evangelho, de Kardec.



Luiz Roberto Estuqui Júnior

21

Provações com vistas ao terceiro milênio
(O grande número de desencarnações na juventude)

Quando retornava ao seu lar, em São José do Rio Preto, SP, viajando a sós, procedente de São Paulo, Júnior sofreu um acidente fatal próximo à cidade de Araraquara, em 4 de janeiro de 1984, com o capotamento inexplicável de seu Chevette.

Era um jovem alegre, esportista e estudioso, prestes a cursar o terceiro Colegial, filho único do casal Luiz Roberto Estuqui e Alzira de Souza Ita Estuqui.

Suas cartas mediúnicas, ricas em esclarecimentos transmitidos pelo avô Diego e pelo tio Joãozinho, muito confortaram seus progenitores, e, por certo, beneficiarão a muitos irmãos que passam por provas semelhantes. Aliás, o próprio Júnior explica: "Trago-vos estes apontamentos porque o meu avô Diego Ita considera isso oportuno para muitas famílias, que perderam entes amados, nos primeiros tempos de juventude."

Destacaremos, na Segunda Carta, a narrativa do tio Joãozinho com respeito ao seu acidente fatal, numa queda de avião, em 1976, com raízes em crimes cometidos há mais de trezentos anos.

PRIMEIRA CARTA

Querida mãezinha Alzira e querido papai Luiz Roberto, peço-lhes a bênção.

Estou ainda sob os efeitos daquela reviravolta da máquina que, até hoje, não sei compreender. Desajustado. Difícil. Traumatizado. Mas, não há de ser nada. Um dia vem sempre depois de outro e o tempo tudo restaura para o bem.

Estou sinceramente comovido e assombrado. Não contava com isso. Escrever-lhes depois da transferência que não pedi e que devo aceitar.

Creio que é preciso muita gentileza e muita tolerância, somando bondade, para se reunirem tantos amigos, com o objetivo de apoiar os que esmoreceram na chamada desencarnação e se viram surpreendentemente vivos, quando se supunham mortos e inúteis para sempre.

De qualquer modo, agradeço a este plantão de amor ao próximo que me possibilita a transmissão destas notícias.

Não posso divagar em muitas considerações, embora me sinta efetivamente reconhecido. Pensando assim me utilizo da mão que me serve, como quem se vê obsequiado por uma luva, a fim de vencer os tropeços que nos separam imaginariamente.

Digo imaginariamente, porque a verdade é que seguimos juntos, pelas forças espirituais que nos prendem uns aos outros.

Não tenho muito a descrever quanto ao acidente havido. Seguia a viagem de férias com o íntimo ensolarado de alegria. Nada me toldava o pensamento. Creio que um obstáculo que não reconheci me compeliu ao capotamento. Quis gritar por meu pai, rogar socorro, despertar algumas pessoas nas adjacências para que alguma providência me amparasse; entretanto, do cérebro não mais recebi forças para fazer sinais, como sejam a palavra, o grito, a súplica, o berro de dor... Minhas energias se apagaram numa parcela mínima de tempo e nada mais registrei. Tive a idéia vaga de quem sonha, fora da realidade, ao ver que populares e desconhecidos me

cercaram. Nada mais. O desmaio foi compulsivo, suave e aterrador ao mesmo tempo. Suave, porque o sofrimento do corpo, um tanto amassado, se me aliviou, de repente; e aterrador, porque intuitivamente sabia que estava entrando no domínio do desconhecido, sem qualquer luz que me clareasse no labirinto. Mais nada.

Admito que horas longas se passaram, até que acordei vagarosamente num aposento que não me era familiar. Trazia nos olhos um peso esquisito, que não me permitia reconhecer os que me rodeavam. Uma senhora e dois homens, que divisei a princípio, como que envoltos na névoa. Por fim, a senhora me falou com brandura que me achava ali, junto dela, tia Maria, e não havia razão para receios. Ali, encorajado, ganhei novas forças e meus olhos se revigoraram. Foi então que reconheci, ao meu lado, o avô Diego Adão e nosso dedicado amigo Fausto. Fiquei atoleimado, porque a presença do vovô Diego era um convite a refletir na morte.

Tia Maria, a enfermeira que me socorria com presteza e bondade, não estava em minha agenda de relações, mas vovô Diego era um problema diferente. Naturalmente, como aconteceria por aí, em qualquer hora grave, recordei o papai Luiz Roberto e a mãezinha Alzira, e desatei no pranto de criança grande que não deseja se apartar dos pais. Meu avô exortou-me à coragem. Um menino, rapaz que praticava esportes até perigosos, que estimava viajar em carro próprio e sozinho, que estimava difíceis competições não poderia chorar, qual se estivesse atirado às traças, quando ele e outros amigos ali se encontravam prontos a me assistirem, fosse a questão qual fosse. Tia Maria recordou orações. O nosso amigo Fausto brincou para chamar-me à tona de minhas obrigações de cavalheirismo, e a consolação me bafejou por momentos. Depois, mãezinha Alzira, ver os pais chorando, por minha causa me doeu ainda mais.

Enquanto o choque era meu, todas as emoções eram fáceis de atravessar; no entanto, visitá-los e senti-los arrasados de sofrimento era diferente. Dei-me pressa em me fortalecer para reconfortá-los, e venho pedir-lhes fé em Deus e coragem para as vitórias sobre os acontecimentos infelizes do mundo.

As saudades são muitas, mas estou bem, de vez que não me falta proteção. Penso que encontrarei motivações valiosas para estudar e trabalhar; mas, por enquanto, o corpo que não é corpo físico ainda me pesa

bastante, e preciso desfazer as impressões de angústia que acumulei em torno de mim.

Agradeço a oportunidade que me proporcionaram no sentido de falar-lhes, ainda mesmo, sem melhorar o meu padrão de palavras, o que, de algum modo, me alivia de maneira surpreendente. Não chorem por mim, para que minhas lágrimas de saudade e inadaptação consigam diminuir. Lembrem-me forte e robusto. A morte será um despojamento, mas não é a extinção do ser. Diriço-me a ambos com o meu pensamento íntegro, na clara identidade de que sou eu mesmo a falar de mim próprio.

Agradeço-lhes, tanto quanto agradeço aos amigos, o auxílio que me prestaram, em matéria de amparo religioso. Toda idéia de carinho e todo voto de amor a Deus em meu benefício me serviram por degraus, na escada psicológica da reconquista de minha própria conscientização. Sou grato a todos.

Perdoem-me se encerro aqui estas linhas desvalidas de qualquer cuidado de minha parte. Escrevi unicamente para reafirmar-lhes quanto os amo e para que me saibam vivo, e a caminho de minha própria recuperação mais ampla.

Nada possuo de bom para lhes ofertar, mas aqui em companhia do meu avô Diego, peço-lhes receber o coração muito saudoso e muito reconhecido do filho e companheiro de sempre,

Luiz Roberto.

Luiz Roberto Estuqui Júnior.

Notas e Identificações

1 - Psicografada a 24/02/1984.

2 - vovô Diego Adão - Diego Ita Adão, desencarnado em 21/02/1982, aos 65 anos.

3 - Fausto (tio Joãozinho) - João Fausto Estuqui, desencarnado em 16/10/1976, aos 32 anos, vítima de acidente aéreo, na cidade de Votuporanga, SP.

4 - Luiz Roberto Estuqui Júnior - Nasceu a 03/12/1966 e deixou o Plano Físico aos 17 anos.

SEGUNDA CARTA

Querido papai Luiz Roberto e querida mãezinha Alzira, abençoem-me.

Estou aqui, satisfeito, por me sentir lembrado. Pai amigo, o tempo não é nosso inimigo e sim nos empresta os melhores valores da educação. Nossa saudade tem sido um conflito em que nos sentimos atirados para compreender, com mais segurança, as provações dos outros. Antes de nossa separação transitória, mamãe Alzira, você e eu não pensávamos tanto nas dificuldades do próximo, e hoje a dor dos que lutam e sofrem encontram eco imediato em nossas almas.

Tantas são as modificações em nossos hábitos, que somos impelidos a agradecer ao Senhor a desencarnação violenta a que fui trazido. Por isso, creio que um novo estágio de maturação chegou para nós, que sofreremos com os desgostos e os contratempos de outros, que nos seguem a vida de cada dia.

O meu avô Diego Ita é de opinião que a morte, em qualquer tempo, será para nós todos, os que partimos e os que ficam, um estágio precioso de reflexão que nos impelem a suportar transformações, que sem ela estaríamos em dificuldades para alcançar.

De janeiro para cá passei por muitas mutações. O cérebro adquiriu o livre-arbítrio com responsabilidade, de tal maneira, que começamos sempre a pensar, antes de fazer isso ou aquilo, e aprendemos, sobretudo, a considerar os sofrimentos e os interesses alheios.

Aqui prossigo em meu curso de reajustamento. Estou mais calmo e com isso minhas esperanças são mais claras. Muitas vezes, surpreendo-me o pensamento a indagar porque motivo teria sido eu chamado à Vida Espiritual, na fase em que mais poderia, talvez, me preparar a fim de auxiliá-lo. Mas o tio Joãozinho, a quem levo as suas perquirições para estudo, e por entender melhor a vida, me respondeu que, por amigos daqui, veio a saber que milhões de pessoas estão passando pela desencarnação no tempo áureo da existência, porque nos achamos numa fase de muitas mudanças na Terra. E aqueles Espíritos retardatários em caminho, quando induzidos a considerar a extensão das próprias dívidas, aceitam a prova da desencarnação mais cedo do que o tempo razoável para a partida, e são atendidos com a separação de pais e afetos outros, no período em que mais

desejariam continuar vivendo, em razão do tempo que perderam com frivolidades nas vidas que usufruíram.

São muitos os companheiros que se retiraram da Terra, compulsoriamente; das comodidades humanas em que repousavam, de modo a rematarem o resgate de certos débitos que os obrigavam a sofrer no âmago da própria consciência. Ele mesmo, o tio Joãozinho, me explicou que tendo pedido exames para saber o motivo pelo qual perdeu o corpo numa queda de avião, foi conduzido, por mentores competentes, junto dos quais pôde ver, num processo de regressão, as causas da desencarnação violenta pelo qual foi obrigado a alcançar. Disse-me que conseguiu observar cenas tristes de que fora protagonista, há mais de trezentos anos, nas quais se via na posição de algoz de vasta comunidade humana, atirando pessoas humanas a poços de tamanho descomunal, por motivos sem maior importância. Assim, ele precipitou muita gente do alto de montes ásperos e empedrados, com o objetivo de conquistar destaque nas posições da finança e do poder. As faltas cometidas permaneceram impunes, por ausência de autoridades nas localidades de sua atuação, mas, perante a Justiça Divina, os disparates levados a efeito foram assinalados para resgate em tempo oportuno. Desse modo, o tio afirmou que tendo arrasado a vida de muita gente, do ápice de montanhas alcantiladas e espinhosas, conseguiu liberar-se com a angústia por ele sofrida na queda da máquina que o resguardava. Disse-me que a morte o liberava de pagamentos quase inexequíveis, e já que devia unicamente o remate de débitos contraídos, considerava o acidente aéreo uma solução benigna para ele que se vê agora, sem a mácula de culpa alguma.

Quando comuniquei a ele que me propunha a requisitar um exame de minha situação, apenas sorriu e me aconselhou a adiar o pedido. Afirmou ele: "- Luiz Roberto, há tempo bastante para compreendermos os males que nos ocorreram, e não vejo você claramente preparado para suportar, sorrindo, um resgate que talvez lhe custe muito sofrimento." Desse modo, acomodei-me e não desejo saber, por agora, as causas do capotamento do carro que me retirou da vida. Esperarei.

O meu tio Joãozinho sabe melhor muitas minudências de nosso passado e devo amadurecer o meu raciocínio para saber, com vantagem, o porquê daquele carro capotado que me serviu de base à viagem do regresso

à Vida Espiritual. Pai, há muito por aprender e fazer, e a precipitação não serve a ninguém.

Esta é uma lembrança que trago aos pais amigos, para que se reconfortem quanto ao acidente de que fui vítima, pois tem razão de ser, e muita gente, de nosso lado, vem aceitando rudes provações por desejar alcançar o Terceiro Milênio de consciência limpa e coração lavado.

Trago-lhes estes apontamentos porque o meu avô Diego Ita considera isso oportuno para muitas famílias, que perderam entes amados, nos primeiros tempos da juventude.

Mas fico por aqui, já que esta nota para nossos estudos é suficientemente clara para assimilarmos paciência e compreensão, diante de certos fatos amargos que nos alcançam.

Papai querido e querida Mãezinha Alzira, com lembranças a todos os nossos, peço-lhes receber as muitas esperanças e saudades do filho sempre agradecido,

Luiz Roberto Estuqui Júnior.

Notas

5 - Psicografada a 15/9/1984.

6 - porque nos achamos numa fase de muitas mudanças na Terra. (...) e muita gente, de nosso lado, vem aceitando rudes provações por desejar alcançar o Terceiro Milênio de consciência limpa e coração lavado. Encontramos na literatura espírita, vários esclarecimentos, a respeito desse importante assunto, e dentre eles, citaremos: 1. Mensagem de São Luís, respondendo à última pergunta de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec. 2. Prefácio, q. 8 e 9 do Cap. I, q. 5 do Cap. IX e q. 14 do Cap. XI de O Evangelho Segundo o Espiritismo, A. Kardec. 3. Regeneração da Humanidade, Segunda Parte, Obras Póstumas, A. Kardec. 4 e 5. Lição de Jesus, Cap. VI da Segunda Parte (Alvoradas do reino do Senhor), Há Dois Mil Anos e Cap. XXV (O Evangelho e o Futuro), A Caminho da Luz, ambos de Emmanuel, F.C. Xavier, FEB.

TERCEIRA CARTA

Querido papai Luiz e querida mãezinha Alzira, peço-lhes me abençoem.

Agradeço as preces e flores que me deram na semana penúltima. Dia 4 marcou um ano. Felizmente não temos motivo para chorar, porque, em apenas um ano de espiritualidade, efetuamos abençoadas realizações com expressivos lucros espirituais.

A morte é uma interferência dolorosa no campo familiar, mas, da essência dela, decorrem ensinamentos de imensa importância. Tenho a idéia de que a dor e a saudade nos adoçaram os corações, impelindo-nos para um maior relacionamento com o mundo fora do nosso.

Possuíamos um amor a três, enraizado na vida, quase sem meios de se mostrar fora de nossas paredes domésticas; entretanto, o trio ampliou caminhos e criou motivações de caráter sublime, a fim de entendermos que existe muita gente com problemas muito mais difíceis do que os nossos.

É verdade que a carência afetiva quase nos conturba, mas a fé nos socorre patenteando-nos que a vida prossegue além do retângulo em que o nosso corpo inerte descansa.

Isso foi uma revolução em nossas vidas, de vez que, pela dor passamos a encontrar a ponte da comunicação uns com os outros. Graças a Deus, tudo se processou como o melhor para nós.

Mãezinha Alzira, agradeço as suas mensagens no silêncio, dialogando comigo quando o seu corpo físico repousa.

Vejo-a mais serena e valorosa, e isso me traz reconforto.

Trabalhem. Todo o bem que por ventura se faça possível semear, em auxílio aos outros, voltará sempre para nós com a mensagem de alegria apoiando-nos a caminhada.

Pai amigo, posso dizer-lhe que conheço não apenas o vovô Diego, mas também a querida Guela, a madrinha Sinhá com que me entretenho buscando revê-los.

Somos todo um grupo de corações felizes, e rogamos a Jesus nos conserve a união, de modo a nos sustentarmos aptos para o trabalho que possamos desenvolver.

Conheço igualmente o Dr. Cenobelino de Barros Serra e o Dr. Justino de Carvalho, ambos médicos que se nos aliam aos serviços de beneficência, não somente na condição de médicos com deveres a serem cumpridos, mas acima de tudo na alegria de auxiliar aos que necessitam.

E a vida vai correndo, para mim com algum progresso no capítulo dos estudos que hoje compreendo que eles se nos fazem necessários.

(...)Com o amor e a lealdade do filho sempre reconhecido,

Luiz Roberto Estuqui Júnior.

Nota e Identificações

7 - Psicografada a 12/01/1985.

8 - querida Guela - Assim chamada, na intimidade, a bisavó materna Joana Robles, desencarnada em 26/5/1972.

9 - madrinha Sinhá - Sua bisavó materna, Abília Alves de Oliveira, desencarnada em 02/7/1980.

10 - Dr. Cenobelino de Barros Serra - (01/4/1890 - 14/11/1953) Médico renomado, foi um dos fundadores da Santa Casa de S. José do Rio Preto, juntamente com outros 12 médicos, inclusive o Dr. Justino de Carvalho. Prefeito em 1928. Em 1916-17, na Europa, prestou serviços em nome do Brasil, como chefe da Grande Comissão organizada pela Cruz Vermelha Internacional, durante a I Grande Guerra. (Álbum de São José do Rio Preto)

11 - Dr. Justino de Carvalho - Conceituado médico, foi sócio-fundador da Sociedade de Medicina em 1925. De descendência portuguesa, foi Vice-Cônsul de Portugal em Rio Preto. Profissional muito caridoso, tornou-se um grande benfeitor dos enfermos mais humildes. (Álbum de S. J. do Rio Preto)



Adolfo Aleixo Martins

22

Investimentos no banco da divina providência

Dez anos se passaram desde o 30 de abril de sua desencarnação... E, em 1978, na mesma data, 30 de abril, Adolfo Aleixo Martins voltou a dialogar, pela psicografia de Chico Xavier, com os familiares queridos que deixou na Terra. Homem metódico, curiosamente, ele “manteve a tradição” quanto ao calendário, pois nasceu a 30 de abril de 1903...

Em carta afetuosa, mostra-se perfeitamente entrosado com a família terrena, provando que, embora domiciliado no Além, há uma década, acompanhou todos os passos de seus entes amados, com carinho e dedicação, e, nessa primeira oportunidade, vem ofertar-lhes oportunas orientações.

“Não acredite no poder da idade física ou da doença” – é uma advertência preciosa à esposa, já idosa e sempre adoentada. E ao filho Lélío, exterioriza sua “satisfação de vê-lo cada vez mais empenhado ao serviço de socorro aos nossos irmãos enfermos.”

Em sua Segunda Carta (de 06/01/83), quase cinco anos após a Primeira, volta a realçar a importância do serviço assistencial, afirmando,

com sabedoria, que “trabalho no auxílio aos outros, é o outro lado de nossa cura” e “os investimentos no Banco da Divina Providência são os mais valiosos.”

PRIMEIRA CARTA

Querida Telva, peço a Deus nos proteja e nos abençoe.

A emoção é muito grande, para caber em letras assim tão pequenas.

Dez anos de saudade, embora todo esse tempo esteja para nós dois iluminado pela fé.

Dizer a você o que tem sido a renovação para mim é qualquer coisa de impossível. Depois daquelas semanas em luta com o corpo físico, reconheço que me libertei da prova, à maneira de um homem que conseguisse sair de uma casa em pedaços...

É verdade que saí, mas não me libertei de mim mesmo... Você, a companheira de todos os dias, e os filhos queridos, me povoam os pensamentos.

A gente crê por aí que a desencarnação é um ato de vida repleto das idéias de Deus - de Deus somente - mas Deus está no amor que cultivamos uns pelos outros.

Impossível arredar para longe, deixando-a a sós com os nossos rapazes e tarefas.

Amparado por minha mãe Adelaide, e por nosso amigo Flores, que me esperavam de braços abertos, o que eu chorei não posso contar ao seu coração, porque as lágrimas eram a alegria de alcançar uma vida nova, com tanta proteção em meu favor, e o sofrimento de deixá-los, sem minha presença.

Sabemos que a presença indispensável é a de Deus, mas querida Etelvina, quem é pai ou mãe sabe que o amor pela família é tudo de melhor que uma pessoa guarda consigo e temos a presunção de que os entes amados não serão felizes sem nós.

Mas aí está você, com a sua dedicação de sempre, trabalhando por dois - você e eu mesmo.

Agradeço ao seu carinho, tudo o que fez por mim, em todos os tempos de nossa vida no lar, e peço a Jesus recompense o seu coração com forças sempre novas para a continuidade do trabalho.

Escorei-me muitas vezes em sua fé para não desanimar e, embora me reconheça pequeno qual ainda sou, quero afirmar que prossigo ao seu lado e ao lado de nossos filhos, esforçando-me para lhes ser útil.

Tenho aqui em minha companhia a mamãe Adelaide, o Antônio, o João e familiares outros que nos amparam quanto possível.

De quando a quando, em família, realizamos as nossas peregrinações de carinho para rever o Joaquim, a Dilica, o Denizard e tantos outros de nossos parentes. Quanto a mim pessoalmente, acompanho a vocês, o tesouro doméstico que Deus me concedeu, buscando refazer as suas forças para que o desânimo não visite os seus espíritos decididos no dever que o Alto nos deu a cumprir.

Não acredite no poder da idade física ou da doença. O tempo no corpo e a enfermidade são alguma coisa; mas não são forças irresistíveis. Não interrompa as suas atividades, conquanto em certas horas se veja você obrigada a reduzi-las.

Guarde a sua confiança em Jesus porque o Senhor não está ausente. A prece sempre foi uma bênção em nossa casa e, na oração, você terá seus recursos reajustados quanto à saúde física, sem desprezar a medicação como é claro.

Estou muito contente com as tarefas que o nosso Lélío vem abraçando em auxílio aos irmãos doentes. Peço a você não se preocupar se o nosso rapaz ainda não cogitou de casar-se. Isso fica para os Desígnios da Vida Superior. O que me comove é a satisfação de vê-lo cada vez mais empenhado ao serviço de socorro aos nossos irmãos enfermos. Peço a Deus o proteja, renovando-lhe os meios de auxiliar.

Quanto ao nosso caro Adolfinho, não o esqueço nos votos ao Senhor para que o vejamos feliz junto da companheira e dos filhinhos. Maria Luíza é uma criatura de qualidades nobres, capaz de impulsioná-lo à realizações sempre maiores, e os nossos queridos netos Wladimir e Adriana, são duas esperanças em meu coração.

Qual você consegue observar, a morte não é uma ocorrência que nos modifique tanto, qual anteriormente supúnhamos. Ainda sou o mesmo

homem ligado aos meus, entretanto agora, dou mais valor aos seus apontamentos de companheira. Querida Etelvina, uma esposa amiga e devotada para seu velho, agora mais se parece a um coração de mãe a velar pelo marido.

Perdoe as minhas teimosias e as horas de irritação que me tomavam sem motivo. Afinal, hoje creio que, em muitos casos, a pessoa quase sempre, apenas depois da morte do corpo, é que sabe avaliar com mais segurança a felicidade que guardou nas mãos. Digo isso, porém, sabendo que me regozijo por encontrar as suas preces clareando as estradas que devo percorrer, e ignoro como agradecer tanto devotamento de sua parte para com o velho companheiro que lhe vem beijar as mãos.

Telva querida, não posso escrever mais. Abençoe nossos filhos por mim, afirmando-lhes que essa bênção não é minha, e sim a que peço diariamente a Deus em nosso benefício.

Agradeço à estimada companheira de viagem, a nossa prezada Virginita, que ficou a seu lado, com o carinho de uma filha espiritual.

Antônio deixa um abraço para você e como sempre pede a aprovação do seu olhar para a minha felicidade, e roga a Jesus por sua felicidade.

O esposo e irmão na Vida Maior que lhe entrega hoje como sempre, todo o seu coração, no carinho e no reconhecimento de todos os instantes,
Adolpho.

Notas e Identificações

1 - Querida Telva - Assim chamava, na intimidade, sua esposa Etelvina Martins, atualmente com 77 anos, residente em Belo Horizonte, MG, à Av. Afonso Pena, 1735 - apart. 302.

2 - Depois daquelas semanas em luta com o corpo físico - Ele muito sofreu com a enfermidade, tumor de próstata, que o levou à desencarnação.

3 - mãe Adelaide - Adelaide Francisco Aleixo, progenitora desencarnada.

4 - amigo Flores - Antônio Loreto Flores, grande amigo, foi um espírita devotado. Médiun receitista e de desdobramento. Fundou o Centro Espírita "Amor e Caridade", de Belo Horizonte, e o Centro Espírita

"Campos Vergal" na Colônia Santa Isabel (de hansenianos), em Betim, MG.

5 - Antônio - Antônio Aleixo Martins, irmão desencarnado. Presidiu o Centro Espírita "Amor e Caridade", de Belo Horizonte, durante 30 anos.

6 - Joaquim, Dilica e Denizard - Irmãos. Os dois primeiros residem em Bicas, MG, e o último em Belo Horizonte.

7 - tarefas que o nosso Lélío vem abraçando em auxílio aos irmãos doentes (...) ainda não cogitou de casar-se. - Lélío Aleixo Martins da Silva, filho, casou-se em 1987. Participa, com a esposa Sarah, de uma Caravana que visita, mensalmente, a Colônia Santa Isabel e creches de excepcionais, dando continuidade às tarefas iniciadas pelo progenitor junto aos irmãos tuberculosos dos Sanatórios localizados na periferia de Belo Horizonte.

8 - Adolfinho, Maria Luíza, Wladimir e Adriana - Família constituída pelo seu filho Adolfo Aleixo Martins da Silva, nora e netos.

9 - Virginita - Doméstica que acompanhou D. Etelvina a Uberaba.

10 - Adolpho - Para surpresa da família, tanto nesta carta, como na Segunda, o Sr. Adolfo Aleixo Martins assinou o seu nome com ph, mostrando que adotou essa grafia no Mais Além. Nasceu em Bicas, mas radicou-se na Capital mineira, como comerciante, desde a juventude, aí residindo até a desencarnação. Autodidata, cultivava a literatura, com muita inspiração para a poesia. Deixou versos esparsos, trovas e poesias, muitas com conteúdo espírita.

SEGUNDA CARTA

Querida Telva, peço a Jesus nos abençoar.

(...) e sigo você e o nosso querido Lélío, na tarefa de cooperar pela manutenção da outra família nossa: a família dos irmãos necessitados para quem as nossas migalhas de amor são estrelas de carinho que eles recolhem no coração.

Etelvina, nunca aprendi tanto, como nestes anos últimas, nos quais compartilho dessas abençoadas campanhas de paz e luz nas quais recebemos tanto, fazendo o nosso pouco de trabalho e concurso fraterno... Um dia vocês reconhecerão também, aqui na Vida Espiritual, que os mais

valiosos investimentos, são esses que se nos faculta, o Alto, a alegria de realizar no Banco da Divina Providência.

Quem dá possui sempre mais do que cede de si mesmo, e conserva sempre o crédito adquirido, perante o Senhor, na pessoa desse ou daquele irmão que nos permite efetuar o trabalho do bem, que se nos faça possível. Os nossos amigos hansenianos, os nossos doentes desvalidos, as crianças que sofreram o peso das provações no início da própria existência, à maneira de flores dilaceradas por tempestades do mando, nas horas do próprio desabrochar ou nos momentos do amanhecer, são benditos companheiros nossos, e benditos sejam esses nossos credores, a quem buscamos entregar o possível de nossos recursos e de nosso amparo, entendendo que acompanhar a Jesus, será servi-lo na pessoa do próximo - a ponte de nosso encontro na Luz Maior.

(...) Estas minhas notícias simples, ao lado de nossas companheiras Iolanda e Neuceli, são unicamente o meu anseio de trazer a você a certeza de nossa presença incessante. Ontem, era eu o homem nem sempre interessado no ideal de servir, quase sempre cercado pelas forças da indiferença; hoje, no entanto, a vida verdadeira esculpiu, em meu coração, o esposo e pai mais dedicado e compreensivo que poderia ter sido.

(...) Peço a você continuar em seu tratamento de saúde, mas não perca a sua alegria de agir e viver. Toda indisposição física é inerente ao corpo que passa, embora nos caiba o dever de prestar ao corpo físico, a assistência necessária.

Trabalho no auxílio aos outros, é o outro lado de nossa cura, em qualquer setor do mundo em que nos achemos.

(...) o seu companheiro e esposo amigo e servidor de sempre,

Adolpho.

Nota

11 - Iolanda e Neuceli - Dedicadas obreiras espíritas, vinculadas ao Grupo "Bezerra de Menezes", de São Paulo, SP, que presta assistência aos necessitados, especialmente aos irmãos hansenianos.



Ivo de Barros Correia Menezes

23

Problemas do sexo no mais além

O jovem Ivo de Barros Correia Menezes, Ivinho na intimidade, desencarnado em 1978, já é nosso conhecido como autor espiritual de interessantes cartas psicografadas por Francisco Cândido Xavier, publicadas nos livros Retornaram Contando (Cap. 4, "É fácil morrer, mas não é fácil desencarnar", 1ª ed. em 1984) e Caravana de Amor (Cap. 11, "Novas Confidências de Ivinho", lançado em 1985), edições IDE, e mais recentemente no Anuário Espírita 1988 ("Problemas do Sexo Mais Além em Cartas de Ivinho", p. 71-79) e Anuário Espírita 1988, nº 3, em espanhol, editado pela Mensaje Fraternal, Caracas, Venezuela ("Problemas del Sexo en el Más Allá, en Cartas de Ivinho", p. 62-70).

A temática básica dessa afetuosa correspondência com a progenitora, D. Neide de Barros Correia Menezes, residente em Belo Horizonte, MG, à Rua Dom José Pereira 366/101, Coração Eucarístico, iniciada em 15 de maio de 1982, tem sido os seus problemas ligados à esfera sexual e igualmente de Bernardo, seu companheiro inseparável, ambos desencarnados num mesmo acidente automobilístico.

Observa-se que essas páginas mediúnicas refletem um grande esforço íntimo à procura de uma adaptação no Plano Espiritual, esforço esse melhor caracterizado na Sexta Carta, quando ele desabafa, logo após o preâmbulo - "Mas hoje, Mamãe Neide, quero falar-lhe à vontade, sem a pretensão de me esconder." - seus profundos anseios, quase caracterizando uma fixação mental em torno da libido, desejando namorar, contrair matrimônio e criar filhos...

Tal abordagem de tema tão delicada, impregnada de preconceitos, não foi bem compreendida pelos leitores de suas cartas (impressas e divulgadas pela progenitora), reação essa assim analisada em sua missiva seguinte, psicografada a 13 de outubro de 1984, noite de lançamento do livro *Retornaram Contando*:

PRIMEIRA CARTA

Mãezinha Neide, muito grato, porque você me compreendeu e não encontrou motivos para reprovar-nos. Muito pelo contrário, o seu coração passou a palpitar muito mais entranhadamente com o meu, compadecendo-se de nós.

(...) Entretanto, Bernardo e eu, embora protegidos com segurança, e claramente doutrinados pela Vovó Celeste e pelo Vovô Mário Barros, carregávamos conosco o que atualmente se chama na Terra: "o problema da libido."

Somos jovens e não vimos nada de mais em descrever-lhe o tumulto de nossas emoções. Pensávamos em casamento, noivado, satisfação pessoal e em outras questões satélites, e fomos sinceros ao contar-lhe as necessidades que tínhamos experimentado.

Eu, pelo menos, não achei absurdo confidenciar à minha querida mãe quanto se passava. Não existe para mim outra pessoa mais habilitada a entender-nos e dirigir-nos pelo melhor caminho. Ainda, assim, os poucos que leram as páginas, de filho confidente, se mostraram perplexos.

(...) Muitos jovens dão notícias mas não tocam na assunto, condicionados que se acham aos receios pueris de se analisarem e de se mostrarem como são.

Passados alguns anos de luta íntima, em busca do equilíbrio emocional, Ivinho e seu amigo Bernardo finalmente encontraram um caminho de trabalho e paz, quando naturalmente já estavam em condições espirituais de o percorrerem, conforme o seguinte depoimento:

Uma turma de jovens desencarnados nas procurou e nas disse das vantagens de um grande esporte que excede a eficácia dos remos (*) para a exaustão de forças criativas acumuladas: o esporte do serviço aos semelhantes, o esporte da caridade, para a qual as suas preces e as preces da Vovó Ciazita nos encaminharam. E a verdade é que o Bernardo e eu alcançamos melhoras positivas.

(*) *Era o esporte predileto de Ivinho, quando encarnado.*

A Sétima Carta de Ivinho, que integra o livro *Caravana de Amor*, Capítulo 11, da qual extraímos os tópicos acima, não encerrou a sua correspondência afetiva com D. Neide, pois ele continua enviando novas notícias pelo médium Chico Xavier, quase todas as vezes que a progenitora se desloca de Belo Horizonte e comparece à reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG.

Em suas missivas mais recentes, ainda inéditas em livro, Ivinho faz outras importantes considerações em torno do sexo, que transcreveremos a seguir:

este é um assunto dos mais importantes a ser debatido pelas criaturas em futuro próximo.

(...) Ando agora melhor de minhas deficiências. Entrei no esporte que deve ser interpretado ao mundo como sendo o esporte da cura espiritual

A caridade é terapia das melhores. Carregar fardos grandes ou pequenos; visitar enfermos; escolher para os doentes o elemento que se lhes faça mais indicado às melhoras de que necessitem; auxiliar na limpeza dos enfermos anônimos, ou suportar remoques e gritarias dos outros, guardando-nos na paz de que tanto necessitamos para viver; compartilhar do trabalho das equipes de serviço e apaziguamento, no auxílio aos outros, representa esporte salutar que nos impele a esquecer o que consideramos instinto inferior, fadado a desaparecer.

As suas preces têm sido as minhas bênçãos.

Mãezinha Neide, não peço perdão por haver levantado os problemas do sexo no Mais Além, porque este é um assunto dos mais importantes a ser debatido pelas criaturas em futuro próximo.

Nossas cartas despertaram muita gente que dormia nesse estopim que ameaça a comunidade com explosões extremas, e não me envergonho de quanto disse em matéria de verdade.

Aguardemos o tempo próprio que nos trará muitas confirmações e surpresas.

Escrevo devagar porque o terna é ainda quase que inexplorado no mundo e não posso assumir a liderança em problemas tão graves que ficaram entre nós, mãe e filho, unicamente.

(...) Sem desejar ferir a ninguém, para grande percentagem dos espíritos desencarnados na juventude, se os conflitos do sexo não forem resolvidos, os processos de obsessão pelo mundo afora estarão muito mais amplos e mais complexos. Opinião minha, simplesmente, que vivi a questão em mim próprio e que vou asserenando os meus impulsos muito devagar (...)

(11ª Carta, 28/11/1985.)

vimo-nos transportados para outro ambiente residencial.

Querida Mãezinha Neide,

Cá estamos nós, Bernardo e eu, para transmitir-lhe as nossas boas notícias.

Felizmente as suas orações com as preces da Vovó Ciazita nos abriram caminhos novos.

Certa noite, pedimos a proteção do Pai Misericordioso com tamanho fervor, após havermos partilhado as suas orações com a Vovó, em nossa casa de Belo Horizonte, que, sem que saibamos explicar, depois do descanso vimo-nos transportados para outro ambiente residencial.

Notamos que o ar é muito mais leve ao que aquele que nos servia de alimento, onde nos achávamos, quase encadeados ao Plano Físico, e bastou essa mudança para que nos sentíssemos mais ágeis e menos pesados. Indagamos a um guarda, que se mostrou sintonizado conosco, e

ele nos disse que a nossa melhora decorria do fato de haveremos modificado o que ele chamou por dieta respiratória.

Nossos desejos de natureza inferior foram atenuados, a ponto de esquecermos a fase de inquietação da "libido". Temos a felicidade de notificar-lhe, Mãezinha Neide, que estamos realmente melhores e mais fortes.

Reconheço que muitas das necessidades presentes no Espírito desencarnado é a compatibilidade com os anseios da maioria daqueles que lhe compartilham da presença no mesmo Plano. Sob a pressão de milhares de pessoas, quase atormentadas pelo sexo torturado, estávamos na condição de espelhos mentais refletindo as exigências de nossos companheiros, que se mostravam piores quando somadas às nossas próprias imperfeições.

Compreendo que, depois da morte, seguimos no mesmo rumo daqueles que cultivam pensamentos semelhantes aos nossos e, por isso, é muito importante que se precatem as criaturas cultivando pensamentos de amor puro e a harmonia possível com todos, a fim de não demorarem na região onde estivemos atormentados por tanto tempo.

(...) e contando com o prosseguimento de suas petições aos Mensageiros do Bem a nosso favor, beijo-lhe as mãos queridas e as mãos da Vovó Ciazita, o seu filho sempre mais seu

Ivinho.

(16ª Carta, 08/11/1986.)

(...) As suas preces com as da Vovó Ciazita nos descerraram novos caminhos e nesses caminhos permanecemos, com os tesouros de orientação e resistência que Jesus colocou em nossas próprias almas.

Agora, encontramos definições e posicionamentos do amor que desconhecíamos, e agradecemos a Jesus por todas as bênçãos que passaram a nos felicitar (...)

(17ª Carta, 17/01/1987.)

Querida Mãezinha Neide, Deus nos abençoe.

Depois de tantos apuros com o tratamento ao papai Adalberto, aqui estou para dizer-lhes que o Bernardo e eu acompanhamos todas as suas

tarefas. E regozijamo-nos por vê-la forte e bem disposta para proteger o papai Adalberto, a Maria Ângela, o Júnior e Pedro Ivo, com essa sua disposição de compreender e servir.

Não poderia faltar ao coro de vozes que saúda o Dia das Mães, e transmito a você e à vovó Ciazita os meus votos para que recebam de Deus um maravilhoso Dia das Mães. No dia exato espero levar-lhes flores que serão flores autênticas, mesmo partindo daqui da Vida Espiritual.

Querida Mãezinha Neide, de nossos problemas psicológicos estamos muito melhores e agradecemos, o Bernardo e eu, as preces que fez com a vovó Ciazita em nosso favor.

Lembranças a todos de casa, e receba as saudades imensas com o carinho incessante de seu filho,

Ivinho.

(18ª Carta, 02/05/1987.)

Querida Mãezinha Neide,

Como sempre, o Bernardo e eu solicitamos a sua bênção.

Mãe Neide, venho felicitá-la pela recepção da netinha que veio enriquecer a união da família. O Júnior não quis ficar na retaguarda e surpreendeu a nossa Maria Ângela com uma sobrinha que muito alegrará o Pedro Ivo. Mãezinha Neide, quem será ela que volta ao nosso convívio na Terra? Seu maternal coração fará a contra-pergunta indagando de mim, porque, em me achando aqui, na Vida Espiritual, nada sei a respeito.

Mas, dou graças a Deus por me reconhecer melhorando e mais seguro de mim mesmo, e já encontro em mim a paciência de esperar pelo dia em que a reconhecerei. Por agora ainda estou na convalescença da perturbação a que me vi atirado por muito tempo e não tenho coragem de interrogar os Benfeitores que me auxiliam, atendendo-lhe, e aos pedidos da Vovó Ciazita. Aguardaremos o momento propício à revelação a que me refiro, e agradeço as suas preces e as preces da Vovó Ciazita que me propiciaram novas forças para estudar e viver.

(...) Muitos beijos do seu

Ivinho.

(20ª Carta, 21/05/88.)

Notas e Identificações

1 - Nas últimas cartas aparecem dois novos personagens da família: Pedro Ivo, sobrinho, filho de Maria Ângela, nascido a 24/7/84, e a sobrinha, filha de Júnior, nascida a 1^a/01/88, dia do aniversário de Ivinho.

2 - A experiência de Ivinho no campo do sexo, transmitida nessas Cartas, é valiosa e oportuna, constituindo precioso subsídio em nossos estudos e meditações em torno de questão das mais importantes.

3 - A sua recente transferência de Plano Espiritual, certamente com merecimento, que lhe proporcionou nítido bem-estar e maior equilíbrio emocional, faz-nos lembrar da experiência de André Luiz, Espírito, descrita em seu livro *Nosso Lar* (F. C. Xavier, FEB), onde no Capítulo 2 conta que foi transportado por Benfeitores Espirituais para a cidade "Nosso Lar", localizada em plano mais alto, deixando uma zona umbralina de atmosfera bem mais densa e de clima espiritual muito inferior.

A divisão da Atmosfera Espiritual, que envolve o nosso Planeta, em faixas ou planos bem delimitados, habitados por Espíritos que aí se distribuem de acordo com o grau evolutivo, é bem esclarecida, com desenhos ilustrativos, no livro *Cidade no Além* (Espíritos André Luiz e Lucius, médiuns F. C. Xavier e Heigorina Cunha, IDE).

4 - Sem a pretensão de levantar toda a bibliografia espírita a respeito de Sexo no Além, finalizaremos essas Notas, citando apenas as seguintes obras do Espírito de André Luiz: *Evolução em Dois Mundos* (cap. 10 e 11 da Segunda Parte, FEB) e *E a Vida Continua...* (cap. 14, FEB), bem como a sua entrevista concedida ao *Anuário Espírita* 1964, nº 1, pela psicografia de F. C. Xavier e W. Vieira (transcrita parcialmente no *Anuário Espírita* 1988, p. 77)

fim